



Universidade Federal do Paraná

Reitor - Zaki Akel Sobrinho

Vice-Reitor - Rogério Andrade Mullinari

Pró-reitora de Extensão e Cultura - Elenice Mara Matos Novak

Coordenadora de Cultura - Lúcia Maria Bueno Mion

Téssera Companhia de Dança da UFPR -Rafael Pacheco, Cristiane Wosniak e Juliana Virtuoso
www.tessera.ufpr.br

Design Gráfico: UNIGRAF/PROEC - Wilson M. Voitena

Impressão: Speed Gráfica e Editora Ltda.
Tiragem: 250 unidades

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ.
SISTEMA DE BIBLIOTECAS. BIBLIOTECA CENTRAL.
COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS.

Ficha catalográfica

T338 Téssera Companhia de Dança da UFPR : 30 anos :
1981 – 2011 / autoria: Cristiane Wosniak
- Universidade Federal do Paraná.
[Curitiba : UFPR, 2011].
144 p. : il. (algumas color.) ; 22 cm.

Inclui referências e notas

ISBN 978-85-88924-11-6

1. Companhia de Dança da UFPR – História –
30 anos. 2. Téssera Companhia de Dança da UFPR.
3. Dança moderna. I. Universidade Federal do
Paraná.

CDD 22.ed. 792.8

Samira Elias Simões CRB-9/755

TÉSSERA COMPANHIA DE DANÇA DA UFPR: 30 ANOS

1981-2011



Sumário



Apresentação do Reitor da UFPR

007

Introdução

010

1 **O GRUPO DE DANÇA(S) DA UFPR – INÍCIO (1981-1985)**

012

2 **O GRUPO DE DANÇA E AS EXPERIMENTAÇÕES ESTÉTICAS (1986-1990)**

032

3 **O NASCIMENTO DA COMPANHIA DE DANÇA DA UFPR (1991-2000)**

056

4 **A TÊSSERA COMPANHIA DE DANÇA DA UFPR – 30 ANOS**

086

5 **SOBRE A PERMANÊNCIA NO ESPAÇO-TEMPO: 30 ANOS**

112

Considerações finais

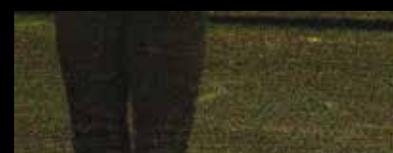
139

Referências

140

Créditos das fotos

144





A cultura na Universidade Federal do Paraná não pode ser compreendida somente como um conjunto de expressões e linguagens produzidas pelos grupos artísticos. As diferentes manifestações culturais provenientes da instituição podem ser consideradas como um patrimônio essencial, um importante acervo material e imaterial da própria sociedade paranaense.

A publicação do livro *Téssera Companhia de Dança da UFPR: 30 anos*, torna-se parte integrante das comemorações dos 100 anos da Universidade Federal do Paraná (1912-2012) e vai ao encontro dos objetivos e compromissos da universidade com a comunidade na produção e divulgação de conhecimento em diversas áreas, entendendo a abordagem histórica dada à publicação como predicado essencial da memória e da consciência presente, contribuindo para o enriquecimento do patrimônio coletivo do próprio estado.

Este livro é, também, resultado de intenso trabalho realizado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPR na promoção e sustentação dos projetos e grupos artísticos da instituição que promovem constantemente o pensar-fazer arte, tornando a cultura um bem ao alcance de toda a comunidade.

A Universidade Federal do Paraná cumpre, desta forma, uma de suas mais relevantes funções: a promoção e difusão dos conhecimentos aqui produzidos, garantindo ao público e aos leitores, de forma gratuita, o acesso ao universo cultural da instituição e, neste caso, ao universo da dança, como um dos componentes essenciais na formação da sensibilidade, da expressividade e do compartilhamento dos bens culturais de uma sociedade.

Zaki Akel Sobrinho
Reitor da Universidade Federal do Paraná





Introdução

A Têssera Companhia de Dança da Universidade Federal do Paraná completa, em 2011, trinta anos de efetiva contribuição para o desenvolvimento da dança moderna - contemporânea no Paraná, conquistando o reconhecimento por suas atividades ininterruptas na produção de conhecimento, arte, extensão e cultura a partir de uma organização institucional - a Universidade Federal do Paraná - a mais antiga universidade brasileira em funcionamento.

A história da Companhia se articula à história da própria instituição que lhe dá origem e de toda a sociedade curitibana em seu contexto cultural, percorrendo etapas fundamentais, desde sua criação até a concepção atual: Grupo de Danças da UFPR, Corpo de Baile da UFPR, Grupo de Dança, Companhia de Dança e finalmente Têssera Companhia de Dança da UFPR.

Mapear a trajetória evolutiva deste organismo vivo e dinâmico é trilhar um caminho cujo tempo - 30 anos - permitiu constantes diálogos com o ambiente em que está inserido. Neste trânsito, nesta troca constante de informações entre o organismo e o ambiente, foi delineando-se, em cada fase, uma produção coreográfica rica e diversificada, mas que deixa impressa e registrada em cada obra apresentada, a tentativa de uma linguagem própria, uma referência constante, forjada numa ideia e interpretação própria de pensar e fazer dança. Dança moderna. Dança contemporânea.

Esta publicação se propõe a trazer - ao alcance de todos - informações acerca do papel exercido pela Têssera Companhia de Dança como patrimônio institucional e cultural do Paraná, no desenvolvimento e difusão da expressão artística 'dança', não só em Curitiba, mas também no estado e no país.

Apresenta-se aqui o resultado de uma investigação sistemática, por meio do recorte das diversas fontes disponíveis, tais como: livros, artigos, periódicos, relatórios de gestão, matérias de jornal, revistas, programas, folders, cartazes, estatutos, regimentos, acervo fotográfico, sites relacionados, monografias, dissertações, além de depoimentos, entrevistas e uma grande quantidade de material audiovisual.

O resgate dos registros documentais do grupo, bem como dos seus dirigentes, possibilitou analisar como essa história foi sendo construída, qual sua relação com as gestões administrativas, o direcionamento estético e artístico, o material humano (elenco cíclico) disponível, o modelo de treinamento/preparação técnica(s), visibilidade e circulação da produção artística e quais foram as ações - natural e culturalmente - selecionadas, que propiciaram a preservação, com sucesso, deste organismo gerado no meio-ambiente acadêmico-institucional.

Por que a opção pela dança moderna-contemporânea numa instituição de ensino superior pública e gratuita?

A Têssera Companhia de Dança da UFPR, antes de ser vista e entendida como um agente cultural acadêmico, criado para 'divulgar o nome da instituição em eventos culturais' será desvendada como organização artística independente, pelo modo particular como utiliza as regras de um corpo e de uma dança específica e do entorno social que a articula com o local, o regional e o nacional.

O resgate singular da documentação disponível faz emergir dados que se entrelaçam e se complementam em diferentes níveis de análise.

Os capítulos a seguir descrevem os deslocamentos conceituais e culturais pelos quais esta Companhia passou ao longo de sua trajetória, propondo uma multiplicidade, por vezes desconcertante, e versátil na construção de seu repertório – sempre simbolista e polêmico – com o qual a mídia, a crítica e, o público em geral, pode se identificar, ao menos temporariamente, a depender do momento vivido e das condições de troca com o meio ambiente.

Cabe ressaltar, que ao escrever a história da Têssera Companhia de Dança da UFPR, não bastou apenas o rigor do método e da técnica. A ruptura do distanciamento crítico foi, por vezes, inevitável. Ao entrelaçar fatos, depoimentos e ocorrências de dança, deparou-se, muitas vezes, com a vivência artística e o lugar da memória da própria autora dessa investigação, criada 'artista e pesquisadora da dança' no interior desta estrutura.

A Têssera Companhia de Dança não explica seus 30 anos por si só. Sua história se articula à instituição que lhe alberga, à ideologia de seus fundadores, aos artistas que compuseram seu elenco, aos prêmios e reconhecimento conquistados ao longo dos anos e, acima de tudo, às atividades de formação e criação ligadas à linguagem da dança. Tornou-se, portanto, um núcleo propagador de ideias e propostas que atravessam e borram constantemente as fronteiras entre as linguagens artísticas, sobretudo o teatro e a dança. Preocupada com a difusão da dança moderna-contemporânea, investiu na formação de plateias, na formação de profissionais ligados à dança, à pesquisa, à criação e que hoje, encontram-se estabelecidos em diversos territórios artísticos.

Finalmente, vale ressaltar que 30 Anos de atividades artísticas, num país tão carente de projetos contínuos, é, sem dúvida, uma conquista para um grupo que, hoje, é sinônimo de seriedade e dedicação.





O Início - (1981-1985)

UM BREVE PERCURSO DA DANÇA TEATRAL NO BRASIL

No início do século XX, graças ao contexto sócio-econômico e cultural mundial e especificamente, o brasileiro, diversos artistas internacionais, sobretudo de origem russa, decidem fixar residência, após deixarem suas companhias em turnês pela América Latina, em diferentes cidades brasileiras, constituindo as primeiras gerações de artistas – bailarinos, mestres e coreógrafos – que dariam origem às primeiras escolas, grupos e companhias de dança, visando à profissionalização da dança.

A seguir, um breve percurso da dança teatral no Brasil é apresentado, levando-se em consideração a inserção do Paraná no contexto artístico do início do século XX, até a criação da primeira escola de dança oficial em Curitiba.

Com o término da I Guerra Mundial, o país caminhava para uma industrialização acelerada. O Brasil tornava-se “o país da urbanização, da Belle Époque e da Semana de 22, da monocultura, do café, das elites oligárquicas [...]. Assistia-se ao crescimento do sentimento de nação e dos conflitos sociais. Todo esse movimento ganhou o nome de modernismo.”¹

As velhas estruturas, as classificações que por tantos séculos haviam norteado os julgamentos do ‘gosto’ artístico, perdiam a razão de ser diante do mundo moderno. Surgiam as chamadas ‘vanguardas’ na literatura, na música, nas artes visuais, no teatro e também na dança, destacando-se a pioneira americana Isadora Duncan.²

O marco da modernidade na arte brasileira foi, sem dúvida, a Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, em fevereiro de 1922. Bastante emblemático e simbólico, este evento procurou refletir, por meio das diversas linguagens artísticas presentes, as transformações conceituais pelas quais o mundo e o país passavam. O tempo, a velocidade, a aceleração de pensamentos e conceitos sugeriam, ou talvez, exigiam, que as artes necessitavam acompanhar o novo ‘fluxo da vida moderna’, ou seja, ares de renovação, de inovação.

Em consequência destes fatores, um outro conceito de tempo e espaço começava a ser reconfigurado e revelado para as artes e em específico para o corpo que dança:

O corpo se revelava: o cientista Charles Darwin, em 1859 em seu livro Sobre a origem das espécies apresentava as noções de evolução e seleção natural; alguns anos mais tarde, em 1899, Sigmund Freud, em A interpretação dos sonhos, apresentava sua teoria sobre a mente humana e o inconsciente[...]. Ainda dois exemplos sintomáticos: o quadro O grito do pintor norueguês Eduard Munch, de 1893, e, dois anos mais tarde, a invenção dos raios X, que mostravam a radiação penetrando o corpo humano, revelando-o...”³

Neste período, as diversas turnês mundiais das companhias russas, Ballets Russes de Diaghilev, a Companhia de Anna Pavlova e as companhias pós-Diaghilev, Leonide Massine, Original Ballet Russe, Ballet Russe de Monte Carlo, que incluíam o Brasil em sua rota, acabaram por influenciar – estabelecer um modelo – uma forma de pensar e fazer dança teatral no Brasil.

A primeira escola oficial de dança no Brasil é criada em 11 de abril de 1927 e oficializada em 1931, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, pela bailarina, mestra e coreógrafa Maria Olenewa (1896-1965). Uma ideia de dança começava a se delinear no país: somar as perspectivas de formação corporal – técnica – por meio do balé clássico acadêmico, mas levar à cena, as revoluções artísticas propostas pelo Ballets Russes, sob o viés de uma ‘nacionalidade temática’ na composição dos bailados. Esta preocupação com temas ligados à cultura

brasileira (contos, lendas, folclore, literatura) vai de encontro à valorização ‘romantizada’ – nacionalismo – da arte brasileira, que começava a ter projeção internacional, impulsionada pela Semana de 22.

Este parâmetro poderá ser observado nas primeiras montagens coreográficas do Grupo de Danças da UFPR, anos mais tarde, em sua preocupação com os temas e músicas marcadamente nacionalistas e populares.

Pode-se notar que o ensino da dança – sobretudo o balé clássico – terá uma grande repercussão em escolas, colégios, clubes e associações recreativas no Brasil. A dança moderna ficava restrita a alguns setores, sobretudo em São Paulo, com iniciativas pioneiras de Chinita Ulmann e Kitty Boddenhein, no Rio de Janeiro, com Nina Verchinina e na Bahia, a partir de 1956, como disciplina oficial na primeira Faculdade de Dança do país, na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Um dos pioneiros na implantação de uma escola e de uma identidade de dança teatral paranaense é o bailarino, mestre, e coreógrafo, de origem polonesa, Tadeusz Morozovicz que vem para Curitiba em 1927 e funda o primeiro curso de ballet na Sociedade Thalia (clube social). E foi, também, outro polonês, Yurek Shabelewski⁴, integrante do Ballets Russes, que teria importância fundamental no desenvolvimento da dança em Curitiba, especificamente junto ao Teatro Guaíra, onde atuou como diretor artístico, maître e coreógrafo.

Diversos artistas da dança que no Brasil se radicaram, alegam que o panorama contextual desenhado neste período contribuiu para que decidissem fixar residência no país, muitos deles adquirindo, inclusive, nacionalidade brasileira.

No Paraná, o modernismo teve uma concepção regionalista.

O Paranismo exaltava os elementos considerados formadores da identidade paranaense, como o clima, a terra e o homem. Teve importância significativa nas décadas de 1920 e 1930, época em que os pioneiros da dança teatral aqui decidem fixar residência. Esse movimento tinha líderes intelectuais tais como Romário Martins, Euclides Bandeira, Dario Vellozo e Rodrigo Junior e contava com a participação dos artistas plásticos Theodoro de Bona, João Turin, João Paraná, Lange de Morretes e João Groff, que por meio da arte deixaram gravados os principais símbolos (temas) do período – pinhas, pinhão, mate, pinheiro e paisagens paranaenses.

Este movimento perdurou até meados de 1940, quando os ‘regionalismos’ radicais eram vistos como ‘ameaça’ ao governo centralizador de Getúlio Vargas.

Cabe salientar que a dança regionalista paranaense tem uma forte herança de sua inevitável colonização. “Cerca de doze etnias compõem a cultura e a identidade da arte e da dança no Paraná: alemães, ucranianos, italianos, portugueses, holandeses, japoneses e poloneses, entre outros. Dois poloneses irão exercer um papel fundamental no desenvolvimento da dança curitibana.”⁵

A seguir, alguns pioneiros da dança teatral paranaense serão apresentados, com a finalidade de contextualizar a evolução desta arte em solo curitibano.

A DANÇA TEATRAL EM CURITIBA: PIONEIROS E PRECURSORES

Seis meses após a criação da primeira escola oficial de Dança, em 1927, no Rio de Janeiro, por Maria Olenewa, era criada, no Paraná, a Fundação Núcleo de Arte.

Tadeusz Morozowicz (1900-1982), natural de Varsóvia, Polônia, iniciou seus estudos em dança na Escola Oficial de Ballet – Ópera de Varsóvia – e em 1912, ingressou na Escola Imperial de São Petersburgo (Maryinsky), concluindo ali seu curso e iniciando carreira profissional. Em Moscou, estudou arte dramática com o célebre Stanislawski. Com a revolução de 1917, deixa a Rússia e percorre o mundo com diferentes troupes. Vem para o Brasil em 1926 e, após temporada no Teatro Lírico, em São Paulo, integra a companhia de Pierre Michailowsky e Vera Grabinska, no Rio de Janeiro.

Após conhecer Curitiba, onde atuou no antigo Teatro Guayra e no Cine Palácio, decide fixar residência na capital paranaense, vislumbrando enormes possibilidades de desenvolver o ensino da dança na cidade.

Eduardo Sucena destaca alguns dos prováveis motivos da permanência de Morozowicz em Curitiba: “enamora-se da capital, do clima semelhante ao de sua terra natal; inúmeros compatriotas ali se haviam radicado, conservando seus hábitos e costumes, formando um grande núcleo regional [...] a arte coreográfica ainda não fincara suas raízes em solo agreste. O artista resolveu encarregar-se dessa missão...”⁶

Sem recursos próprios, o bailarino e ator procura a Sociedade Thalia, que adota o empreendimento do artista polonês.

É criada, no dia 28 de outubro de 1927, a primeira escola de balé de Curitiba. “Recebe como contrapartida o espaço e todo o equipamento necessário, do piano às barras. Fora o acesso a uma importante fatia da sociedade curitibana que tem naqueles salões seu tradicional ponto de encontro.”⁷

Tal parceria seria mantida por cinco décadas, encerrando em 1977, quando o mestre decide criar o Ballet Morozowicz, dedicando-se à sua divulgação por mais onze anos. Este celeiro de artistas era passagem obrigatória para a formação de profissionais renomados no Paraná.

Além de Morozowicz, outros mestres de dança merecem ser mencionados por suas contribuições no cenário curitibano: em junho de 1949, a Argentina, Theresa Padrón de Siqueira, esposa de Anfrísio Siqueira, presidente da ‘Boca Maldita’⁸, cria o Curso de Ballet do Clube Curitibano e, mais tarde, em 1956, seria designada para a direção da Escola de Danças



Clássicas do Teatro Guaíra.

Em 1958, o bailarino Aroldo Moraes⁹ funda a Academia Paranaense de Ballet. O bailarino e coreógrafo argentino Jean Vardé vem do Teatro Colón e cria, em 1963, o Ballet da Sociedade União Juventus. Na década de 1960 também Marlene Tourinho leciona dança no Círculo Militar de Curitiba.

Essas constantes iniciativas 'privadas', nos clubes sociais, apontam para uma fase decisiva do ensino-aprendizagem do ballet clássico em Curitiba, que passa a ser consumido regularmente pela 'sociedade curitibana':

O balé se afirma como 'complemento' da formação de jovens 'de família'. Moças que ainda vivem sob regras muito rígidas. Regras que não permitem gestos ousados, nem liberdade de movimentos, condições indispensáveis para quem quer dançar de verdade.¹⁰

O 'dançar de verdade', era o anseio e um dos principais objetivos da criação de uma escola oficial de dança na capital, que teria a função de preparar bailarinos profissionais com nível técnico e artístico a altura de um Corpo de Baile. O amadorismo e a 'formação complementar' começam a ser substituídos por outras ideias sobre o balé: a continuidade, o aprimoramento técnico e o palco.

A criação de uma escola oficial, gratuita, iria significar, portanto, o profissionalismo na área e a futura composição de um Corpo de Baile legitimamente paranaense.

A criação do Curso de Ballet do Teatro Guaíra ocorreu durante o Governo de Moyses Lupion, em 1956. Aos poucos, o curso vai obtendo incentivo por parte do Governo do Estado. Em 1968, o grande impulso da escola acontece com a chegada de uma diretora, formada pela Escola do Theatro Municipal do Rio de Janeiro: Yara de Cunto, que havia integrado o elenco do Ballet do IV Centenário.¹¹

Na década de 1980, o curso passa a ter oito anos de duração e a professora Eva Schul¹² é convidada a ministrar aulas de dança moderna. A coordenadora Carla Reinecke¹³ cria o Projeto Pré-Profissional, proporcionando estágio e aprimoramento artístico aos alunos dos três últimos anos, por meio de apresentações na capital e em várias cidades do estado e do país.

Na década de 1990, implanta-se o 2º Grau Profissionalizante e o curso passa se denominar Escola de Danças Clássicas do Centro Cultural Teatro Guaíra. Atualmente, denomina-se Escola de Danças do Teatro Guaíra.

O Corpo de Baile da Fundação Teatro Guaíra foi criado durante o Governo Paulo Pimentel, em 1969, atendendo proposição formulada pelo Superintendente do Teatro Guaíra, Octavio Ferreira do Amaral Neto. Teve a coordenação inicial de Yara de Cunto e Ceme Jambay. Os coordenadores tinham pela frente a árdua tarefa de dar uma identidade ao grupo: lançar bases sólidas para dançar repertórios variados. Foram auxiliados, nesta tarefa, pelo professor Shabelewski, que nos cinco anos em que esteve à frente da companhia criou não só obras originais, contemporâneas, mas também remontou importantes balés de repertório clássico.

Com a direção de Hugo Delavalle¹⁴, a partir de 1976, o Ballet Teatro Guaíra firmou-se em território nacional, com obras clássicas e românticas, destacando-se a montagem de 'Giselle', trazendo como solista, uma jovem bailarina: Ana Botafogo. Após este início de reconhecimento, no final dos anos 70, um novo diretor assume a função - Eric Waldo - cuja marca registrada é o destaque dado às músicas nacionais em montagens coreográficas da companhia.

Teatro Guaíra. Carlos Trincheiras morre em 1993, deixando um legado coreográfico único e uma identidade contemporânea à companhia. Após a 'era' Trincheiras, o BTG teve por diretores importantes nomes da dança: Isabel Santa Rosa (esposa de Trincheiras), Jair Moraes, Marta Nejm, Cristina Purri, Suzana Braga e, finalmente, Carla Reinecke.

A dança moderna-contemporânea, em Curitiba, foi delineando-se aos poucos e criando um celeiro de artistas nesta modalidade.

Nos anos 60, Milena Morozovicz, filha de Tadeusz Morozovicz, cria o primeiro Curso Livre de Dança Moderna, a partir de estudos dos princípios de Rudolf von Laban¹⁵ e dos processos de criação de movimentos a partir da Improvisação. Em depoimentos, Milena afirma que foi a precursora da iniciativa em levar à cena a Improvisação Estruturada.

Outra artista contemporânea de extrema relevância no cenário contemporâneo em Curitiba foi Rita Pavão. Como bailarina, coreógrafa e professora, Rita se destacou na dança moderna. Começou seus estudos nesta área aos 5 anos de idade. cursou dança na Universidade de San Diego, por seis anos, bacharelando-se em Belas Artes, Dança Moderna e Coreografia na School of Performing Arts, da United States International University. Voltou a Curitiba em 1977 e montou o grupo Esphera.

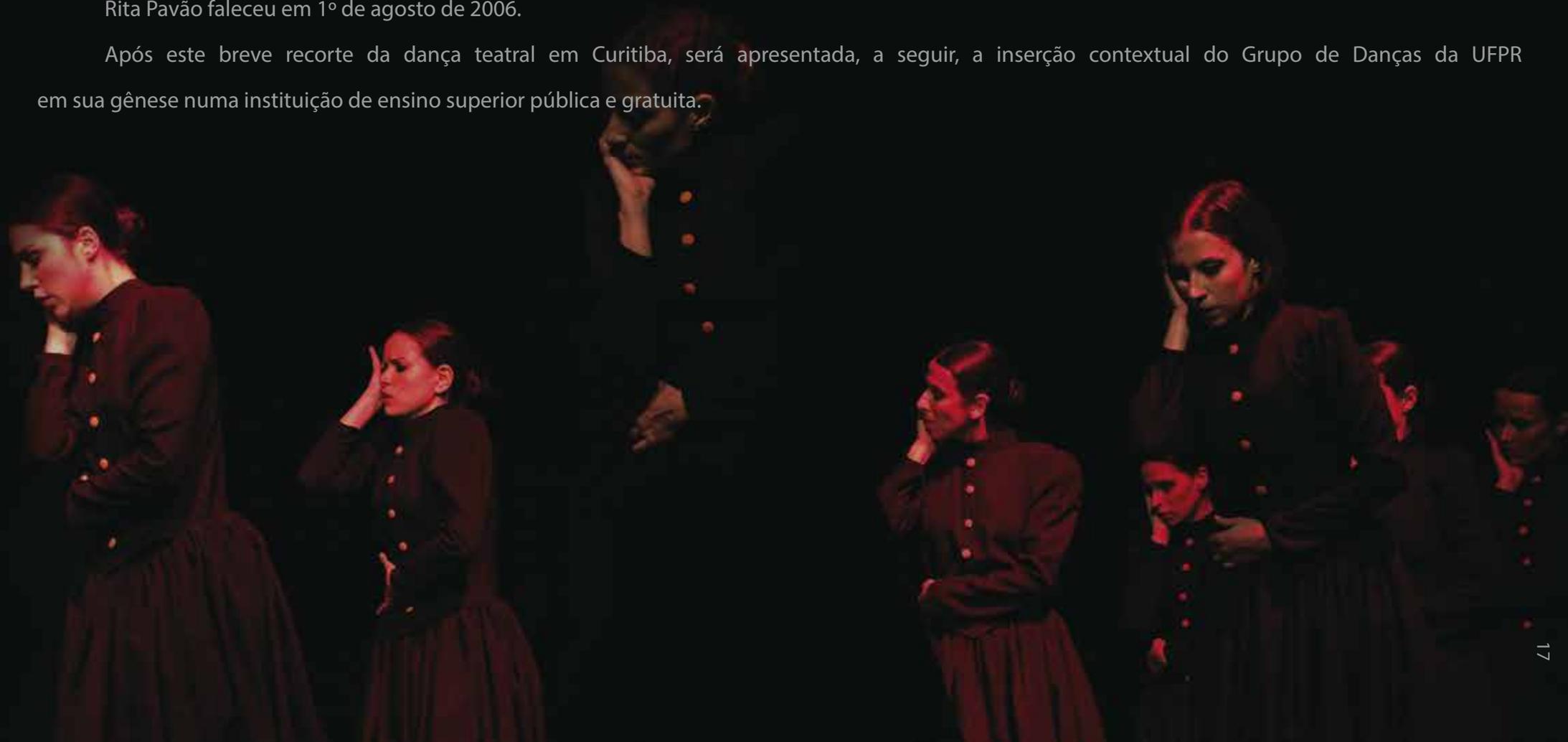
Em 1977 coreografou para o BTG os espetáculos 'C.B. On The Rock' e no ano seguinte 'Le It Be'. Na década de oitenta, criou um estúdio de dança moderna que levava seu nome e se tornou referência em Curitiba. É considerada pioneira do estilo moderno, em Curitiba, por meio de seus constantes espetáculos, produzidos por mais de uma década.

Em 1982 integrou um grupo que reuniu bailarinos, atores, músicos, cantores e artistas plásticos: a UAIC – União de Artistas Independentes Contemporâneos – que tinha suas atividades voltadas à pesquisa em dança e teatro.

Dentre os artistas que pertenceram ao grupo, destacam-se: Val Folly, Rocio Infante, Lú Grimaldi, Ana Kfourri, Paulo Buarque, Dagmar Simek e Lucilene Almeida. No meio acadêmico, a preocupação que orientou seus estudos foi a conexão entre dança e consciência corporal.

Rita Pavão faleceu em 1º de agosto de 2006.

Após este breve recorte da dança teatral em Curitiba, será apresentada, a seguir, a inserção contextual do Grupo de Danças da UFPR em sua gênese numa instituição de ensino superior pública e gratuita.





www.fes.com.pl

www.fes.com.pl



A UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ E A DANÇA

O Grupo de Danças da Universidade Federal do Paraná nasce no dia 10 de maio de 1981, sob as transformações das relações entre o balé clássico e a dança moderna em solo curitibano.

A onda experimental das atividades desenvolvidas no cenário curitibano, por artistas ligados primeiramente à Fundação Teatro Guaíra, referência estatal e mais tarde à União dos Artistas Independentes Contemporâneos (UAIC), influenciariam sobremaneira a ideologia do grupo.

Inicialmente, o Grupo de Danças, criado por Vera Domakosky, professora Mestra de Rítmica do Curso de Educação Física da UFPR e pelo monitor de sua disciplina, Rafael Pacheco, potencializa o nascimento de um projeto revolucionário dentro de uma instituição de ensino superior pública e gratuita: a popularização de uma atividade artística, tida em vários meios sociais, como elitista.

Ao analisar este período, observa-se o desenho prévio de uma estrutura que resiste no tempo, mas se adapta e evolui conceitualmente, dialogando com o ambiente em que se insere, estabelecendo nestes primórdios, mais do que uma identidade artística, uma possibilidade de fazer dança, embora o conceito de dança ainda não estivesse definitivamente mapeado.

O Grupo de Danças da UFPR propõe em sua gênese uma situação única: cerca de três centenas de integrantes convivendo diariamente com propostas coreográficas de vários tipos e modalidades, resultantes das inquietações e experimentos de seus dois fundadores.

Tais propostas, por vezes divergentes, farão com que, em pouco tempo, seja necessária uma nova abordagem no tratamento conceitual do próprio grupo, amadurecendo propostas, estudos coreográficos, linhas de pesquisa mais definidas e um elenco melhor afinado com a nova fase a ser implantada, culminando com a inevitável separação de seus fundadores e idealizadores.

A seguir, examina-se o início da jornada do Grupo de Danças da UFPR.



O GRUPO DE DANÇAS: POPULARIZAÇÃO E MASSIFICAÇÃO

O Grupo de Danças da UFPR, integrado por 318 pessoas com idade entre 15 e 40 anos (apenas 52 integrantes não eram alunos dos cursos de graduação da instituição), iniciava suas atividades no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (Setor de Ciências Biológicas). Ocupava as dependências do Ginásio de Desportos da UFPR e uma sala de Rítmica, na BR-116.

Considera-se o primeiro Grupo de Dança que se formou em Curitiba a partir do 'Método do Movimento Rítmico (MMR)'.

O grupo era, segundo seus fundadores, "necessário e bem vindo na instituição, que defende iniciativas institucionais de caráter permanente, de forma a promover intercâmbios culturais e lazer para a população, permitindo aos praticantes de dança o equilíbrio físico e mental."¹⁶

Em diversas entrevistas, entre 1981 e 1982, os idealizadores do projeto afirmavam que o objetivo principal, no início do grupo, era reunir alunos de todos os cursos da instituição, interessados na prática da dança, em vários estilos, sem necessidade de conhecimento técnico aprofundado.

Devido à grande receptividade – mais de trezentos inscritos – houve a necessidade de uma redistribuição destes integrantes, que foram selecionados e divididos em três turmas: iniciantes (turma noturna – três vezes por semana), intermediários e adiantados (grupo com maior experiência artística e selecionados após audição interna).

Rafael Pacheco, bailarino e ator profissional, integrou-se de tal forma ao projeto, que ultrapassou, e muito, a carga horária disponível para as suas funções de monitoria.

Vera Domakoski explicava a origem do grupo: "o grupo de dança nasce de uma filosofia humanística, onde a massificação da prática é, num primeiro momento, mais importante do que a elitização, e, em cuja abertura, a tônica principal será o intercâmbio entre integrantes, comunidade, universidade e outros centros culturais."¹⁷

Embora a ideia da criação do grupo não fosse recente, a viabilidade se devia ao apoio que a área de Educação Física recebia do reitor Alcy Ramalho.¹⁸

Os diretores não se cansavam de destacar também o espírito de coesão de grupo: "graças ao espírito de coesão, o grupo, com cerca de 318 alunos, não hesita em perder horas livres de almoço e jantar para se dedicar aos treinamentos e ensaios... Graças a este espírito de equipe, fizeram sua primeira apresentação – na abertura dos Jogos Universitários do Paraná – com apenas uma semana de existência, superando expectativas."¹⁹

A imprensa local destacava o fato inédito na composição de um grupo de dança: o grande número de integrantes:

A ideia era simples: dar oportunidade a todos para dançar, independente do nível técnico. Uma ideia que começou no 2º semestre de 1981 e teve seus primeiros aplausos no dia 20 de agosto de 1982, quando foi realizada a primeira apresentação pública, no ginásio de esportes da Universidade Federal do Paraná. Os iniciadores foram a professora de Rítmica do Departamento de Educação Física, Vera Lúcia Domakoski, e Rafael Pacheco, na época monitor acadêmico da disciplina. Eles estimularam os alunos a realizar um espetáculo de danças, ao término da disciplina. A participação neste evento foi tão marcante – lembram – que os alunos solicitaram continuação do trabalho, mesmo depois de estarem liberados da disciplina, o que ultrapassava o acadêmico e entrava nas esferas da arte. Daí surgiu a ideia de criar o Grupo de Danças da UFPR. No final de 1982, o grupo possuía 318 participantes entusiasmados.²⁰

Quanto aos métodos de preparação técnica do elenco, as referências são ecléticas: a professora Vera Lúcia Domakoski acreditava que “somente da quantidade se extrai a qualidade. É muito importante massificar e popularizar a prática da dança, além de oferecer um método de condicionamento físico por meio de várias técnicas de dança [grifo nosso] não só aos alunos da universidade, mas à toda a comunidade.” Acrescenta ainda: “considero a dança como uma alternativa saudável para os jovens preencherem suas horas de lazer e além disso, o Grupo de Dança da UFPR pode oferecer oportunidades àqueles de melhor nível técnico para atuações especiais, mais elaboradas técnica e esteticamente, de acordo com seus variados graus de performance.”²¹

E na questão da representatividade do grupo, frente aos compromissos oficiais e institucionais, afirmava Rafael Pacheco: “as apresentações artísticas do grupo podem se tornar uma nova e bela maneira de representar a Universidade Federal do Paraná em acontecimentos esportivos, culturais, recreativos, artísticos e filantrópicos.”²²

Os resultados dos trabalhos podem ser medidos pelo grande número de apresentações públicas, registradas ano a ano, não só em ginásios de esportes, como também em palcos e até em campos de futebol...

Constam do repertório das primeiras apresentações, em 1982, as seguintes obras:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações

Exaltação ao Cangaço | Rafael Pacheco e Vera Domakosky | O. Batista e Zé Ramalho | dança moderna e dança clássica

Temas de Mar | Rafael Pacheco e Vera Domakosky | Chico Buarque | dança moderna e dança clássica

A Era dos Cabarés | Vera Domakosky | Waldir Azevedo | dança popular

Após um ano de atividades, o grupo de bailarinos começa a demonstrar um natural desnivelamento técnico. Os diretores decidem então, fracionar o elenco e criar um Corpo de Baile, que seria responsável pelas montagens que exigissem maior nível técnico e interpretação artística. Personalidades de destaque no cenário da dança paranaense, principalmente ligados à Fundação Teatro Guaíra, e alguns mestres de Dança e Rítmica da UFPR, são convocados para compor a banca julgadora da Audição Interna para a seleção do grupo de elite.

Trinta e seis candidatas são aprovados nesta primeira seleção para compor o Corpo de Baile: 19 dançarinas e 17 dançarinos. O elenco feminino era composto por: CARLA MARIA BAYERSTORF, CÁSSIA GALVÃO, CRISTIANE WOSNIAK, DAISY ALMEIDA CORRÊA, DENISE MARIA SCHULTZE, ELIANE LAGO, ELIZABETE MARIA CALDEIRA, HELENA MARIA REBELLO, IARA MARIA DE ABREU, JACQUELINE NOVACK CLETO, KAREN LUNDGREN, KARINA WOLFF, MÁRCIA MARIA IANOSKI, MARIA MARTA CHUEIRI, MARISA HENICKE, THEREZA CRISTINA ACCIOLY, VALÉRIA COPAVERDE, VÂNIA ALBUQUERQUE E YOLDA MARIA REIS.

O elenco masculino era composto por: CRISTIANO HOMEM D'EL REY, EDGAR CLIQUET, EDSON GUILHERME CHAMANO, FRANCISCO FRANÇA, GILMAR SOARES DIAS, JEFFERSON LUIZ BARBOSA, KENZO SATO, LUIZ ALBINO BOETTO JUNIOR, MARCOS PRATA GARCIA, MAURÍCIO JOÃO CACHEL, MAURÍCIO KENNEDY VOGUE, MAURÍCIO LUIZ KELLA, NEI EDUARDO BRANCO, RICARDO GARANHANI, ROBERTO MÁRQUES, SÁVIO CHRISTIANO DE PÁDUA E VALTER MAIONE FILHO.

A imprensa local noticiava a criação do Corpo de Baile da UFPR:

O recém formado Corpo de Baile da Universidade Federal do Paraná já tem apresentações marcadas para este mês [maio] aqui [Curitiba] e julho, em São Paulo. Nos dias 23 e 29 se exhibe no auditório do SESC com 36 bailarinos e participa do Encontro Nacional de Dança Universitária, na capital paulista. Estes dançarinos integram o Grupo de Dança da UFPR, com 310 componentes, separados em três categorias: 116 iniciantes, 158 de nível intermediário e 36 do chamado 'Corpo de Baile'. Segundo os responsáveis, professores Vera Domakoski e Rafael Pacheco, 'a criação do Corpo de Baile se prende ao empenho e dedicação dos integrantes, aliado ao surgimento de bailarinos de excelente nível técnico, escolhidos por meio de uma banca examinadora, formada por professores e bailarinos da Fundação Teatro Guaíra e mestres de Ginástica e Rítmica da UFPR'.²³

Após algumas apresentações em Curitiba e, especificamente no auditório do SESC, o recém criado Corpo de Baile da UFPR foi convidado a participar do Encontro Nacional de Dança Universitária, em São Paulo, no mês de julho. Os dirigentes Vera Domakosky e Rafael Pacheco afirmavam em entrevistas à imprensa:

o trabalho do Corpo de Baile dirige-se para a valorização dos recursos humanos e potenciais artísticos disponíveis no Grupo de Dança (cerca de 310 integrantes) mas que possuem níveis técnicos superiores aos demais. Além dos ensaios, os grupos iniciantes (116 integrantes) e intermediários (158 integrantes) recebem seis horas semanais de aulas e condicionamento físico. Para o Corpo de Baile, a carga horária é de dezesseis horas de ensaios, além de aulas e condicionamento físico.²⁴

No repertório mapeado no ano de 1983, percebe-se, a partir da seleção musical, as tendências, ainda ecléticas, que serviam de referência à criação de repertório do Grupo de Dança e do Corpo de Baile – espécie de divisão de elite do referido grupo.

Cada coreografia tem um roteiro: Big Bucks 'é uma dança que expressa a alegria de viver de uma juventude sadia, que ambiciona melhores condições, chegando até a desafiar os oponentes, não conseguindo esconder a espontaneidade e espírito natural da festa e confraternização', declara Vera Domakoski.

Em Exaltação ao Cangaço, o Grupo de Dança da UFPR mostra que, mesmo dentro dos mais rudes corações, bravos homens se tornam sensíveis diante do amor e carinho de uma mulher.

Já a remontagem de Temas de Mar reúne movimentos da técnica de jazz dance, dança moderna e alguns elementos da dança clássica.

A professora Domakoski explica que a obra Exaltação ao Cangaço (remontagem), mostra, em cena, as questões entre as famílias poderosas, as doenças fatais, a ignorância, as reduzidas comunicações que fizeram endurecer os corações dos rudes sertanejos. "Constituindo-se em bandos, alguns sertanejos renegados fizeram nascer o cangaço – um dos grandes flagelos sociais do passado. O maior bando que atravessou o chão áspero das caatingas nordestinas foi o comandado por Virgulino Ferreira, o Lampião."²⁵ Na coreografia, vestidos e estilizados a caráter, dezesseis casais representam em diferentes conjuntos e pas de deux, a relação amorosa entre Lampião e Maria Bonita.

A seguir, as obras mapeadas do repertório do período:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações

Exaltação ao Cangaço (remontagem) | Rafael Pacheco e Vera Domakosky | O. Batista e Zé Ramalho | dança moderna e dança clássica

Temas de Mar | (remontagem) | Rafael Pacheco e Vera Domakosky | Chico Buarque | dança moderna e dança clássica

Fly | Rafael Pacheco | Klaus Nomi | dança moderna

Alley Cat | Vera Domakosky | Colagem musical | sapateado

Big Bucks | Rafael Pacheco e Vera Domakosky | Horace Henderson e Loraine Feather | jazz dance

A partir de Fly, Rafael Pacheco inicia, ainda de forma intuitiva, suas pesquisas mais apuradas com a linguagem da dança contemporânea. Obra densa, de caráter marcadamente psicológico e simbólico, Fly apresentava em cena poucos bailarinos, trajando roupas pretas e vermelhas, interpretando uma união ritualista entre seres de espécies distintas. Na ânsia de apresentar esta coreografia num evento programado para o Ginásio de Esportes da UFPR, os dez bailarinos selecionados por Rafael Pacheco se prepararam e ensaiaram em regime intensivo por vários dias seguidos. O esforço valeu a pena: o impacto do trabalho coreográfico e a execução apurada do grupo renderam críticas positivas e apoio incondicional da gestão.

Semente 'inquieta' lançada em solo fértil, logo encontrou eco para o surgimento de um pequeno núcleo, que se tornaria, em breve, independente, no interior do Grupo de Danças da UFPR.



O GRUPO DE DANÇA E O ENCONTRO COM A DANÇA MODERNA

Surge em 1984, um pequeno núcleo de pesquisa da linguagem específica da dança moderna. Um grupo, restrito, dentro do grupo principal, sob a direção do professor e coreógrafo Rafael Pacheco. O objetivo era desenvolver um trabalho técnico corporal diferenciado e intensivo, voltado a uma performance mais criativa, potencializando os referenciais da dança moderna e dos elementos teatrais.

Neste ano, foram desenvolvidos trabalhos que causaram um 'estranhamento' no público em geral, devido às suas peculiaridades, inovações e propostas estéticas diferenciadas. O conceito anteriormente adotado – massificação, popularização e temas brasileiros – passa por uma revisão estilística: a ideia geradora do movimento coreográfico pode resultar de qualquer material criativo: o símbolo, o cotidiano, o non sense, o ritual, a energia cênica e os princípios básicos do movimento – tempo e espaço – começam a tomar forma e expressão em obras como: Fly – marco simbólico desta ruptura estética e Ponto Quatro.

Repertório coreográfico mapeado em 1984:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações

Ponto Quatro | Rafael Pacheco | Laurie Anderson | Ritual simbolista dança e teatro

Aquarela do Brasil | Vera Domakosky | Ari Barroso | dança popular

For Once In My Life | Vera Domakosky | Muller e Murden | sapateado

Jazz Hot | Vera Domakosky | colagem musical | jazz dance

Moanin | Vera Domakosky | Bob Timons | dança popular

Ressalta-se que os integrantes do núcleo de pesquisa em dança moderna, proposto por Rafael Pacheco, ainda participavam de todas as aulas e ensaios do Grupo de Danças, em sua composição de mais de trezentos integrantes, apresentando-se em suas montagens coreográficas, como bailarinos de destaque – solistas.

A partir de 1985, as propostas de Rafael Pacheco, oriundas de sua experiência como ator e diretor teatral na cena curitibana, passam a germinar neste pequeno coletivo, cuja preparação técnica se intensifica com um programa diário, dividido entre aulas práticas, laboratórios de improvisação e composição coreográfica, além dos ensaios e apresentações constantes.

A inevitável seleção natural ganha terreno. Dos mais de duzentos integrantes iniciais do projeto criado no Centro de Educação Física, o grupo transformou-se, reduzindo-se pouco a pouco, após sucessivas seleções, bancas e audições, a quinze integrantes, masculinos e femininos, que vislumbravam na linguagem da dança, algo mais do que mero lazer e entretenimento.

Foi também em 1985, que Rafael Pacheco conheceu Eva Shul, vinda de Nova York, onde passara alguns anos entre estudos, criações e apresentações na área da dança moderna. Assim, as questões estéticas inicialmente esboçadas do coreógrafo e diretor, ganharam eco, incentivo e estímulo à continuidade, o que desencadeou a filosofia de trabalho a ser adotada na segunda fase desta companhia: uma hibridação de linguagens e estilos provenientes, por intermédio de Eva Shul, das técnicas de Mary Wigman²⁶, Hanya Holm²⁷ e Alwin Nikolais²⁸, referenciais formativos da artista.



Formado em Educação Física e especializado em Dança na Universidade Federal do Paraná, Rafael Pacheco é admitido, em 1985, no corpo docente do Curso de Danças da Fundação Teatro Guaíra, além de lecionar Dança Moderna no Curso Superior de Dança, então pertencente à Pontifícia Universidade Católica do Paraná em convênio com o Teatro Guaíra.

Com vasta experiência no teatro e no cinema, e vivendo intensamente o panorama das artes cênicas em Curitiba, como professor e coreógrafo, o diretor decide transferir a sede do grupo, que passa a pertencer à Pró-Reitoria de Órgãos Suplementares – que seria em breve a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – e ocupar as dependências do prédio central da UFPR, na praça Santos Andrade.

Uma das obras mais emblemáticas do período é *High Society*, uma espécie de crítica ao comportamento do indivíduo em sociedade, estruturada a partir dos elementos da dança-teatro. Esta obra era, na verdade, uma adaptação do Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização de Rafael Pacheco e que trazida para o Grupo de Dança da UFPR, encontrou no elenco recém formado, condições de explorar a interpretação dos personagens por meio da dança.

Eva Shul é convidada a coreografar um solo contemporâneo, *Momento*, para a bailarina Cristiane Wosniak.

A seguir, o mapeamento do repertório produzido em 1985, ano de transição histórica:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações

Nascido Nunca Perguntado | Rafael Pacheco | Laurie Anderson | dança moderna

High Society | Rafael Pacheco | Meredith Monk | dança-teatro

Momento | Eva Shul | Vângelis | solo

O momento de mudanças, literais – nova sede, novo elenco, novas propostas e linguagens – gerou uma série de questionamentos acerca da situação da dança em suas relações e diálogos com as demais linguagens artísticas.

A próxima fase veria o nascimento do Grupo de Dança da UFPR.





¹ BARANOW, G. e SIQUEIRA D. M. (orgs). Universidade Federal do Paraná: história e estórias – 1912-2007. Curitiba: Editora da UFPR, 2007. (p. 55).

² Isadora Duncan – nascida em São Francisco, Estados Unidos, em 1877. Falecida em Nice, França, em 1927. Dançarina, educadora e coreógrafa. Influenciou a dança moderna no início do século XX, sendo uma das precursoras a romper com o academicismo e as regras do balé clássico. Seu inconformismo com o rigor acadêmico levou-a a renovar a arte com um estilo próprio de dançar, vagamente inspirada por modelos gregos, elementos da natureza e a improvisação como senso intuitivo de expressão. Dançava descalça, com os cabelos soltos e vestindo trajes gregos. Com pouquíssimo treino acadêmico, excursionou por diversos países levando sua dança, usando composições musicais pouco usuais para a época: Bach, Chopin, Beethoven e Brahms.

³ PEREIRA, Roberto. A formação do balé brasileiro: nacionalismo e estilização. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. (p. 82).

⁴ Yurek Shabalewski – nascido em Varsóvia. Falecido em Curitiba, em 1993. Desde os 7 anos manifestou predileção pela escultura, porém, dois anos mais tarde, por influência da mãe, iniciou os estudos no ‘Gran Teatro de Varsóvia’, onde se distinguiu como aluno exemplar, obtendo prêmios diversos. Aos 16 anos, seu impulso artístico o levou a Paris, para aperfeiçoar-se na dança, sob orientação da ‘severa’ Bronislava Nijinska, irmã de Vaslav Nijinsky. Mundialmente aclamado como o maior intérprete em nosso tempo – desde Nijinsky e Bolm – nos papéis de “Príncipe Igor”, “Shéhérazade”, “Petrouchka”, “Sinfonia Fantástica”, entre outras obras, Shabalewski realizou longas viagens por toda a Europa, Estados Unidos, América do Sul, Austrália, com os Ballets Russes e, de forma independente, foi contratado como artista-convidado para atuar nos teatros mais famosos do Velho e do Novo Mundo, tais como: Scala de Milão, Covent Garden de Londres, Metropolitan de Nova Iorque, Comunale de Florença, La Fenice de Venécia, Colón de Buenos Aires, Teatro Municipal do Rio de Janeiro, entre outros. Assume funções de bailarino, coreógrafo e regisseur, com pleno êxito. Suas obras coreográficas mais importantes são: ‘Visões’ – música de Alexander Sienkiewicz; ‘Sonata’ – Chopin; ‘Variações Sinfônicas’ – Shumann; ‘Azul-Blanco’ – Willians; ‘Les Matelots’ – Auric; ‘Bailable Real’ – Arizaga; ‘Quinta Sinfonia’ – Tchaikowsky; ‘La Flauta Mágica’ – Mozart; ‘Orfeo’ – Gluck; ‘Psyche’ – Meta Russecher; ‘L’Enfant Prodigue’ – Debussy; ‘L’Histoire du Soldat’ – Stravinsky; ‘I Vespri Siciliani’ – Verdi; ‘Khovantchina’ – Mussorgsky e ‘Roskolnikoff’ – Honoger. Durante vários anos dirigiu o Corpo de Baile SODRE, Uruguai. Em 1971 assumiu a direção do Corpo de Baile da Fundação Teatro Guaíra. Faleceu em Curitiba, em 1993.

⁵ WOSNIAK, Cristiane. Um olhar institucional sobre a história da dança em Curitiba. In: PEREIRA, Roberto; MEYER, Sandra e NORA, Sigrid. (orgs.). História em movimento: biografias e registros em dança – Seminários de Dança 1. Caxias do Sul: Lorigraf, 2008. (p. 228).

⁶ SUCENA, Eduardo. A dança teatral no Brasil. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura-Fundação Nacional de Artes Cênicas, 1989. (p. 351).

⁷ GEMAEL, Rosirene. Escola de dança Teatro Guaíra: um registro. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura-CCTG, 2007. (p. 15).

⁸ A Boca Maldita foi fundada em 13/12/1956. É um órgão de utilidade pública, instituída e registrada como Sociedade Civil de Direito Privado. Formou-se com um grupo de pessoas que se reuniam na Avenida João Pessoa, em Curitiba, para conversar e trocar ideias anteriormente a 1956. Mais tarde, a ‘sede’ da Boca passou a ser a Rua XV de Novembro, defronte à Galeria Tijucas. “Composta por políticos, jornalistas, desembargadores, funcionários públicos, desportistas, enfim, um imenso número de pessoas e atividades heterogêneas com o fim da discussão e atualização de termos da atualidade, firmando pensamentos próprios” (LEITE at al., 1980, p. 28). Algumas pessoas na cidade creditaram a indicação de Teresa Padrón para a direção da Escola de Danças Clássica do Teatro Guaíra, à influência política de seu marido, fato que desagradou ao mestre de dança-referência na capital, Tadeusz Morozowicz. Agregava-se ao fato “o forte vínculo do casal aos meios sociais da cidade, a começar pelos próprios sócios do Clube Curitibano. A influência e a possibilidade de espaço na mídia – que a escolha de Teresa propiciava – não deve ser descartada, em virtude da posição que seu marido desfrutava junto a jornalistas e políticos” (ref: VELLOZO, Marila Annibelli. A imagem do Teatro Guaíra e da dança em Curitiba: influência e contaminação através da mídia. São Paulo: Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica – PUC-SP, 2005. (p. 7).

⁹ Aroldo Moraes – nasce em Guaraqueçaba-PR em 1927. Foi pugilista e depois bailarino. Ao assistir a um espetáculo no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, se apaixonou pela dança e inicia seus estudos em ballet, aperfeiçoando-se, mais tarde, em Paris. Em sua volta ao Paraná – 1961 – é convidado a dirigir a recém criada Escola de Danças Clássicas do Teatro Guaíra. (ref: GEMAEL, Rosirene. Escola de dança Teatro Guaíra: um registro. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura-CCTG, 2007, p. 21).

¹⁰ GEMAEL, Rosirene. Escola de dança Teatro Guaíra: um registro. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura-CCTG, 2007. (p. 18).

¹¹ O Ballet do IV Centenário foi uma companhia criada em 1953, para as comemorações dos 400 anos de São Paulo (1954) e segundo VICENZIA (1997, p. 21-22) “financiada por um grupo de empresários paulistas liderados por Francisco Matarazzo Sobrinho, que convidou para a direção e criação, o coreógrafo húngaro Aurel von Milloss”. Composta por 80 bailarinos, a companhia ensaiou durante dois anos, 16 balés, para a grande apresentação brasileira. Estreia em 1954, trazendo um repertório especialmente composto por Milloss (coreografias com temas nacionais e com músicas de Villa-Lobos, Mignone e C. Guarnieri), além de obras do repertório clássico e contemporâneo. Segundo FARO e SAMPAIO (1989, p. 30-31) “marcada pelas constantes disputas entre financiadores e municipalidade de São Paulo, a companhia encerrou suas atividades em 1955”.

¹² Eva Shul – nascida na Itália, em 1948. “Aos 16 anos vai para Nova Iorque estudar na escola do New York City Ballet. Ao voltar para o Brasil (Porto Alegre) estuda com Tony Petzhold. Aprofundou seus estudos em dança moderna com Alwin Nikolaïs e em sua escola também estudou por, sete anos, com Hanya Holm – alemã discípula de Mary Wigman, uma das matriarcas da dança moderna – entre outros estilos como o de Martha Graham, José Limón e Merce Cunningham. Baseada nestes conceitos, Eva definiu um estilo próprio de grande aceitação em Curitiba, onde se radicou na década de 1980. Foi convidada, em 1980 para lecionar na Escola de Danças Clássicas da Fundação Teatro Guaíra e também para os alunos estagiários do Corpo de Baile. Decide lecionar no Curso Superior de Dança (PUC-PR) a partir de 1984, onde passa a coreografar o Grupo de Dança do curso, além de aceitar convites para coreografar grupos independentes. Atualmente, atua em Porto Alegre e dirige a Academia e o Grupo Mudança”.

¹³ Carla Reinecke – natural do Rio de Janeiro. É coreógrafa e professora de dança, com formação artística no Rio de Janeiro, onde estudou com professores



de renome, como Leda Yuki, Carijó, Ceme Jambay, Tatiana Leskova, Georgina Parkinson, entre outros. Tem Licenciatura em Matemática e, como bolsista da Capes-Fullbright-Laspau, especialização em dança pela Universidade de Salt Lake City, Utah, Estados Unidos. Foi bailarina, maître e ensaiadora do Balé Teatro Guaíra. Foi coordenadora, durante 10 anos, da Escola de Dança do Teatro Guaíra e criadora do Curso Superior de Dança em convênio da FTG e PUC-PR – curso que atualmente pertence à Faculdade de Artes do Paraná. Em 1999 foi convidada pela direção do Teatro Guaíra para dirigir a Guaíra 2 Cia. de Dança, onde optou por seguir a linha de intérprete-criador em dança contemporânea, fazendo despontar no cenário nacional este grupo formado por ex-bailarinos do BTG. Assumiu em 2003, a direção artística do BTG, acumulando, desta forma a direção das duas companhias oficiais da instituição.

¹⁴ Hugo Delavalle – iniciou seus estudos em Rosário - Argentina, no Teatro Círculo, tendo continuado em Buenos Aires. Seu primeiro contrato foi com o Teatro Argentino de La Plata, para o corpo de baile e mais tarde foi promovido a 1º bailarino. Seus mestres na Argentina, foram: Amália Lozano, Nina Verchinina, Yurek Shabelewski, Vassili Lambrinos e Michael Borowski. Viaja à Europa e é contratado pelo ‘Grand Ballet du Marques de Cuevas’ e, nesta companhia, atua junto de Rosela Hightower, Nina Viroubova, Serge Kolovine, George Skibine, Nore Kovac, Yutan Rabowski, iniciando sua carreira internacional. Durante sua permanência nesta companhia, atua em diversos países europeus e sul-americanos, com os coreógrafos John Taras e Leonide Massine. O coreógrafo Nicolas Beriosoff ofereceu-lhe contrato de 1º bailarino para o Ballet de Staats Theater Stuttgart. Nesta companhia, onde permaneceu por seis anos, atuou com os seguintes coreógrafos: Beriosoff, John Cranko, Kenneth Mc Millan, Peter Wright.

A direção do Deutsche Oper am Rhein, de Dusseldorf – Alemanha, contrata-o como 1º bailarino-étoile. Dança neste grupo por sete anos, atuando em coreografias de Erich Walter, Balanchine, Hans Van Manen, Walter Nicks, Aurel von Milloss e Giuseppe Urbani. Em Dusseldorf é coreógrafo assistente e professor do corpo de baile, completando suas atividades artísticas atuando na Televisão Alemã, dançando balés clássicos e musicais. Suas parternaires foram: Ivette Chauviré, Violette Verdy, Georgina Parkinson, Márcia Haydée, entre outras. No Brasil, foi professor e assessor do Curso de Danças Clássicas da Fundação Teatro Guaíra, em Curitiba, e diretor e coreógrafo de seu próprio grupo, o ‘Central Ballet’. De sua vasta obra coreográfica, destacam-se: ‘A Casa de Bernarda Alba’ – música de Kabelac, ‘Heliogábal’ – de Pink Floyd, ‘Vivaldina’ – Vivaldi, ‘Concerto de Bach’ – Bach, ‘Matinée e Soirée Musical’ – Britten-Rossini, ‘Pastoral de Outono’ – Glazunov e ‘Divertissement’ – Tchaikowsky.

¹⁵ Rudolf von Laban – nascido na Bratislava, em 1879. Falecido na Inglaterra, em 1958. Dançarino, coreógrafo, professor e teórico húngaro. Sistematizou, em diversas obras publicadas, o que seria a base teórica para o estudo do movimento humano, tão utilizado nas técnicas de dança moderna. Concluiu que todo e qualquer movimento é constituído por quatro fatores: espaço, tempo, fluxo e peso. Fundou escolas em Munique, Zurique e Ascona. Foi mestre de Mary Wigman (viga mestra da modern german dance) e Kurt Jooss. Durante a II Guerra Mundial refugiou-se na Inglaterra, onde em colaboração com Jooss e Lisa Ullmann formou o Art of Movement Studio em Manchester (1946). Basicamente, buscava uma integração maior entre o movimento e a realidade humana, pesquisando constantemente as formas adotadas pelo corpo em movimento no espaço e o uso desse corpo como meio expressivo. Sua maior obra, talvez seja a Labanotation ou Kinetografia, sistema de escrita e notação da dança, caracterizado pelo uso de símbolos geométricos e pelo registro analítico dos fatores e esforços do movimento.

¹⁶ UNIVERSIDADE Federal já tem 318 alunos no grupo de dança. Gazeta do Povo. Curitiba, 29 de setembro de 1982, p. 8.

¹⁷ ídem.

¹⁸ Alcy Joaquim Ramalho – nascido em Ponta Grossa, em 1930. Formou-se em Engenharia Civil pela Escola de Engenharia da UFPR, em 1955. Foi reitor da UFPR, na gestão compreendida entre 26 de abril de 1982 a 26 de abril de 1986.

¹⁹ UNIVERSIDADE Federal já tem 318 alunos no grupo de dança. Gazeta do Povo. Curitiba, 29 de setembro de 1982, p. 8.

²⁰ TODA a cidade pode e deve dançar com o grupo da UFPR. E deve. Jornal da UFPR. Curitiba, 01 de junho de 1984, p. 4.

²¹ ídem.

²² ídem.

²³ CORPO de baile da Federal já tem as apresentações marcadas. Gazeta do Povo. Curitiba, 22 de maio de 1983, p. 11.

²⁴ FEDERAL já tem corpo de baile. O Paraná. Cascavel-PR, 19 de maio de 1983, p. 5.

²⁵ TRÊS coreografias novas na reitoria. Gazeta do Povo. Curitiba, 23 de março de 1983, p. 11.

²⁶ Mary Wigman – nascida em Hanover, em 1886 e falecida em Berlim, em 1973. Dançarina, coreógrafa e professora, estudou com Jacques Dalcroze e com Rudolf von Laban, de quem se tornou assistente. Deu seu primeiro recital em 1914. Abriu uma escola de dança em Dresde (1920), que se tornou o ‘berço da modern german dance’ e de onde saíram importantes nomes da dança expressionista alemã: Hanya Holm, Gret Palucca, Harald Kreutzberg, Yvonne Giorgi, entre outros. Em toda a Europa e até mesmo no Brasil, sua técnica proliferou. Possui diversas obras coreográficas em seu repertório, destacando-se sua obra-prima Hexentanz (a dança da feiticeira).

²⁷ Hanya Holm – nascida na Alemanha em 1898. Dançarina, professora e coreógrafa, naturalizada norte-americana. Estudou com Jacques Dalcroze e Mary Wigman na Alemanha. Tornou-se bailarina da companhia de Wigman e mais tarde, sua assistente na escola. Foi enviada a Nova York para abrir uma filial da escola de Wigman, em 1931. Cinco anos mais tarde inauguraria o Hanya Holm Studio, que se tornou um centro de difusão e desenvolvimento da dança moderna nos Estados Unidos. Neste studio, estudaram Alwin Nikolais e Eva Shul.

²⁸ Alwin Nikolais – nascido em 1912, em Southington-EUA. Dançarino, coreógrafo, professor e diretor. Iniciou sua carreira como pianista de cinema mudo. Estudou dança com vários mestres e dentre eles se destacam: Hanya Holm, Martha Graham e Doris Humphrey. Após a I Guerra Mundial, estabeleceu-se em Nova York e passou a dirigir o Henry Street Playhouse Theater (1948). Aos poucos começou a desenvolver um estilo único na apresentação de seus espetáculos: o movimento, o som, a cor e as luzes cooperavam igualmente para a formação de sequências de imagens coreográficas quase pictóricas, onde a finalidade não era contar estórias, narrar enredos, mas apelar à visão e à audição da plateia, levando-a a identificar a dança com as demais linguagens da cena.



O GRUPO DE DANÇA E AS EXPERIMENTAÇÕES ESTÉTICAS - (1986-1990)

A CONSOLIDAÇÃO DE UMA IDENTIDADE COREOGRÁFICA

A partir de 1986, sob a gestão do reitor Riad Salamuni¹, o Grupo de Dança da UFPR ocupa as instalações na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, num amplo estúdio do 3º andar do Prédio Histórico na praça Santos Andrade.

Em entrevista à imprensa local, salientava-se o objetivo de profissionalizar e poder remunerar os integrantes do grupo:

Estreará oficialmente nos dias 24 e 25 de maio no auditório do teatro da Reitoria da UFPR, o Grupo de Danças, com um espetáculo inédito [...]. Qualquer pessoa interessada, mesmo não sendo universitária, pode participar do corpo de baile. O diretor salienta que “uma das dificuldades atualmente é o pequeno número de bailarinos atuantes no grupo, uma vez que os homens geralmente preferem grupos profissionais com salários ou bolsas fixas. O Grupo da UFPR não tem remuneração, ainda. Apesar de ter quatro anos, somente em 85 assumiu características com vistas à profissionalização...”²

Nesta fase, os elementos das artes cênicas – princípios norteadores das escolas de interpretação cênica – começam a ser revisitados pelo grupo em suas pesquisas para a redefinição de uma identidade estética para os trabalhos coreográficos a serem desenvolvidos.

Aulas diárias de dança moderna passaram a ser divididas com experimentações laboratoriais do gesto cênico, expressividade, textos de Constantin Stanislavsky³ e Jerzy Grotowsky⁴, além dos exercícios propostos por Rudolf von Laban em sua busca do gesto significativo. Estes e outros princípios levaram à discussão e experimentação da linguagem proposta pelo Grupo de Dança que se apresentava ininterruptamente com obras compostas por seu diretor-coreógrafo e por convidados de renome nacional e internacional:

Eva Shul, Paulo Buarque e Luis Saião são alguns dos coreógrafos especialmente convidados pelo diretor Rafael Pacheco, por considerá-los como “três dos melhores coreógrafos contemporâneos da atualidade”. Também Márcia Squiba e Maurício Vogue apresentam uma obra coreográfica, selecionada a partir de um ateliê de criação [processo interno do Grupo de Dança] com música do grupo Super Tramp. A iluminação fica a cargo do renomado artista e diretor teatral, Marcelo Marchioro. Já os figurinos foram idealizados por Rafael Pacheco e pelos próprios coreógrafos, num processo de montagem [divididos entre aulas e ensaios] que durou oito meses.⁵

O Grupo de Dança em sua nova fase possuía uma agenda artística repleta e uma presença constante na mídia impressa, devido às suas diversas incursões em palcos tradicionais, além de apresentações inusitadas e arrojadas em espaços alternativos: quadras esportivas e estádios de futebol. Os jornais divulgavam as apresentações: “depois de obter o 2º lugar, com a coreografia Segredos de Paulo Buarque, no Festival de Dança promovido pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, concorrendo com todos os grupos, escolas e academias de dança de Curitiba foi aplaudido por cerca de 50.000 pessoas, que estiveram presentes em sua apresentação no Estádio Couto Pereira, no intervalo do jogo ‘amistoso’ entre a seleção brasileira e a paranaense de futebol.”⁶

Destacam-se no repertório de 1986 as seguintes obras coreográficas:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações
Lamentos | Rafael Pacheco | Gustav Mahler | dança moderna
Cidade | Rafael Pacheco | Vinicius de Moraes | dança moderna
Celacanto | Rafael Pacheco | Egberto Gismonti | solo
Noite 31 | Mauricio Vogue e Márcia Squiba | Super Tramp | dança moderna
Allegro | Eva Shul | Vivaldi | dança moderna
Hall Of Mirrors | Eva Shul | Kraftwerk | dança contemporânea
Cosmic Blues | Luis Fernando Sayão | Janis Joplin | solo
Vigília Para Um Senhor Morto | Luis Fernando Sayão | Villa-Lobos | trio feminino
Segredos | Paulo Buarque | Luciano Bério | dança moderna

A partir de *Lamentos*, obra com caráter notadamente expressionista, com música de Gustav Mahler (Canção para Ninar Crianças Mortas), o grupo toma contato, pela primeira vez, com a obra do francês Antonin Artaud⁷ e o seu ‘teatro da crueldade’.

Tem início a fase em que as propostas coreográficas de Rafael Pacheco definem uma ‘marca registrada’ da companhia: o cunho ritualista impresso em cada uma das cenas criadas a partir da energia orgânica, do gesto significativo e da concentração e do potencial criativo do corpo em movimento.

Por seu envolvimento em diferentes pólos culturais na cidade de Curitiba – Fundação Teatro Guaíra, Curso Superior de Dança e Curso Permanente de Teatro – o diretor tem acesso e contato com profissionais renomados no campo da criação coreográfica contemporânea e viabiliza convites para que estes criadores possam trabalhar algumas peças curtas na composição de um repertório diversificado e eclético, porém fundamentado nos princípios da contemporaneidade. Assim, da UAIC e do BTG, vem o bailarino e coreógrafo Paulo Buarque, que concebeu a obra *Segredos* a partir da Sinfonia Concreta de Luciano Bério.

Luis Fernando Sayão, coreógrafo mineiro, criou duas obras de caráter teatral, *Cosmic Blues* (solo) e *Vigília para um Senhor Morto*, exigindo dos intérpretes, não apenas domínio técnico, mas também expressividade cênica.

Mas os grandes destaques do período foram duas obras distintas: *Celacanto*, de Rafael Pacheco, um solo abstrato, baseado nas características e energia orgânica dos animais e criado especialmente para a bailarina-intérprete Ana Denise Beck e *Hall Of Mirrors* de Eva Shul, marcadamente contemporânea e vanguardista e criada a partir da composição do grupo alemão Kraftwerk.

Em *Hall Of Mirrors* os sete bailarinos portavam estruturas em material de PVC, branco, simulando molduras de espelhos, enquanto os movimentos e a cena progrediam em quadros referenciais levando aos questionamentos de um mundo de imagens e aparências enganosas.

Estas duas obras foram as grandes vencedoras do V Festival de Dança de Joinville, em 1987, nas modalidades solo contemporâneo e dança contemporânea. Iniciava-se, então, um percurso vitorioso do Grupo nos mais importantes festivais, encontros e mostras de dança no Brasil. A modalidade dança moderna aparecia associada indissolúvelmente ao Grupo de Dança nos mais variados veículos de comunicação, e os convites para apresentações e turnês, não tardaram a aparecer:



O Grupo de Dança da UFPR apresentará um novo espetáculo nesta sexta-feira e no sábado, dias 27 e 28 de novembro às 21 horas. A apresentação de dança moderna, a especialidade do grupo [grifo nosso], mostrará novas coreografias de Eva Shul, Rafael Pacheco, Cristiane Wosniak, Ana Beck, Josélia Salomé e Carlos Cortizzo [...]. Até agora, o grupo já tem um currículo com mais de cem espetáculos, nos mais variados espaços alternativos, desde palcos tradicionais até praças públicas. Baseado na experiência de cinco anos de atividades ininterruptas, o Grupo de Dança apresentou-se no V Festival de Dança de Joinville, onde obteve dois primeiros lugares nas modalidades Dança Contemporânea [com a coreografia Hall of Mirrors de Eva Shul] e Solo Livre [com a coreografia Celacanto de Rafael Pacheco]. Com esta classificação conseguiu reconhecimento em nível nacional como uma importante referência em produção de dança moderna. [...]. Donos de um currículo bastante rico, os integrantes do Grupo de Dança cumpriram uma turnê pelo Mato Grosso do Sul e por várias cidades do interior do Paraná e já têm acertada para o ano que vem uma turnê pelas principais capitais do país.⁸

Também é oportuno destacar as críticas positivas sobre a atuação do Grupo de Dança da UFPR na proposição de uma estética contemporânea para a dança, que ainda gerava muitas dúvidas conceituais, entre os grupos e companhias de dança no Brasil. A seguir, um trecho de uma análise sobre a dança contemporânea, vista sob a perspectiva do Festival de Dança de Joinville, na opinião do crítico Marcos Bragato:

Se no clássico a linguagem é trabalho praticamente resolvido, no contemporâneo a confusão é total. A ideia deve necessariamente ser unida à forma [grifo nosso]. O lugar comum aparece com tudo e às vezes não dá nem para classificar a tendência que se apresenta – se é que existe alguma... Informar-se faz parte do processo de todas as atividades artísticas. Por que no Brasil tem que continuar a desinformação? Se não temos tradição temos que desenvolvê-la. Material para o estudo da dança não falta, apesar da fraca publicação de livros. A organização do Festival, numa atitude avançada, programou um Seminário onde várias questões históricas foram abordadas. Quantos representantes dos que concorreram na modalidade Contemporâneo se interessaram em dialogar com os palestrantes? Uma ínfima parcela... Os coreógrafos dos trabalhos apresentados na noite de Contemporâneo, no ginásio Ivan Rodrigues iludem-se com a boa intenção. Estamos lidando com arte, não com qualquer coisa parecida. É ou não é. A tentativa de ruptura de alguma coisa passa longe. O quadro configurado não é dos melhores e a função do questionamento é fundamental para se encaminhar à frente. Dos dois dias dessa modalidade sobram apenas alguns trabalhos a se destacar: Hall Of Mirrors com o Grupo de Dança da Universidade Federal do Paraná (este mais próximo da linguagem da dança contemporânea) [grifo nosso] e a dança moderna em Pantanal de Eva Shul com seu Grupo Independente. Tentativa válida, também do Ballet Phoenix de Porto Alegre com seu Psicose no Divã de Jussara Pinheiro de Miranda. Outro lamentável equívoco é a inscrição dos demais trabalhos apresentados na noite, na categoria profissional. No máximo, tratava-se de trabalhos de alunos erroneamente informados e esperando um prêmio que, talvez, nunca chegará...⁹

Os bailarinos que atuaram em Joinville neste momento histórico do Grupo de Dança, foram: “ANA DENISE BECK, ANDRÉA SÉRIO, CARLOS CÉSAR, CRISTIANE SANSON, CRISTIANE SANTOS SOUZA, CRISTIANE WOSNIAK, DEUSAMAR BARROS, JAQUELINE TREVISAN, JOSÉLIA SALOMÉ, MARISTELA TEIXEIRA, MAURETE SCHUMACKER, MAURICIO VOGUE E VIVIANE MAGRINI.”¹⁰

As apresentações do Grupo de Dança, em 1986 e 1987, se estenderam às cidades de Paranaguá-PR, Ponta Grossa-PR, Maringá-PR, Joinville-SC, Ivaiporã-PR e Dourados-MS, onde as seguintes obras coreográficas do repertório, eram apresentadas:





Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações
Metrópolis | Carlos Cortizzo | Ravel | dança contemporânea
Limites Urbanos | Carlos Cortizzo | Oswaldo Montenegro | dança contemporânea
Ária | Eva Shul | Mozart | duo feminino
Outono | Rafael Pacheco | George Winston | solo
Vetores | Cristiane Wosniak e Ana Denise Beck | Luciano Bério | dança contemporânea
Motion | Josélia Salomé | Chico Mello | dança moderna
Imagens | Rafael Pacheco | Philip Glass | dança contemporânea

O elenco completo do grupo – no período entre 1986-87 – era composto pelos seguintes bailarinos:

ANA DENISE BECK, ANDRÉA SÉRIO, ADRIANE CANALE, ÂNGELA CORREA, BEATRIZ BLOHN, CARLOS CESAR, CECÍLIA SILVEIRA, CLAUDEMIR PINHEIRO, CRISTIANE WOSNIAK, CRISTIANE SANTOS SOUZA, CRISTIANE SANSON, CRISTIANE ALMEIDA, DEUSAMAR BARROS, DEISE ANDRADE, FERNANDA VARELLA, FRANCISCO MOURA, HELOÍSA MELLO, JAQUELINE TREVISAN, JANE CASAGRANDE, JANE DURIGAN, JOSÉLIA SALOMÉ, KÁTIA OKUYAMA, KAREN FRANKLIN, LUCIANA PALUDO, MARCILENE MAZZALLI, MARI ADAD, MÁRCIA SQUIBA, MARISTELA TEIXEIRA, MARISTELA SILVA, MAURICIO VOGUE, MAURETTE SCHUMACHER, MARIA INÊS REICHMANN, REGINA VIEIRA, REINA LAINEZ, ROGÉRIA VELOSO, ROSANA BADELUK, ROSANE KLEIN, SIMONE AMARAL, STELA MARIS SILVA, SUYAN LIMA, TATIANA GASTALDON, VALÉRIA OLIVEIRA E VIVIANE MAGRINI.

Neste ano, o Grupo de Danças da UFPR vence, também, o Festival Dance Conosco, exibindo as coreografias Hall Of Mirrors de Eva Shul e Metrópolis de Carlos Cortizzo, concorrendo com a maioria dos grupos, escolas e academias de dança paranaenses. Segundo o diretor do grupo da UFPR, Rafael Pacheco, “o Festival Dance Conosco vem a cada ano elevando o nível de seus competidores, numa demonstração de que a dança no Paraná, em especial em Curitiba, tem um grande futuro.”¹¹

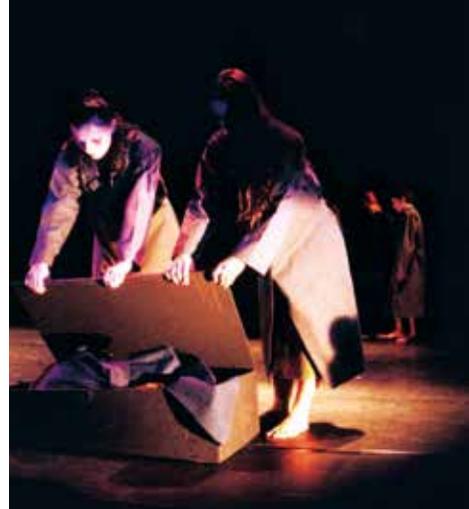
A meta do grupo, como destacava seu diretor, Rafael Pacheco, era chegar à categoria profissional. Para isso seria necessário que os integrantes fossem reconhecidos pelo Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos do Paraná (SATED). Os testes para adquirir o DRT (registro profissional) são feitos anualmente. Em 1987, eram apenas seis bailarinos profissionais atuantes no grupo e neste teste, no final do ano, a meta era aprovar um número suficiente para que, a partir do ano seguinte, o Grupo de Dança da UFPR pudesse disputar verbas de patrocínio, em editais do governo estadual e federal.

Neste intervalo de tempo, o Grupo se prepara para os compromissos já assumidos: em outubro, se apresenta em Santo Antônio da Platina-PR, durante as comemorações dos 100 anos do município. Em Cascavel-PR, o grupo se apresenta na Mostra de Artes da cidade e em Dourados-MS, à convite da prefeitura local.

Rafael Pacheco faz questão de comentar o apoio incondicional recebido pela administração da época da UFPR: “além de uma nova sala de aula e ensaios, o grupo também ganhou alguns materiais permanentes para a melhoria de suas atividades; equipamento de som, espelhos, e linóleo para suas turnês. Também conta com uma ajuda financeira para viabilizar as apresentações fora de Curitiba.”¹²







OS FESTIVAIS NACIONAIS DE DANÇA E A PROJEÇÃO NACIONAL

Em 1988, faltava ainda ao grupo uma projeção nacional: tornar conhecida sua identidade ritualística – uma hibridação cênica entre o movimento dançante, o gesto, a intenção e o significado, aberto, dialógico, semiótico. A opção selecionada foi percorrer o caminho dos festivais nacionais de dança. Em destaque, o Festival de Dança de Joinville, o Festival do Triângulo Mineiro, em Uberlândia-MG e o Encontro Nacional de Dança (ENDA-Brasil).

Era preciso imprimir a marca pessoal, o registro do grupo e de seu criador na cena contemporânea da época. As modalidades em que as obras eram inscritas variavam entre as seguintes matrizes: dança moderna, dança contemporânea, dança-teatro, solo, duo, etc...

Após a aparição do grupo no Festival de Dança de Joinville, em 1987, com a coreografia *Hall of Mirrors*, de Eva Shul, arrebatando o 1º lugar na modalidade dança contemporânea – categoria grupo e a coreografia *Celacanto*, de Rafael Pacheco, obtendo o 1º lugar na modalidade solo, a trajetória estava definida: retornar no ano seguinte com a proposta de apresentar a identidade ritualista e cênica acopladas à dança, do grupo da Federal, como se tornou conhecido no evento.

Em 1988, a coreografia *Cruel Inocência*, de Rafael Pacheco, um dos principais exemplos da fase artaudiana do grupo, conquistou Joinville, obtendo além do 1º Lugar na modalidade dança contemporânea – categoria profissional – o 1º Lugar Geral do Festival (troféu transitório) e foi sagrada, também, vencedora do II Festival de Dança do Triângulo e do ENDA Brasil, em São Paulo.

Sobre a obra *Cruel Inocência*, comenta o crítico de dança Luis Sorel: “considero um primor o balé psicológico, apesar de hermético, da UFPR. A inocência ultrajada foi muito bem dançada pelos intérpretes do grupo. O resultado não poderia ser melhor: primeiro lugar.”¹³

O corpo de jurados, que premiou o Grupo de Danças da UFPR com o Troféu Transitório, foi composto pelas estrangeiras “Kaleria Feicheva e Claudia Guitelmann, além de Carlos Leite e outros destaques nacionais como Maria Pia Finocchio, Carlota Portella, Toshie Koabayashi, Johnny Franklin, Fábio Coelho, Maísa Tempesta, Eduardo Sucena, Lourdes Bastos, Norma Lins do Carmo, Dulce Aquino e Alain Pierre Leroy, que analisaram o desempenho técnico, a interpretação, a harmonia, criatividade, música, figurino e o tema coreográfico.”¹⁴

A respeito das conquistas e premiações do Grupo de Dança da UFPR, a imprensa era pródiga em notícias:

O Grupo de Dança da UFPR acaba de conquistar o quinto prêmio deste ano [1988] e se transforma em fenômeno e referência em dança moderna-contemporânea no país [grifo nosso], segundo a crítica especializada. A coreografia *Cruel Inocência*, de Rafael Pacheco e música de Trevor Jones, venceu o VI Festival Nacional de Dança de Joinville-SC. Além desse importante prêmio, o grupo da UFPR levou também o troféu transitório que é conferido à equipe que atinge a maior média na somatória de pontos, levando-se em consideração todos os grupos e modalidades de dança apresentadas durante o evento. O grupo paranaense obteve média de 9,85 pontos. O Grupo de Dança da UFPR venceu também o II Festival de Dança do Triângulo Mineiro, em Uberlândia-MG, com as coreografias *Celacanto* [solo] e *Cruel Inocência*, ambas de Rafael Pacheco. Em São Paulo, os bailarinos conquistaram o público e trouxeram o troféu de 1º lugar na modalidade Dança Moderna com a obra *Hall Of Mirrors* de Eva Shul, a partir da música do grupo Kraftwerk.¹⁵

No retorno dos festivais, o diretor e os bailarinos do Grupo de Dança foram participar ao reitor a premiação no VI Festival de Dança Nacional de Joinville. No encontro com Salamuni, Rafael Pacheco aproveitou a ocasião para pedir autorização no sentido de fazer um estudo para a contratação e efetivação do elenco. Segundo o diretor, a UFPR corria o risco de perder seus bailarinos para outros grupos e

universidades, tendo em vista o alto grau de aperfeiçoamento técnico alcançado por eles.

O argumento foi bem recebido por Salamuni, que autorizou a fazer os estudos e, de imediato, providenciar alguns paliativos para o problema, já que continuam proibidas as contratações em órgãos públicos. Uma solução provisória seria a contratação de bailarinos formados na UFPR como prestadores de serviços e, os estudantes ganharem bolsas de estudo, como já acontecia.

Os bailarinos profissionais consagrados em Joinville com a coreografia Cruel Inocência foram: “ANA BECK, ANDRÉA SÉRIO, CARMEM JORGE, CARMEM ROMERO, CRISTIANE WOSNIAK, KAREM FRANKLIN, MALU NATEL FREIRE, MARCILENE MAZZALI, REJANE VARELLA, VANISA BENTO E VIVIANE MAGRINI.”¹⁶

No segundo semestre, o grupo se preparava para mais um espetáculo apresentando obras inéditas ao lado das já consagradas em festivais e mostras de dança. O elenco era composto, nesta fase, pelos seguintes bailarinos: ANA DENISE BECK, ANDRÉA SÉRIO, CARLOS CESAR, CARLOS GASPAR, CARMEM JORGE, CARMEM ROMERO, CRISTIANE SANTOS SOUZA, CRISTIANE WOSNIAK, FABIANA FERREIRA, GISLAINE THOMAZ, HELOÍSA MELLO, IEDA PORT, JAQUELINE TREVISAN, KAREN FRANKLIN, MALU NATEL FREIRE, MARCILENE MAZZALI, MARISTELA TEIXEIRA, MAURETE SCHUMACHER, MAURICIO VOGUE, PAULO JORENTE, REJANE VARELLA, ROBERTA GARRIDO, SIMONE SANTOS, VANISA BENTO e VIVIANE MAGRINI.

Obras que fizeram parte do repertório coreográfico de 1988:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações
Cruel Inocência | Rafael Pacheco | Trevor Jones | dança contemporânea
Registrato | Rafael Pacheco | Philip Glass | pas de deux
Suicídio | Rafael Pacheco | Johannes Schmoeling | dança-teatro
Transparência | Rafael Pacheco | Studio Musicae | solo
Clap-Hands | Heloísa Mello | Tom Waits | dança contemporânea
Ex-Posição | Josélia Schwanka | Laurie Anderson | dança contemporânea
Anima | Eva Shul | Steeve Reich | duo feminino

No espetáculo da temporada oficial do Grupo de Dança da UFPR, em novembro, no Teatro da Reitoria, houve a participação de um grupo convidado pelo diretor-coreógrafo: “ainda como complementação do espetáculo, haverá a apresentação do Grupo Ballet Desterro de Florianópolis-SC, que, a convite de Rafael Pacheco, traz a Curitiba a coreografia Elo, da diretora-coreógrafa Sandra Meyer, premiada em Joinville, durante o VI Festival de Dança.”¹⁷

No encerramento do ano, em dezembro, o Grupo de Danças participava, de forma vitoriosa, do Encontro Nacional de Danças (ENDA). A seguir, o destaque sobre o importante evento do calendário cultural e artístico no Brasil:

Depois de quatro etapas, das quais participaram cerca de 4 mil bailarinos e 362 grupos de dança, encerrou-se em fins de outubro o VII Encontro Nacional de Dança (ENDA), promovido pela Associação Paulista dos Profissionais de Dança, entidade presidida pela ex-bailarina Maria Pia Finocchio, e que, devido à sua importância, já foi reconhecida pelo MinC, passando a integrar o calendário oficial de eventos do ministério. O ENDA abrange todas as modalidades de dança: balé clássico, neoclássico, contemporâneo, moderno, jazz, afro, sapateado e folclore, além de pas-de-deux de repertório. O ENDA abrange quatro fases: fase eliminatória (que reúne concorrentes do interior de todo o país); fase da capital (com participação de grupos da capital de São Paulo); fase estadual (seleciona grupos do Estado de São Paulo) e fase nacional (agrupa, mediante convite direcionado, os primeiros e segundos colocados nos principais festivais nacionais de dança) [...]. O ENDA-88 premiou na categoria Contemporâneo Profissional, o Grupo de Dança da Universidade Federal do Paraná.¹⁸



Rafael Pacheco afirmava, incansavelmente, que o Grupo de Dança abriu a possibilidade de desenvolver uma linguagem cênica muito particular: “a linguagem do grupo tem como perspectivas abrir novos caminhos na dança, usando-se sempre o senso crítico para não retroceder. Um dos objetivos básicos da estética diferenciada dos trabalhos coreográficos é o uso intenso de simbolismos na cena, nos gestos, nos movimentos e acima de tudo, na energia orgânica trabalhada entre os bailarinos que representam com veracidade seus papéis, o que certamente propicia à plateia um impacto pelas variadas possibilidades de leitura de uma mesma obra.”¹⁹

Salientava Pacheco: “cada espectador, dependendo de sua experiência de vida, de seu repertório cultural ou posicionamentos, vai interpretar de uma maneira distinta a mesma mensagem ou ideia norteadora trabalhada na coreografia... Esta abertura de significados presentes numa obra é o que motiva a pesquisa e as criações contemporâneas e polêmicas do grupo...”²⁰

Em 1988, o Grupo de Dança da UFPR deu um importante passo na divulgação de seu repertório e de sua linguagem artística. As turnês que se seguiram alcançaram cidades, tais como: Santo Antonio da Platina-PR, Goiô-Êrê-PR, Umuarama-PR, Cornélio Procópio-PR, Pato Branco-PR, Peabirú-Pr, além de São Paulo-SP, Florianópolis-SC, Joinville-Sc e Uberlândia-MG.

Surge, também, nesse ano, uma ramificação do Grupo de Dança: a criação de uma turma de iniciação à dança moderna, cujo funcionamento no horário de intervalo para almoço (das 12h00 às 13h30) atraía bailarinos que desejavam aprimorar suas habilidades artísticas. Como o objetivo de atender, de forma extensionista, a comunidade interna e externa à universidade e com uma média de 54 alunos, esta iniciativa iria se prolongar para o ano seguinte e em breve começaria a prover o próprio Grupo de Dança, de material humano qualificado para a prática da dança. A turma era coordenada pela bailarina e coreógrafa Cristiane Wosniak.

Em 1989, após cumprir extensa agenda direcionada às viagens estaduais e nacionais, no primeiro semestre, onde se destacam: União da Vitória-PR, Telêmaco Borba-PR, Rio de Janeiro-RJ, Campo Grande-MS, Dourados-MS e Santos-SP, o Grupo de Dança da UFPR se preparava para dançar novamente no VII Festival de Dança em Joinville, com uma obra inédita criada por Rafael Pacheco, *Viajem*.

Esta coreografia pode ser considerada emblemática na história do grupo, visto que, arrebatou todos os prêmios possíveis em festivais nacionais, recebendo comentários positivos da crítica especializada e gerando, mais tarde, a primeira montagem completa – espetáculo com uma hora de duração – a partir de uma releitura coreográfica da obra original.

Uma coreografia de 15 minutos, que lembra um campo de triagem durante a II Guerra Mundial, onde os judeus eram enviados aos campos de concentração, deu ao Grupo de Dança da Universidade Federal do Paraná, o título absoluto [troféu transitório] do VII Festival de Dança de Joinville, que reuniu, este ano, bailarinos de 140 grupos, escolas e academias de danças, brasileiros e também do Chile, Argentina e França. A obra *Viajem* de Rafael Pacheco, com música de Vângelis, conseguiu três prêmios: I Lugar na modalidade Contemporâneo, categoria profissional; bicampeão geral (troféu transitório conquistado por dois anos consecutivos, obtendo média 10,0 em todos os quesitos dos jurados e ainda o Troféu Especial de ‘melhor coreógrafo do festival’, dado a Rafael Pacheco. Para os jurados e críticos de dança que acompanharam o trabalho do grupo, a coreografia é densa, intrigante, com ritmo intenso, preciso e a pulsação da obra é angustiante, desenvolvida a partir da linguagem da dança contemporânea utilizando também elementos e simbologias do teatro.²¹



Após a participação em Joinville, o Grupo de Dança recebeu convites para várias apresentações especiais: em outubro participou do Encontro Nacional de Dança, em São Paulo – sagrando-se vencedor da categoria Dança Contemporânea, modalidade profissional, com Viagem. Em novembro, foi a Foz do Iguaçu, dançar no Plaza Foz, a convite da Secretaria Municipal de Cultura, a Erichim, no Rio Grande do Sul, a convite do SESC local e realizou ainda espetáculo da temporada oficial de 2º semestre, no Teatro da Reitoria, nos dias 23, 24 e 25 de novembro.

Um dos grandes destaques artísticos do ano foi a apresentação de um espetáculo inédito, A Rainha da Noite, em setembro, no grande auditório do Teatro Guaíra, obtendo êxito de público, que lotou o teatro durante os dois dias de apresentação. Sobre a obra, a imprensa local noticiava:





Uma rainha detém em seu poder e domínio da luz e mostra este efeito em pequenas esferas de metal, que acabam ofuscando os olhos de 17 bailarinos. São 22 minutos de puro movimento, enfatizando os princípios tempo e ritmo e desenho espacial, desenvolvidos a partir de uma estética completamente nova para o Grupo de Dança. Os personagens não são humanos e nem animais, mas o fruto da imaginação da rainha. Este é o enredo surrealista da mais nova obra do Grupo de Dança da UFPR, A Rainha da Noite, que estreia nacionalmente amanhã, no grande auditório do Teatro Guaíra. Com música de Nic Howe e coreografia de Rafael Pacheco, o grupo pretende se firmar ainda mais no território da dança contemporânea, pois já é conhecido e respeitado, nesta modalidade, nos diversos festivais e turnês nacionais.²²

O repertório produzido em 1989:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações
Viajem | Rafael Pacheco | Vângelis | dança contemporânea
A Rainha da Noite | Rafael Pacheco | Nik Howin | dança contemporânea
Polifonia | Rafael Pacheco | Jean Michel Jarré | dança contemporânea
A Aparição do Whaiti | Rafael Pacheco | colagem | dança contemporânea
Tempo Solo | Fabiana Ferreira | colagem efeitos | solo

Neste espetáculo, outras tendências vanguardistas vêm somar experiência ao grupo de bailarinos em sua investida pelo irreverente e o non sense.

A obra que ilustra esta fase é a criação de Rafael Pacheco, A Aparição do Whaiti. Além de utilizar uma estrutura cênica pós-moderna, com cenários e figurinos futuristas, utiliza também os próprios bailarinos como fonte originária de sons e palavras, sem sentido específico, gerando a 'partitura musical', que conduz as cenas coreográficas, cedendo lugar às vezes à improvisação estruturada, tão característica das performances e dos work in process.

O elenco, em 1989, era composto pelos seguintes bailarinos: ANA DENISE BECK, ANDRÉA SÉRIO, BETO MORBECK, CARLOS CESAR, CARMEM ROMERO, CRISTIANE WOSNIAK, FABIANA FERREIRA, GISELE KLIEMANN, HELOÍSA MELLO, ITANE BORGES, JAQUELINE TREVISAN, KAREN FRANKLIN, MARCILENE MAZZALI, MARISTELA TEIXEIRA, REJANE VARELLA, SIMONE SANTOS e VIVIANE MAGRINI.

A partir de 1990, o circuito dos festivais e mostras competitivas de dança é abandonado e o grupo se aventura em produções coreográficas mais extensas, com a possibilidade de realizar pequenas turnês, pelo interior do Paraná.

Cidades paranaenses como Ponta Grossa, Paranaguá, Antonina, Maringá, Ivaiporã, Santo Antonio da Platina, Umuarama, Cornélio Procópio, Pato Branco, Peabirú, Goio-Erê, São Mateus do Sul, Dois Vizinhos, União da Vitória, Cascavel, Palotina e pertencentes a outros estados, como Joinville-SC, Florianópolis-SC, Dourados-MS, Santos-SP, Uberlândia-MG, Pelotas-RS e São Paulo-SP, recebem anualmente um espetáculo onde se misturavam coreografias do repertório tradicional do grupo, além de obras inéditas.

Uma das apresentações de destaque do período foi o convite feito ao Grupo de Dança para fazer a abertura do Festival SESC-Mobil, na cidade de Santos-SP. Trata-se de um importante evento artístico no cenário da dança brasileira.

Para uma plateia de cerca de 7.000 pessoas, o diretor-coreógrafo apresentou uma peça polêmica, densa e psicologicamente hermética e de difícil leitura: O Condutor, ao lado de seu consagrado trabalho Cruel Inocência. Esta última, teve uma grande e imediata aceitação por parte da plateia que ao término da obra, ovacionou o elenco, aplaudindo-os em pé. O Condutor, coreografia criada a partir da complexa partitura de Pierre Boulez e tendo em cena apenas 5 bailarinos executando e interpretando pequenos movimentos ritualistas, causou uma profunda e significativa reação no público, incomodado pelo 'hermetismo da obra'...

Repertório característico de 1990:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações

O Condutor | Rafael Pacheco | Pierre Boulez | dança contemporânea

Eu Paciente... Porém Terminal | Rafael Pacheco | Stockhausen e Luciano Bério | dança contemporânea

Tem Ar Dentro | Andréa Sérgio | Philip Glass | duo contemporâneo

Nada | Andréa Sérgio | Talking Heads | dança contemporânea

O elenco de 1990 era composto por: ANA DENISE BECK, ANDRÉA SERRATO, ANDRÉA SÉRIO, BETO MORBECK, CRISTIANE WOSNIAK, GISELE KLIEMANN, KAREN FRANKLIN, MARCILENE MAZZALI, MARA FELD, REJANE BRESSAN, REJANE VARELLA, SIMONE SANTOS e VIVIANE MAGRINI.

Para finalizar o panorama deste período, vale ressaltar que uma das turnês merece destaque por sua abrangência e relevância artística. Em 1990, o grupo é selecionado pela Fundação Nacional de Artes (Funarte-Brasília) a divulgar (circular) o seu espetáculo, composto por obras características que são divididas em dois programas completos, entre projetos solos e coreografias de conjunto.

A estreia da turnê acontece na cidade do Rio de Janeiro, no Teatro Cacilda Becker. Durante a semana inteira em que o espetáculo teve lugar, a plateia estava completamente lotada, tanto durante a apresentação, quanto logo após, quando acontecia um bate-papo entre público e artistas, com troca de informações e divulgação do trabalho artístico desenvolvido na UFPR.









¹ Riad Salamuni – nascido em Ponta Grossa, em 1927 e falecido em 2002. Bacharel em História Natural pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFPR, em 1951. Licenciado em História Natural, em 1952. Especialista em Geomorfologia. Foi instrutor, docente livre e professor titular, além de diretor do Instituto de Geologia da UFPR. Como reitor, atuou na gestão compreendida entre 28 de abril de 1986 a 28 de março de 1990.

² GRUPO de Dança da UFPR: estreia. O Estado do Paraná. Curitiba, 02 de abril de 1986, p. 7.

³ Constantin Stanislavsky – nascido em Moscou, em 5 de janeiro de 1863 e falecido em Moscou, em 7 de Agosto de 1938. Foi um ator, diretor, pedagogo e escritor russo de grande destaque entre os séculos XIX e XX. Mais conhecido como Constantin Stanislavski. Impulsionado por renovações cênicas e por experiências ao longo de sua vida, Stanislavski criou, desenvolveu, sistematizou e aprimorou o que chamou de “sistema”. Este se embasava nas ações físicas, as quais, por sua vez, transmitem o espírito interior do papel que estamos interpretando [...], sendo elas abastecidas pela vida e pela imaginação que o ator empresta à personagem. Assim sendo, a partir de Stanislavski, ações físicas, espírito interior, imaginação, são palavras chaves e integradas em todos os métodos de interpretação para o ator desde então. Stanislavski deixou um total de quatro obras: Minha Vida na Arte, A preparação do Ator, A Construção da Personagem e A Criação de um Papel.

⁴ Jerzy Grotowski – nascido em Rzeszów, em 11 de agosto de 1933 e falecido em Pontedera, em 14 de janeiro de 1999. Foi um diretor de teatro polonês e figura central no teatro do século XX, principalmente no teatro experimental ou de vanguarda. Seu trabalho mais conhecido em português é Em Busca de um Teatro Pobre, onde postula um teatro praticamente sem vestimentas, baseado no trabalho psico-físico do ator. A melhor tradução de “teatro pobre” seria teatro santo ou teatro ritual. Nele, Grotowski leva às últimas consequências as ações físicas elaboradas por Constantin Stanislavski, buscando um teatro mais ritualístico, para poucas pessoas. Um dos seus assistentes e responsável pela divulgação e publicação de seus trabalhos é o hoje famoso teatrólogo Eugenio Barba. Segundo Grotowski, o fundamental no teatro é o trabalho com a plateia, não os cenários e os figurinos, iluminação, etc. Estas são apenas armadilhas, se elas podem ajudar a experiência teatral são desnecessárias ao significado central que o teatro pode gerar. O pobre em seu teatro significa eliminar tudo que é desnecessário, deixando um ator ou atriz vulnerável e sem qualquer artifício. Na Polônia, seus espetáculos eram representados num espaço pequeno, com as paredes pintadas de preto, com atores apenas com vestimentas simples, muitas das vezes todas em preto. Seu processo de ensaio trabalhava exercícios que levavam ao pleno controle de seus corpos para desenvolver um espetáculo que não deveria ter nada supérfluo, também sem luzes e efeitos de som, contrariando o cenário tradicional, sem uma área delimitada para a representação. A relação com os espectadores pretendia-se direta, no terreno da pura percepção e da comunhão. Desafia-se assim a noção de que o teatro seria uma síntese de todas as artes, a literatura, a escultura, pintura, iluminação, etc...

⁵ DANÇA na Reitoria. O Estado do Paraná. Curitiba, 14 de novembro de 1986, p. 8.

⁶ Idem.

⁷ Antonin Artaud – nascido em Marselha, em 4 de setembro de 1896 e falecido em Paris em 4 de março de 1948. Foi um poeta, ator, escritor, dramaturgo, roteirista e diretor de teatro francês de aspirações anarquistas. Ligado fortemente ao surrealismo, foi expulso do movimento por ser contrário a filiação ao partido comunista. Sua obra O Teatro e seu Duplo é um dos principais escritos sobre a arte do teatro no século XX. Para Artaud, o teatro é o lugar privilegiado de uma germinação de formas, que refazem o ato criador, formas capazes de dirigir ou derivar forças. Em 1935, Artaud conclui O Teatro e seu Duplo (Le Théâtre et son Double), um dos livros mais influentes do teatro deste século. Na sua obra, ele expõe o grito, a respiração e o corpo do homem como lugar primordial do ato teatral, denuncia o teatro digestivo e rejeita a supremacia da palavra. Esse era o Teatro da Crueldade de Artaud, onde não haveria nenhuma distância entre ator e plateia, todos seriam atores e todos fariam parte do processo, ao mesmo tempo. Em 1948, Artaud é encontrado morto em seu quarto no hospício do bairro de Ivry-sur-Seine, em Paris. O seu trabalho ainda inclui ensaios e roteiros de cinema, pintura e literatura, diversas peças de teatro, inclusive uma ópera, notas e manifestos polêmicos sobre teatro, ensaios sobre o ritual do cacto mexicano peyote entre os índios Tarahumara (Les Tarahumaras), aparições como ator em dois grandes filmes e outros menores.



⁸ ESPETÁCULO de dança movimenta a reitoria. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 26 de fevereiro de 1987, p. 4.

⁹ BRAGATO, Marcos. A confusão com a dança contemporânea. Na Ponta dos Pés. Suplemento Revista Dançar. Joinville-SC, 24 de julho de 1987, p. 5.

¹⁰ GRUPO da Federal vai dançar em Joinville. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 11 de julho de 1987, p. 6.

¹¹ V FESTIVAL de danças. *Diário Popular*. Curitiba, 12 de setembro de 1987, p. 3.

¹² ARTE e cultura. *Jornal da UFPR*. Curitiba, edição de setembro de 1987, p. 5.

¹³ SOREL, Luiz. Os festivais conquistam o país: um saldo positivo. *Revista Dançar*. São Paulo-SP, edição de outubro de 1988, nº 26, p. 23-24.

¹⁴ NOMES expressivos vão apontar os melhores. *A Notícia*. Joinville-SC, 15 de julho de 1988, p. 11.

¹⁵ GRUPO obtém outras duas premiações. *Jornal da UFPR*. Curitiba, edição de agosto de 1988, p. 3.

¹⁶ GRUPO de dança da UFPR em destaque. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 28 de julho de 1988, p. 12.

¹⁷ BOM espetáculo, com o grupo de dança da UFPR, na reitoria. *Correio de Notícias*. Curitiba, 04 de novembro de 1988, p. 4.

¹⁸ ENDA-88 reuniu mais de 4 mil bailarinos. *Dança Hoje – Informativo do Instituto de Dança da Fundacen-MinC*. Rio de Janeiro, edição nº 4 de dezembro de 1988, p. 2-3.

¹⁹ DORÉ, Andréa e BASSO, Jonny. Nota máxima para a dança. *Jornal Comunicação – sessão perfil*. Curitiba, ano V, nº 3 – edição 19, de 1989, p. 8.

²⁰ Idem.

²¹ GRUPO de dança vence festival de Joinville. *Jornal do Estado – sessão Dança*. Curitiba, 29 de julho de 1989, p. 2.

²² GRUPO de dança da UFPR estreia nova coreografia. *Jornal do Estado*. Curitiba, 17 de setembro de 1989, p. 14.



**O NASCIMENTO DA COMPANHIA DE DANÇA DA UFPR
(1991-2001)**

A CONTEMPORANEIDADE, A DANÇA E OS TRABALHOS POLÊMICOS

A partir de 1991, sob a gestão do reitor Carlos Alberto Faraco¹, o Grupo de Dança da UFPR, com o apoio cultural do Banco Bamerindus, decide investir na criação de espetáculos completos e circular, com a produção artística inédita, por diversas cidades paranaenses e brasileiras.

A obra que inaugura essa fase da companhia é *Viajem*. A obra também pontua uma parceria determinante entre o coreógrafo Rafael Pacheco, o criador e diretor de trilha sonora, César Sarti², e o iluminador Luis Tschannerl³, que perdura até hoje.

Viajem tornava-se uma temática atual e polêmica, envolvendo o crescimento do movimento neonazista, sobretudo na Europa, cuja repercussão ultrapassava fronteiras em matérias e reportagens constantes deste fato na mídia internacional.

Rafael Pacheco, numa releitura de sua obra, reforça o caráter sógnico da coreografia, incluindo ao lado da composição *Termovisão*, de Vângelis, outras referências sonoras propostas por Sarti: *Kreutz Zorn*, *Jurgen Knieper* e uma adaptação da ópera *Tanhauser* de Richard Wagner.

A cenografia, de grande impacto visual, propunha plataformas e passarelas que saíam do palco rumo às fileiras de cadeiras na plateia – espécie de trilhos simbólicos como numa plataforma de estação ferroviária – e nestes espaços distribuíam-se os intérpretes: bailarinos, atores, barítonos e figurantes especialmente convidados.

O material gráfico produzido para a temporada causou bastante repercussão na mídia, pois um dos símbolos utilizados pela designer Suzana Mezzadri incluía a suástica nazista e, com a proliferação deste material (cartazes, flyers, painel de rua, flâmulas), muitas foram as manifestações indignadas da população curitibana, que em mobilização intensiva acabaram por fazer com que o próprio Reitor da UFPR, Carlos Faraco, decidisse, na estreia do espetáculo, subir ao palco e fazer um pronunciamento em relação ao direito da livre expressão.

Polêmicas à parte, a obra, dedicada ao Movimento Nacional e Internacional pelos Direitos Humanos, teve sucesso de público e crítica em todas as suas récitas.

No mesmo ano, pequenas peças de dança também são criadas, com a finalidade de tornar o repertório do grupo versátil e eclético, podendo ser apresentado em espaços alternativos.

No primeiro semestre, o Grupo de Dança é convidado a participar do IV Encontro Meridional de Dança – na cidade de Pelotas-RS – denominado Dança Sul e promovido pela Prefeitura Municipal e Fundação Sete de Abril. Grupos e bailarinos pertencentes aos Estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, reuniram-se durante uma semana trocando informações, oficinas e promovendo espetáculos [em diversos estilos] no Teatro Sete de Abril e também nos centros tradicionalistas de Pelotas.

[...] O Dança Sul consolida mais uma vez a ideia pioneira de popularização da dança, comprovada pelo sucesso de público participante. O evento congrega neste ano as Invernadas Artísticas dos Centros de Tradições Gaúchas [...]. Pelotas estará representada por oito grupos: Male, Jazzy, Spieker, Pó Pelotense, Quorum, Força Viva, Balé de Aquino e Ballet de Pelotas. Grupos vindos de fora do Estado em destaque: Álea Grupo de Dança e Woss Cia de Dança de Florianópolis-SC, Balé de Londrina-PR e o Grupo de Dança da Universidade Federal do Paraná [grifo nosso]. De Porto Alegre, Geração Grupo de Dança, Ballet Chemale e Cia de Balé Mudança.⁴

Na estreia do espetáculo da Temporada Oficial de 1º semestre, o diretor coreógrafo aposta na diversidade, com obras próprias e criadas por coreógrafos convidados, enquanto prepara *Viajem* para o 2º semestre.

Apresenta-se no programa, pela primeira vez, um pas de deux neoclássico, nas pontas, criado especialmente pela coreógrafa convidada, Carla Reinecke, para os bailarinos Cristiane Wosniak (UFPR) e Paulo Jorente (BTG).

Além desta intervenção neoclássica, junto às composições marcadamente contemporâneas, Rafael Pacheco convida a companhia teatral *Rainha de Duas Cabeças*⁵ para uma participação especial, conjugando no programa diversas tendências cênicas produzidas em Curitiba.

Está em cartaz, no auditório da Reitoria, o Grupo de Dança da UFPR, dirigido por Rafael Pacheco. Até amanhã o grupo apresenta um espetáculo que reúne a coreografia *Cidade Aberta*, *Cruel Inocência*, *A Aparição do Whaiti* e *High Society*, de Rafael Pacheco, o pas de deux *Paris et Helena* de Carla Reinecke Tavares do Centro Cultural Teatro Guaíra, *Hall Of Mirrors*, de Eva Shul, e o dueto *Tem Ar Dentro* de Andréa Sério. Também consta no programa uma apresentação do grupo teatral *A Rainha de Duas Cabeças*, convidado por Rafael Pacheco para integrar o espetáculo.⁶

O Grupo de Dança da UFPR também inaugurou, a partir deste espetáculo, uma nova atividade que seria repetida a cada apresentação dos grupos artísticos da UFPR: “crianças e adolescentes de escolas municipais de Curitiba e região metropolitana irão ao auditório da Reitoria, assistir às apresentações didáticas, especialmente adaptadas para este público.”⁷

Na primeira apresentação didática do Grupo de Dança, 700 alunos lotaram o teatro.

Em julho, o Grupo de Dança participou do Festival de Dança de Joinville, nas modalidades dança moderna – categoria profissional – com a obra *Dez para as Oito*, de Rafael Pacheco e na modalidade duo livre – categoria profissional – com a obra *Tem Ar Dentro*, de Andréa Sério, sendo ambas premiadas.

Somente em 1992, após a participação no Festival de Joinville, com a obra *Omém 666*, de Pacheco, o grupo abandonaria, em definitivo, o circuito dos festivais competitivos, partindo em busca de uma definição ou identidade própria, como companhia de dança moderna-contemporânea, produzindo e circulando com repertório independente e mais completo, livre das exigências e da minutagem padrão (15 minutos) imposta pelos regulamentos dos festivais.

Em dezembro de 1991, ao comemorar os 80 Anos da UFPR, uma parceria entre o Grupo de Dança e o Coral da UFPR sob regência de Alvaro Nadolny, levam à cena – num palco montado em frente às escadarias da UFPR, na praça Santos Andrade – a obra *Final*, criada especialmente para a ocasião, a partir da composição Tanhauser de Wagner.

Fazem parte do repertório de 1991, as seguintes obras coreográficas:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações

Viajem | Rafael Pacheco | trilha criada por Cesar Sarti | releitura da obra original (1 hora)

Beauborg | Catharina Coimbra | Vângelis | dueto contemporâneo

Tem Ar Dentro | Andréa Sério | Philip Glass | dueto feminino

Tempo Solo | Fabiana Ferreira | colagem musical | solo feminino

Paris et Helena | Carla Reinecke | Charles Gounod | pas de deux neoclássico

Cidade Aberta | Rafael Pacheco | Pierre Boulez | contemporâneo



O elenco, neste período, era composto pelos bailarinos: ANDRÉA CORDEIRO, ANDRÉA SÉRIO, BETO MORBECK, CARLOS CESAR, CATHARINA COIMBRA, CLAUDIA MATTANA, CRISTIANE WOSNIAK, DANIELE FRANCO, GISELE KLIEMANN, JENIFER LIMA, KÁTIA MARQUES, LUCIANA FERRUZI, MARCELO PERINI, MARCILENE MAZZALI, MARILANDE TREZUB, NÚBIA LIMA, REJANE VARELLA, RONNIE SOARES, SILVIA LIPATIM, SIMONE SANTOS, SIMONE TAVARNARO e VÂNIA MACHADO.



DEZ ANOS DE ATIVIDADES ININTERRUPTAS

Em 1992, no ano em que comemora dez anos de atividades ininterruptas com a dança moderna-contemporânea, o Grupo de Dança da UFPR recebe o convite do Festival de Joinville para se apresentar na Noite de Gala – evento comemorativo dos 10 Anos do Festival – com o objetivo de fazer uma amostragem dos grupos e trabalhos que mais se destacaram (prêmios obtidos e constância nas apresentações) durante este período.

A noite de hoje [24 de julho de 1992] é de festa. Para comemorar os dez anos deste festival a Comissão Central Organizadora preparou uma Noite de Gala. No palco, os grupos, que ao longo dos festivais deram sua contribuição para o crescimento e projeção hoje alcançados. São 24 grupos distribuídos nas modalidades: sapateado, danças populares, jazz, dança moderna, contemporâneo, clássico e clássico de repertório [...]. Além de obter troféu Revelação, dois grupos já fizeram jus ao troféu transitório por mais de uma vez – Grupo de Dança da Universidade Federal do Paraná, nos anos 88 e 89 [grifo nosso] e Ballet de Pelotas, em 86 e 89.⁸

No 2º semestre, inicia-se uma turnê pela região Oeste do Paraná. As apresentações são um resultado do intercâmbio cultural mantido pela Unioeste com a UFPR, através de convênio cultural. No circuito, o Grupo de Dança se apresentou nas cidades de Toledo (13 de agosto – Auditório do Colégio La Salle), em Marechal Cândido Rondon (14 de agosto – no Clube Concórdia), em Foz do Iguaçu (15 e 16 de agosto no Plaza Foz) e em Cascavel (18 de agosto – no Centro Cultural Gilberto Meyer).

Dentre as obras apresentadas na turnê e na cidade de Curitiba, oriundas de remontagens do repertório criado em dez anos de existência, destaca-se *O Condutor*, de Rafael Pacheco, criada especialmente para celebrar os 10 Anos do Grupo, em evento no Teatro da Reitoria da UFPR. A obra também foi apresentada em Palotina, no intercâmbio cultural com o mais novo campus avançado da UFPR.

“Sob direção e concepção de Rafael Pacheco, *O Condutor*, com trilha sonora de Cesar Sarti a partir da composição de Mychael Nyman, retrata o conflito em que vive o ser humano, sob qualquer forma de manipulação.”⁹

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações

Omem 666 | Rafael Pacheco | trilha criada por César Sarti | contemporâneo

O Condutor | Rafael Pacheco | trilha criada por César Sarti | releitura da obra original (1 hora)

O elenco era composto pelos bailarinos: ADRIANA COSTA, ANA CARLA MAGNA, ANDERSON SANTOS, ANDRÉA SERRATO, ANDERSON ROGÉRIO DOS SANTOS, CATHARINA COIMBRA, CLAUDIA MATTANA, CRISTIANE WOSNIAK, DANIELA LANGASSNER, DERMEVAL DA SILVA, GILKA MACHADO, GISELE KLIEMANN, HELOÍSA MELLO, KATIA MARQUES, LUCIANA FERRUZI, LUCIANE FIGUEIREDO, MARCELO PERINI, MARCILENE MAZZALI, MOACIR CAMILO, NÚBIA CABRAL, PASCALE TERRA, SIMONE SANTOS, SINTIA CUNHA, SOLANGE LEMOS, VANESSA VIEL DE MELO e WILSON VOITENA (artista convidado).

DO GRUPO DE DANÇA AO CURSO PERMANENTE DE DANÇA – FORMAÇÃO CONTINUADA

O ano de 1992, em que a UFPR comemora 80 anos, determina o início de um projeto didático, criado a partir da necessidade de formar elementos capacitados na área de dança moderna-contemporânea e que pudessem, em pouco tempo, tornar-se aptos a preencher as vagas do Grupo de Dança da UFPR.

Os idealizadores do projeto, Cristiane Wosniak e Rafael Pacheco, decidem levar a ideia para Coordenadoria de Cultura, que prontamente aderiu à proposta e sugeriu o envolvimento da Coordenadoria de Extensão. Nascia o Curso Permanente de Dança Moderna (CPDM) da Universidade Federal do Paraná – um Curso de Extensão Livre – único em sua especialidade, dentro de instituições de ensino superior no Brasil.

Inicialmente, o CPDM foi proposto a partir de uma grade curricular seriada, que durava seis anos, dividida entre os níveis: Básico I e II, Intermediário I e II, Adiantado e Aperfeiçoamento. A faixa etária prevista para o ingresso no curso era a partir dos nove anos de idade. Os ministrantes das aulas práticas e teóricas eram, além dos próprios diretores, também alguns bailarinos do Grupo de Dança, que já cursavam a Faculdade de Dança¹⁰ e se interessavam pela área da licenciatura.

A imprensa local abraça a proposta de uma nova perspectiva de formação em dança moderna em Curitiba, visto que, nesta época havia apenas a opção pelo Curso de Danças Clássicas da Fundação Teatro Guaíra, enquanto curso sequencial.

Aos oitenta anos a Universidade Federal do Paraná abre as portas para a comunidade [grifo nosso] saindo do isolamento criado pela Revolução de 64. Mesmo com dificuldades financeiras, a universidade se volta para a comunidade. Com isso se oxigena, ganha características de contemporaneidade, de juventude. Um exemplo é o Curso Permanente de Dança Moderna da UFPR, aberto para jovens de 9 a 21 anos. Criado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPR, o CPDM tem como objetivo principal atender à comunidade em geral [grifo nosso], filhos de funcionários, professores, alunos e comunidade externa à instituição, por meio do aprendizado, prática e aperfeiçoamento de uma linguagem artística: a dança moderna. De caráter





formativo o curso tem a duração de seis anos com aulas diárias, à tarde, divididas nos seguintes níveis: Básico I, II, Acadêmico I, II, Adiantado e Aperfeiçoamento. As aulas são de técnica de dança moderna, além de noções e exercícios de Improvisação e Composição Coreográfica. A partir do terceiro ano, os alunos iniciam as disciplinas de complementação teórica nas seguintes áreas: Anatomia, Cinesiologia, História das Artes, História da Dança, Elementos de Música, Teorias do Movimento na Dança e Interpretação Teatral. Ao término do curso o aluno terá cumprido uma carga horária de aprendizado que ultrapassa 1500 horas.¹¹

O número de interessados ultrapassou, e muito, as expectativas iniciais dos idealizadores do projeto. Cerca de 600 inscritos foram avaliados num teste de seleção para preenchimento das 180 vagas ofertadas (30 vagas em cada nível). Ao término do ano de 1992, 150 alunos foram aprovados para os níveis sequenciais superiores, e uma nova oferta de vagas para os níveis iniciais foi anunciada à imprensa. O espaço físico destinado às atividades começava a se tornar escasso e as reformas ou ocupação de um novo ambiente, tornavam-se urgentes:

[...]. Iniciado em fevereiro de 1992, o Curso Permanente de Dança Moderna da UFPR está com 150 alunos regularmente matriculados e cursando os níveis básicos, intermediários e avançados. Para 93, serão abertas 60 vagas para os níveis iniciais e apenas uma turma de iniciantes, em número de 30, funcionará pela manhã. O espaço do 3º andar do prédio central já está pequeno para abrigar as turmas deste ano e já está em planejamento a ocupação de outros espaços no prédio, para o funcionamento do curso, no ano que vem...¹²

Salienta-se, que o espaço destinado à prática da dança, no 3º andar do prédio central da UFPR abrigava, em 1992, três projetos artísticos diferenciados: O Grupo de Dança da UFPR, O Grupo de Dança Junior¹³ e o Curso Permanente de Dança Moderna da UFPR.

Somente em 1997 houve a transferência e re-alocação oficial destes projetos, que hoje ocupam as dependências do 2º andar do prédio central – Unidade de Dança da UFPR – um complexo estrutural que compreende estúdios de dança, salas de ensaio, secretaria, sala de figurinos, sala de

espera, vestiários e salas compartilhadas para as disciplinas teóricas.

Semente plantada, o Curso Permanente de Dança Moderna, hoje denominado Curso de Dança Moderna (CDM), logo frutificou e se tornou um dos importantes projetos didático-pedagógicos e artísticos criado em 1992 e que permanece no tempo. Atravessando gestões e políticas culturais, adaptando-se, dialogando com o ambiente, mas propondo, sempre, a formação em dança moderna-contemporânea como eixo norteador, a pesquisa de novas possibilidades de movimentos, a criação de um repertório eclético e diversificado, por meio das inúmeras apresentações ao longo dos anos, não só nos espetáculos de encerramento de ano letivo, mas também na presença constante em eventos culturais na cidade de Curitiba, contribuindo para a oxigenação e produção de conhecimento em dança.

O CDM tornou-se um importante 'celeiro de bailarinos', cujos conhecimentos e extrema experiência artística, por meio das atividades e projetos desenvolvidos no curso, fazem destes bailarinos peças fundamentais de renovação e oxigenação na composição do elenco da atual Companhia de Dança da UFPR.



COMPANHIA DE DANÇA DA UFPR: RESIDÊNCIA COREOGRÁFICA E PROJETOS COMPARTILHADOS

Em 1993, a companhia retoma, por um breve período, a pesquisa de movimentos baseados na cultura brasileira. Desta iniciativa nasce o projeto da suíte, com temas tradicionais afro-brasileiros, idealizada pelo maestro Álvaro Nadolny (Coral da UFPR) e pelo compositor baiano Benedito Luiz Amauro – Lumumba – denominada Ifé Bogbô Ayê.

Destaca-se a justificativa para tal empreitada, no texto de abertura do programa:

Durante o 3º Festival de Inverno da UFPR, tendo conhecido e trabalhado com Lumumba, numa apresentação conjunta de nossas oficinas, surgiu a ideia de montarmos uma suíte com temas tradicionais afro-brasileiros. Convidamos, então, Mayumi Osato para compor os temas dos interlúdios, que não trazem elementos dos cânticos tradicionais, mas são inspirados neles, e, Rafael Pacheco para coreografar obedecendo a esse critério de releitura da tradição. A suíte Ifé Bogbô Ayê é a exaltação do amor nas suas mais diversas manifestações... A Rítmica e a dança, sim, são fórmulas que deram origem ao samba, bossa nova, reggae, funk, soul, blues, lambada e muitos outros. A língua utilizada é o n'lê, que tem raízes yorubá, fon, ijexá, embundo, kembundo e português, entre outros...(Alvaro Nadolny).¹⁴

Com música executada ao vivo pelo Grupo de Percussão da EMBAP, 14 bailarinos intérpretes se alternavam ora em danças corais ritualistas e ora em pequenos solos abstratos baseados nos orixás. Dois anos mais tarde, em 1995, a parceria com o Coral da UFPR, a partir da pesquisa com temas afro-brasileiros, seria retomada, na ópera Zumbi Odara.

Mas, o grande destaque artístico de 1993, é a coreografia Pessoas Marcadas de Rafael Pacheco. Para a elaboração da obra, os bailarinos se prepararam não só tecnicamente, para dançar, mas também houve uma preocupação intensa com a expressão vocal, impostação e técnicas variadas de respiração, pois em vários momentos da cena, os intérpretes falavam textos variados de Bertolt Brecht,¹⁵ com e sem ajuda de microfones espalhados sistematicamente pelo cenário, numa releitura do diretor-coreógrafo, de acordo com os momentos mais simbólicos.

O repertório produzido em 1993:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações
Pessoas Marcadas | Rafael Pacheco | trilha criada por César Sarti | contemporâneo
Ifé Bogbô Ayê | Rafael Pacheco | Composição de Lumumba | ópera afro-brasileira com Coral da UFPR

O elenco era composto pelos bailarinos: ANA CARLA MAGNA, ANDRÉA VIANNA, CLAUDIA MATTANA, CRISTIANE WOSNIAK, DERMEVAL DA SILVA, FABIANA BUENO, GISELE KLIEMANN, HELOÍSA MELLO, JULIANA VIEIRA, MARCIO BUSATTO, MÔNICA MESQUITA, SIMONE SANTOS, SOLANGE LEMOS, WILSON LEMOS e WILSON M. VOITENA (artista convidado).





Em 1994, sob a gestão do reitor José Henrique de Faria¹⁶, o Grupo de Dança da UFPR, além de cumprir extensa agenda de apresentações no interior do Paraná, com seu já consagrado repertório, apresenta-se na capital com dois espetáculos completos e inéditos.

No primeiro semestre, o coreógrafo Rafael Pacheco cria *O Anjo*, obra onírica, de cunho ritualista e que envolveu, desta vez, o treinamento de alguns intérpretes com a técnica de rapel e alpinismo, pois o cenário propunha, numa das cenas mais emblemáticas, a descida de anjos (do alto do palco) atrelados a cabos de aço, cordas e outros aparatos cênicos.

Cristiane Wosniak, interpretando o 'anjo caído', despede-se do palco, nesta obra, marcando o final da atuação como bailarina do Grupo de Dança, para iniciar suas funções de assistente de direção e coreógrafa residente do Grupo de Dança da UFPR.

No segundo semestre, a obra *Divisão dos Sentidos* "nenhuma equação justifica a divisibilidade dos sentidos"¹⁷ de Rafael Pacheco encerra a temporada oficial do grupo, no teatro da Reitoria, com um elenco renovado e jovem, inaugurando uma nova fase e encerrando um ciclo, onde muitos dos intérpretes atuavam juntos há anos.

Em Comemoração aos 82 Anos da UFPR, o Grupo de Dança se apresenta no dia 19 de dezembro no Palácio de Cristal – Círculo Militar do Paraná – juntamente com a Orquestra, o Coral da UFPR e a mezzo-soprano Daniele Franco, com a obra *Elementos*, de Rafael Pacheco.

O repertório inédito de 1994:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações

Pessoas Marcadas | Rafael Pacheco | trilha criada por César Sarti | contemporâneo

Ifé Bogbô Ayê | Rafael Pacheco | Composição de Lumumba | ópera afro-brasileira com Coral da UFPR

O elenco era composto pelos bailarinos: ANA CARLA MAGNA, ANDRÉIA OLIVEIRA, CLAUDIA MATTANA, CRISTIANE WOSNIAK, DÉBORAH KRAMER, DERMEVAL DA SILVA, EDD FORTUNATTO, FABIANA BUENO, GISELE KLIEMANN, JULIANA VIEIRA, MARCILENE MAZZALI, NEREIDA JOSIANE PEREIRA, NÚBIA CABRAL, SIMONE SANTOS, TEUMARIS BUONO, VANESSA VIEL DE MELO e WILSON LEMOS.

Em março de 1995, o Grupo de Dança passa a se denominar Companhia de Dança da UFPR. A ex-bailarina Cristiane Wosniak assume oficialmente a vice-direção do grupo e o posto de coreógrafa residente, intercalando-se ao diretor, nas propostas e montagens coreográficas produzidas anualmente para as temporadas oficiais de 1º e 2º semestres.

Durante o 1º semestre, a produção coreográfica dedica-se à pesquisa de movimentos e roteiro cênico, em parceria com o Coral da UFPR, para a montagem da ópera Zumbi Odara – composição do maestro Alvaro Nadolny e roteiro de Edson Luiz de Oliveira. Em cena, os bailarinos desfilavam personagens, movimentos e sequências coreográficas criadas por Rafael Pacheco a partir de um relato não linear, justapondo-se diferentes períodos, datas e textos, desde fins do século XVI até meados do século XVIII. A tônica do trabalho (canto e dança) procurava não apenas realçar o indivíduo Zumbi, único e específico, mas retratar a conjuntura escravista no Brasil Colônia.

A seguir, um pequeno recorte conceitual da obra:

Esta é uma obra de ficção, baseada em alguns documentos de época, coligidos em pesquisas bibliográficas. Zumbi é um personagem de difícil construção, pois todos os documentos que a ele se referem são parciais, visto que nenhum documento escrito pelos palmarinos sobreviveu e restaram apenas relatos portugueses. Aliás, toda a documentação relacionada ao quilombo dos palmares foi escrita por portugueses e/ou holandeses. Optou-se, então, pela universalização do agente histórico, na medida em que a luta contra a discriminação e a sujeição do homem pelo homem, constituem-se em elementos constantes no desenrolar do processo histórico humano, em todo tempo e lugar. Assim sendo, o Zumbi aqui idealizado passa a ser mais o povo brasileiro, oriundo de um amálgama que se produz desde nossas origens e se torna patente já no século XVII.¹⁸

Esta criação conjunta foi apresentada em diversos locais em Curitiba e também no litoral paranaense.

Para o 2º semestre, duas obras iriam compor o repertório da companhia. Inicialmente, *The Wall*, de Rafael Pacheco, a partir da releitura da composição de Pink Floyd, é apresentada na abertura do Festival de Inverno da UFPR em Antonina-PR e mais tarde, em setembro, no Teatro Bom Jesus em Curitiba, durante o evento Ação-Cidadania Contra a Fome, a Miséria e Pela Vida.

Mas, o destaque do ano foi a coreografia *Fitnas*, apresentada durante a temporada oficial, em novembro, no Teatro da Reitoria. O roteiro permite antever o contexto em que se baseia a pesquisa e ambientação coreográfica: “é a mulher que veio ao mundo com o único objetivo de tirar a razão do homem...”¹⁹

Um grande investimento cenográfico, simulando um claustro, apresentava os bailarinos-intérpretes portando vistosos figurinos com longos véus e outros aparatos simbolizando a extrema repressão pela qual o sexo feminino é submetido em diversas regiões e culturas no mundo todo. Relatos, matérias jornalísticas, documentários e outras fontes de pesquisa se fizeram presentes na montagem coreográfica, que foi acolhida pela imprensa como alerta crítico à situação de violência e cerceamento dos direitos humanos impostos às mulheres, mesmo no mundo contemporâneo.

O elenco que tomou parte neste espetáculo e atuou junto à Companhia em 1995 era composto pelos seguintes bailarinos: ADELSON BARROS, ANA PAULA PAGLIOSA, CLAUDIA COSTA, CLAUDIA MATTANA, DERMEVAL DA SILVA, EDD FORTUNATTO, FABIANA BUENO, FABÍOLA BERWANGER, GIANCARLO MARTINS, GISELE KLIEMANN, HELOÍSA MELLO, HELOÍSA NASCIMENTO, ISABELA RIBEIRO, JANAÍNA MALHADAS, JULIANO CAMPOS, KARINA PINHEIRO, ROMYNE ZIPPIN, SIMONE SANTOS, VALDECI FREIRE, VANESSA VIEL DE MELO, VIVIANE PETRECA e WILSON LEMOS.



Repertório de 1995:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações

Fitnnas | Rafael Pacheco | trilha criada por César Sarti | contemporâneo

The Wall | Rafael Pacheco | Pink Floyd | dança moderna

Zumbi Odara | Rafael Pacheco | composição de Alvaro Nadolny | ópera contemporânea

No ano seguinte, 1996, a companhia realiza sua primeira viagem à Europa. A 6ª Bienal Universitária de Dança – intitulada Brésil Autres Danses – realizada em Lyon-França, de 1º a 6 de abril, com apresentações no Grand Anfithéâtre Culturel de l'Université Lumière - do Campus de Bron-Parilly – Lyon 2 (Maison de la Danse).

A presidente da Associação Rlyanse, Nicole Chofée e o Coordenador Cultural, Patrice Chavarel, da l'Université Lumière, fazem o convite oficial à companhia, que, patrocinada pelo Banco Banestado, seleciona dez bailarinos para esta turnê, acompanhados do diretor geral, Rafael Pacheco e do diretor de trilha sonora, César Sarti.

Mesclando trabalhos consagrados do repertório e acrescentando pequenos solos e duetos, a companhia surpreende os franceses pela qualidade técnica e interpretativa e é aclamada pela crítica local, como detentora de uma temática universal e não regionalista – exclusivamente brasileira – como seria de se esperar. Foram apresentadas, no programa internacional, ao lado de companhias francesas, canadenses, coreanas e americanas, as seguintes obras: A Aparição do Waithi, Tem Ar Dentro, Leyllas e Um Poeta, Divisão dos Sentidos (versão solo), Cruel Inocência e Viajem.

A Companhia de Dança Moderna da UFPR alcançava reconhecimento e elogios da crítica, justamente porque fazia alusão ao objetivo proposto pelos organizadores do evento: derrubar clichês, ou seja: propor e apresentar trabalhos vanguardistas, contemporâneos e com pesquisa de novas formas coreográficas e não apenas a visualização da cultura estereotipada de seu país: o texto de apresentação, bem como o título do programa Brésil Autres Danses, fornecem pistas acerca das características priorizadas na Bienal: mostrar um panorama da dança contemporânea brasileira e acima de tudo, da produção universitária a partir desta linguagem artística.

Le Brésil vient nous visiter, et il est temps de faire tomber les clichés. Nous voulons montrer que ce pays est créateur d'autres formes choreographiques, d'où le titre de notre rencontre: Brésil Autres Danses. Nous découvrirons quels liens existent entre ce fond culturel et les créations contemporaines qui sont réalisées par les universitaires brésiliens. Ce rencontre avec ses jeunes artistes constitueront une découverte de la danse universitaire et une première approche pour une découverte de la danse contemporaine brésilienne...²⁰

Marco importante na trajetória artística da Companhia de Dança da UFPR, a Bienal Universitária proporcionou um acervo de notícias na imprensa local, estatal e até nacional, gerando vários convites para apresentações posteriores ao retorno do grupo ao Brasil.

Assim sendo, as coreografias mostradas ao público francês ganharam uma nova dinâmica e foram reapresentadas em pequenas turnês no interior do estado e, sobretudo em Curitiba, em espaços alternativos.

O repertório, em 1996, ficou restrito, portanto, às seguintes obras:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações
A Aparição do Waithi (releitura) | Rafael Pacheco | trilha criada por César Sarti | contemporâneo
Viajem | Rafael Pacheco | Vângelis | dança moderna
Cruel Inocência | Rafael Pacheco | Trevor Jones | dança moderna
Divisão dos Sentidos (versão solo) | Rafael Pacheco | Art Zoid | contemporâneo
Tem Ar Dentro | Andréa Sério | Philip Glass | dueto feminino
Leyllas e Um Poeta | Cristiane Wosniak | Hallin El Dabh | contemporâneo

O elenco que integrou a Companhia em 1996 era composto pelos seguintes bailarinos: ANA PAULA PAGLIOSA, CLAUDIA MATTANA, DERMEVAL DA SILVA, FABIANA BUENO, FABÍOLA BERWANGER, GIANCARLO MARTINS, GISELE KLIEMANN, ISABELA RIBEIRO, JANAÍNA MALHADAS, JULIANO CAMPOS, KARINA PINHEIRO, SIMONE SANTOS, VALDECI FREIRE, VANESSA VIEL DE MELO e VIVIANE PETRECA.

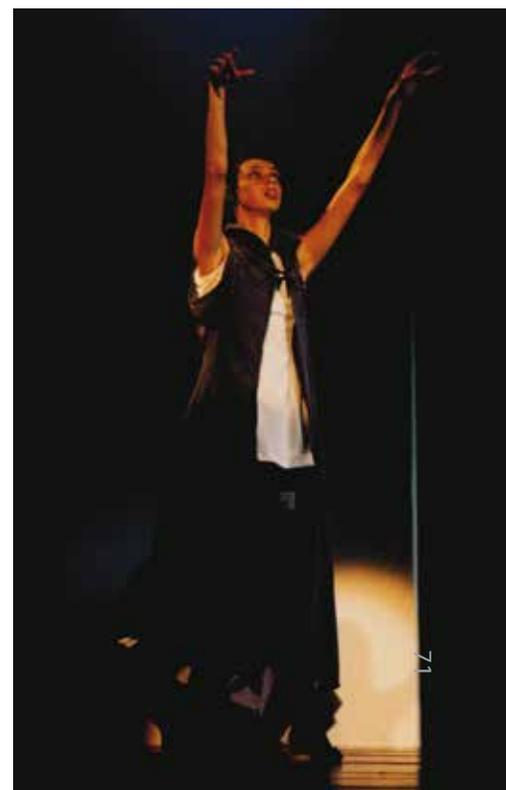
O ano de 1997 marca as comemorações de quinze anos da Companhia. A partir da interação entre dança e tecnologia, diálogo que vinha sendo pesquisado há algum tempo por Cristiane Wosniak e Rafael Pacheco, e com uma considerável ajuda de custo, por parte da administração da UFPR, no último ano da gestão do reitor José Henrique de Faria, tem início a produção do espetáculo comemorativo.

Estruturas especialmente construídas para o espetáculo, telões em várias posições, no palco, imagens simultâneas, transmitidas por cabos, filmadoras e softwares conectados a terminais de computadores, dispositivos eletrônicos, microfones, TVs, multimídia e até mesmo simples sequências de slides eram projetados e utilizados, em cena aberta, pelos intérpretes que precisavam se adaptar aos recursos tecnológicos em meio aos movimentos e gestos coreográficos. Estas extensões tecnológicas foram utilizadas na obra O Senhor da Noite, de Rafael Pacheco:

A coreografia foi criada a partir de experimentação de movimentos, aulas de improvisação coreográfica e pesquisa sobre inusitadas situações e personagens estereotipados que se misturam à noite. As pessoas que levam uma vida aparentemente normal (questionando-se o que constitui a normalidade na vida contemporânea) durante o dia, mas à noite assumem outras identidades e personalidades [...]. O espetáculo O Senhor da Noite está dividido em dez quadros e conta com a participação de 18 bailarinos. A fase da chegada, a entrada em cena, o domínio do ambiente, o personagem dominado pelo ambiente, o personagem sozinho e o encontro com seu grupo, são algumas das passagens apresentadas...²¹

O Senhor da Noite aproximava as questões referentes ao corpo e suas extensões, para questionar o papel do homem ao pensar e fazer arte na contemporaneidade. Partia-se do pressuposto e que compreender o corpo e a dança contemporânea, é compreender o imaginário de um universo que se apóia cada vez mais na coexistência do homem com as 'máquinas': uma função da imaginação criadora, frutos de agenciamentos os mais variados entre a arte, a tecnologia e a ciência, capazes de criar novas condições de modelagem do sujeito e do mundo.

Neste sentido, a obra representava uma metáfora tecnológica dos sentidos: com nossas mãos, nossos ouvidos, nossos olhos, e outros canais de ação e sensação, nós entramos em interação com o mundo, e estas são as relações às quais os artistas prestaram mais atenção



Uma das surpresas preparadas pelo diretor-coreógrafo era a proposição de uma 'interatividade controlada'. A plateia era 'convidada' em algumas cenas, a subir ao palco, trocar de lugar com o intérprete-bailarino e interagir, ao acaso, com os elementos disponíveis no palco naquele momento, fossem eles humanos ou tecnológicos.

O Senhor da Noite, antes de se apresentar à plateia curitibana, iniciou a turnê da Companhia em Porto Alegre-RS, como grupo especialmente convidado para a abertura do II Semestre do Projeto mantido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – o projeto UNI-Dança.

Além deste processo de criação que precisou de seis meses de preparação intensiva, outra coreografia também foi criada, para suprir pequenas apresentações, ao lado do já fixo repertório da companhia: a coreografia Oscilação de Cristiane Wosniak, baseada num dos poemas de Helena Kolody²², servia ao propósito de oferecer à plateia, em diversos espaços alternativos, uma ação puramente dançante, a partir de desenhos, traços e formas criados à semelhança de rimas, letras e versos da linguagem verbal. Com esta obra, a Companhia fez a abertura do Festival de Inverno da UFPR, em Antonina.

Repertório de 1997:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações

Oscilação | Cristiane Wosniak | Meredith Monk | contemporâneo

O Senhor da Noite | Rafael Pacheco | trilha criada por César Sarti | contemporâneo

O elenco era composto pelos bailarinos: ANA PAULA PAGLIOSA, ANDRÉA SERRATO, CLAUDIA MATTANA, DANIELLA NÉRY, DÉBORAH KRAMER, DERMEVAL DA SILVA, GIANCARLO MARTINS, GISELE KLIEMANN, JANAÍNA MALHADAS, JULIANO CAMPOS, KARINA PINHEIRO, KELLY LOPES, LUCIANA LYRA, LUCIANE FIGUEIREDO, ROMYNE ZIPPIN, ROSÂNGELA DE LARA, SIMONE SANTOS, VALDECI FREIRE e VIVIANE PETRECA.

Em 1998, a partir da gestão do reitor Carlos Roberto Antunes do Santos²³, a Companhia, em fase de transição de elenco, acolhe diversos atores-bailarinos, e pretendendo um diferencial em sua criação coreográfica, dá início às pesquisas

e estudos de uma nova obra: A Vaca.





Concebida a partir de um rigoroso estudo analítico dos signos presentes na contemporaneidade e aplicando intensa dose de ironia e paródia – incluindo a escultura de uma imensa ‘vaca cenográfica, de pernas para o ar’ cedida por uma empresa local de laticínios – a obra propunha um jogo de ambientação cênica, alternando jogos e sequências de movimentos ao lado de atuações performáticas (atores convidados), canto lírico, textos falados ao vivo, vitrine viva, dublagens e karaokê.

“Esta dança contradiz a familiaridade elaborada por um código conhecido a priori”²⁴, afirmava Pacheco em entrevistas coletivas.

A ‘não previsibilidade’ dos atos e movimentos dos bailarinos era o princípio básico que regia a coreografia:

A Vaca, espetáculo de dança diferente de tudo o que se possa imaginar nesta área [grifo nosso], será apresentado nos dias 26, 27 e 28 [novembro] às 21h00 no Teatro da Reitoria, pela Companhia de Dança Moderna da UFPR. Entrada Franca. A coreografia é de Rafael Pacheco e a trilha sonora é de César Sarti. Segundo o diretor, cada movimento da coreografia se apresenta como um evento único e não sinaliza ou aponta qualquer indício para que se descubra o que vai acontecer em seguida. Até mesmo a sonoridade proposta não é convencional.²⁵

Enquanto metáfora pós-modernista, A Vaca propõe um jogo de intertextos que pela paródia lúdica brinca, e, nesta brincadeira dançante desafia os convencionalismos, a própria narrativa, a linearidade e a continuidade como visão realista de representação.

A intertextualidade pode aqui ser definida como o diálogo entre os muitos textos culturais, que se instalam no interior de cada texto e o definem. Como Texto Coreográfico, A Vaca possui vozes internas e externas (narrativas) que por meio da linguagem ‘dança’, falam criticam, polemizam e ironizam situações, posições e conceitos, utilizando-se muitas vezes da paródia auto-reflexiva.

Durante o 2º semestre, a coreógrafa Cristiane Wosniak pesquisa e propõe ao elenco a criação de Corpo de Delito, uma obra que claramente define-se como dança-teatro. A partir de noticiários e documentários relatando a violência

doméstica a que centenas de mulheres são submetidas diariamente e após a leitura de alguns artigos específicos do Código Civil Brasileiro, o roteiro criado, utilizando-se o referencial de mulheres modelos – bonecas Barbie – o cenário é construído simulando ao mesmo tempo uma vitrine, uma caixa de bonecas e uma prisão. Dezenas de bonecas desmembradas povoam a cena em meio a um desfile de bailarinas com trajes idênticos às bonecas, sendo manipuladas – em cenas geradas a partir da técnica de contact improvisation – em duetos densos, dramáticos e vigorosos.

Repertório de 1998:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações

Nós | Cristiane Wosniak | Einstürzende Neubauten | pas de deux | contemporâneo

Blasfemate | Cristiane Wosniak | Meredith Monk | solo feminino

Corpo de Delito | Cristiane Wosniak | Trilha criada por César Sarti | dança-teatro

A Vaca | Rafael Pacheco | trilha criada por César Sarti | contemporâneo



O elenco era composto pelos bailarinos: ANA PAULA PAGLIOSA, ANDRÉA SERRATO, CLAUDIA MATTANA, DANIELA NÉRY, DÉBORAH KRAMER, DERMEVAL DA SILVA, GIANCARLO MARTINS, GIOVANA PISSAIA, GISELE KLIEMANN, GIOVANA PISSAIA, HELEN DE AGUIAR, JULIANO CAMPOS, LUCIANA LYRA, LUCIANE FIGUEIREDO, MARIA HELENA MARTINS, MARINA DE ALMEIDA PRADO, PRISCILA LACERDA, ROSÂNGELA DE LARA, VALDECI FREIRE e VIVIANE PETRECA.

Em 1999 ocorre a participação especial da Companhia de Dança Moderna da UFPR no espetáculo conjunto da Unidade de Dança da UFPR, composto também pelo Grupo de Dança Junior e Grupo de Dança Juvenil da UFPR. Três gerações de artistas contemporâneos apresentando suas coreografias, durante a temporada de 1º semestre, em junho, no Teatro da Reitoria.

A obra *Doberman*, de Rafael Pacheco, cujo release “estado de pré-ataque”²⁶, foi composta especialmente para a ocasião. Neste caso, o mote da obra é a violência gratuita nas grandes cidades e a progressiva insensibilidade do cidadão frente à dissolução de valores na sociedade.

No 2º semestre, a Companhia de Dança Moderna da UFPR é convidada para fazer a abertura do Festival de Dança de Curitiba, promovido pela Secretaria Municipal de Esporte e Lazer, na Ópera de Arame, em outubro, com a coreografia *Oscilação*.



Repertório de 1999:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações
Doberman | Rafael Pacheco | trilha criada por César Sarti | contemporâneo

O elenco era composto pelos bailarinos: ANA CAROLINA BAGGIO, CLAUDIA MATTANA, DANIELE COELHO, DÉBORAH KRAMER, DENYS SANCHES, DERMEVAL DA SILVA, GIANCARLO MARTINS, GIOVANA PISSAIA, GISELE KLIEMANN, HELEN DE AGUIAR, JULIANE CHIUCO, LUCIANE FIGUEIREDO, MARCELO NOGUEIRA, MARIA CLEIDE MOCO, MARIA HELENA MARTINS, MARINA ALMEIDA PRADO, NENO MEIRELLES, PRISCILA LACERDA, ROSÂNGELA DE LARA e SIMONE SANTOS.







TÉSSERA COMPANHIA DE DANÇA MODERNA DA UFPR

A virada do milênio traz para a Companhia uma vontade de aglutinar forças e perspectivas. A iniciativa de propor espetáculos conjugados – Unidade de Dança da UFPR – é retomada e durante o 1º semestre, na temporada oficial, onde as três vertentes artísticas se apresentam novamente à plateia curitibana.

A Companhia se apresenta com trabalhos criados para a ocasião: Salamandrina, Babel, Ein Scherei (Um Grito) e Tanzen (Baile) da coreógrafa Cristiane Wosniak e Fragmento Zero, de Rafael Pacheco.

O grande destaque do período foi a nova designação do grupo que a partir de março de 2000 passa a ser denominada Têssera Companhia de Dança da UFPR.

Por que Têssera?

Têssera, palavra de origem grega que significa quatro [numa alusão aos quatro fatores de movimento utilizados na concepção das aulas e processos criativos da companhia: espaço, tempo, forma e movimento] é mais do que um simples nome para a Companhia de Dança da UFPR. Ele foi escolhido pelo diretor-coreógrafo, Rafael Pacheco, porque, se fragmentado, pode ter três conceitos expressivos: TE[Z]S, inspira pele, sensibilidade [uma das marcas registradas do grupo]; SER, é o presente, a realidade [o trabalho, o dia a dia da Companhia]; SERÁ, lembra o futuro, proposta do novo, inovação [características dos trabalhos em dança contemporânea]...²⁷

Em 2000, a Têssera obtém a aprovação de um projeto cultural, por meio da Lei de Incentivo à Cultura Municipal e em consequência disto, o apoio da empresa Siemens do Brasil, para a criação de uma obra inédita: Tolerância Zero, de Rafael Pacheco.

O espaço idealizado para abrigar o espetáculo foi o Teatro Experimental da UFPR (TEUNI) aproveitando-se de suas características vanguardistas e do aspecto intimista que a obra exigia – somente 90 pessoas por espetáculo – o que prolongou a temporada de apresentações por quarenta dias, durante os meses de maio e junho de 2000 (de quarta a domingo).

A matéria a seguir esclarece o roteiro coreográfico:

Em Tolerância Zero, a companhia, que já possui 20 anos, apresenta uma forma totalmente diferenciada em relação ao conteúdo, abordagem cênica e roteiro coreográfico. O diretor e coreógrafo Rafael Pacheco faz uma releitura da obra de Bob Kane, um dos mais importantes autores e desenhistas das histórias em quadrinhos, colocando em cena 'aquele personagem de cabelos verdes e daquele outro que se sente dividido em sua missão para capturar e se vingar daquele morcego'...²⁸

Neste roteiro adaptado – a partir do personagem Batman e do contexto das histórias em quadrinhos ambientadas no Asilo Arkan (Bob Kane), 30 bailarinos levavam à plateia, um desfile de movimentos, personagens e situações bizarras e surrealistas, numa mistura de elementos de dança e teatro, onde o público tinha uma importância fundamental, pois sua distribuição espacial no teatro acontecia em todos os recantos do imenso e elaborado cenário, construído especialmente pela artista e arquiteta Simone Pontes. "O espectador não somente assiste ao desenrolar da trama, mas sente-se fazendo parte dela."²⁹ Neste contexto, a sonorização (trilha sonora), criada por César Sarti, tinha

importância vital e era operada ao vivo, com direito a diversos efeitos sonoros.

Os figurinos foram criados por Cristine Conde e a iluminação ficou a cargo de Beto Bruel e equipe.

O elenco que fez parte da Têssera Companhia de Dança da UFPR, em 2000, é composto pelos bailarinos: AMANDA KAMINSKI, ANA CAROLINA BAGGIO, ANA PAULA NADALINI, ANDRÉ DUARTE PAES, ANNA PAULA MARANHÃO, ANNA VALESKA PASTERNAK, ARMOND JUNGLES, CARINA PLOCHARSKI, CAROLINA DE LUNA, CECILIA RIBAS, CIBELE BUNN, CLAUDIO FONTAN, CLAUDIA MATTANA, CRISTIANE D. ROCHA, DANIELE COELHO, DÉBORAH KRAMER, DENNYS SANCHES, DERMEVAL DA SILVA, EDSON ROBERTO SALVI, FLÁVIA PORTES, FREDERICO FAVORETTO, GISELE KLIEMANN, HELEN DE AGUIAR, JAQUELINE GOMES, JOSIE HERMANN, JULIANE BISELLI SILVEIRA, LILIAN NICARETTA, LUCIANA ROMANELLO, MARCELO FRANCO, MARCELO DE SOUZA NOGUEIRA, MARIA HELENA MARTINS, MARIANA IURK, MARINA DE ALMEIDA PRADO, PIERRE FELICE, RAPHAEL LEDUC, RICARDO MARINELLI, ROBSON SCHMOELLER, SIMONE SANTOS CARON, VALDECI FREIRE, VÂNIA ALMEIDA GARRETT, VELIZE MARA ROCHA, VIVIAN FRANÇA e XIMENA MUJICA.

Repertório de 2000:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações

Leyllas e um Poeta | Cristiane Wosniak | Hallin El Dabh | contemporâneo

Babel | Cristiane Wosniak | Iva Bitova | solo feminino

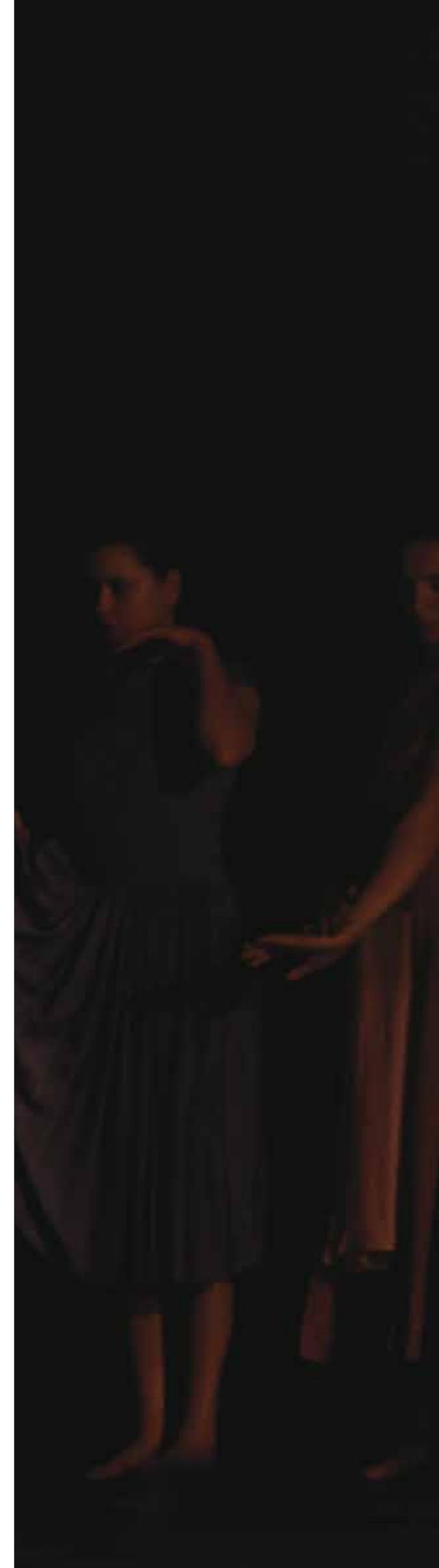
Ein Scherei | (trad. Um Grito) | Cristiane Wosniak | trilha criada por César Sarti | contemporâneo

Tanzen | Cristiane Wosniak | trilha criada por Cesar Sarti | contemporâneo

Salamandrina | Cristiane Wosniak | trilha criada por Cesar Sarti | contemporâneo

Fragmento Zero | Rafael Pacheco | Swagman | trio

Tolerância Zero | Rafael Pacheco | trilha criada por Cesar Sarti | dança-teatro









¹ Carlos Alberto Faraco – nascido em Curitiba, em 20 de maio de 1950. Possui graduação em Letras pela PUC-PR (1972). Mestrado em Linguística pela UNICAMP (1978), Doutorado em Linguística pela University of Salford – Inglaterra (1982) e Pós-doutorado pela University of California, EUA (1995-96). Atuou no Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR. Foi pró-reitor de graduação (1986-87) e reitor da UFPR, na gestão de 27 de abril de 1990 a 26 de abril de 1994.

² Cesar Sarti – nascido em Porto União-SC, em 27 de setembro de 1954. É graduado em Educação Artística, habilitação em Artes Plásticas e pós-graduado em Artes Cênicas, pela Faculdade de Artes do Paraná. Recebeu o Troféu Gralha Azul na categoria Sonoplastia: em 2002, por seu trabalho em ‘Sonho de uma Noite de Verão’; em 1997, pelos espetáculos ‘O Longo Caminho que vai de Zero a Ene’ e ‘Pluft, o Fantasminha’; em 1996, pelo espetáculo ‘A Maldição’; em 1995, pelo ‘O Dedo Volúvel do Destino’; na edição 1993-1994, com os espetáculos ‘Paisagem de Meninos’ e ‘A Outra’; na edição 1992-1993, foi premiado pelo conjunto de seus trabalhos; em 1984-1985, com a sonoplastia de ‘Assim que Passem Cinco Anos’; em 1977-1978, com ‘O Avião Parte às Cinco’; e em 1976-1977, com ‘Orquestra de Senhoritas’. Como diretor e criador de trilha sonora para dança, trabalha com a Têssera Companhia de Dança da Universidade Federal do Paraná há mais de quinze anos, destacando-se em seu currículo as montagens sonoras para as seguintes obras da companhia: ‘Tolerância Zero’, ‘Transgressão do Medo’, ‘Pessoas Marcadas 2’, ‘O Anjo Negro’ e ‘Silêncio’ com coreografias de Rafael e Pacheco e ‘Le Jardin’ ‘Encartes’ ‘Passionata’, ‘Aniversário’ e ‘Rosas’ da coreógrafa Cristiane Wosniak.

³ Luis Carlos Tschannerl – nascido em Curitiba-PR, em 30 de outubro de 1962. É funcionário da Universidade Federal do Paraná desde 1981. Iluminador profissional, começou sua carreira já aos 15 anos de idade fazendo cursos nesta área, com renomados profissionais, destacando-se Carlos Kur, de quem foi estagiário por um período no Centro Cultural Teatro Guaíra. Pesquisa e propõe soluções, no quesito iluminação, para as obras coreográficas da Têssera Companhia de Dança, há mais de quinze anos.

⁵ ENCONTRO meridional de dança sul 91. Jornal da Fundação Sete de Abril. Pelotas-RS, edição de quinta-feira, 6 de junho de 1991, p. 6.

⁵ A Rainha de Duas Cabeças – grupo teatral dirigido pelo ator, diretor e escritor César Almeida é basicamente um grupo dedicado à pesquisa de linguagem contemporânea e à criação de uma obra estilizada. Foi criado em 1982, a partir do trabalho do CPT (Curso Permanente de Teatro) da ex-fundação Teatro Guaíra (ref: ALMEIDA, César. O teatro da rainha de 2 cabeças. Curitiba: Edição do Autor, 2003).

⁶ GRUPO de dança da UFPR em cartaz na reitoria. Curitiba Hoje. Curitiba, 17 de maio de 1991, p. 2.

⁷ GRUPO de dança – espetáculos didáticos. Gazeta do Povo. Curitiba, 21 de maio de 1991, p. 12.

⁸ FESTIVAL em noite de gala. Jornal Na Ponta dos Pés. Joinville, 24 de julho de 1992, edição nº 8, p.1.

⁹ GRUPO de dança da ufpr comemora os dez anos. Jornal Curitiba Hoje. Curitiba, 27 de novembro de 1992, p. 11.

¹⁰ O Curso Superior de Dança – foi implantado em 28 de setembro de 1984, sob coordenação de Carla Reinecke, num convênio firmado, então, com a FTG e a PUC-PR. Atuando como uma espécie de ‘extensão’ do curso técnico de Dança do Guaíra e com a habilitação em bacharelado e licenciatura e regime seriado (anual), além de turno integral, o curso funcionava ocupando a sede da Escola de Danças Clássicas da Fundação Teatro Guaíra, e, também, o campus da PUC, para as disciplinas técnico-científicas. Em 1993 foi aprovada a transferência do Curso de Dança para a Faculdade de Artes do Paraná, ocupando a sua sede definitiva. O curso propõe, atualmente, em seu conjunto de disciplinas, atividades que possibilitem ao corpo discente a ampliação do conhecimento prévio em dança. Este processo norteia o objetivo de formar profissionais-artistas criativos, críticos e autônomos.

¹¹ DE PORTAS abertas. Correio de Notícias. Curitiba, edição de 12 de setembro de 1992, p. 9.

¹² CURSO permanente de dança da ufpr recebe inscrições. Curitiba Hoje. Curitiba, edição de 19 de novembro de 1992, p. 5.

¹³ O Grupo de Dança Junior da UFPR – foi um grupo criado e coordenado por Cristiane Wosniak e Rafael Pacheco, em 1988 e composto por jovens bailarinos na faixa etária dos 14 aos 18 anos de idade. Após a criação do CPDM (1992), este grupo torna-se uma espécie de campo de estágio para o aperfeiçoamento e prática artística dos alunos dos três últimos anos do curso. Neste grupo, com intensa agenda artística anual, os futuros bailarinos eram preparados para o posterior ingresso no mercado de trabalho, participando de vários Encontros, Mostras e Festivais de Dança (competitivos ou não). A maioria dos bailarinos pertencentes ao Grupo de Dança Junior, após um período de estágio, era convidada a integrar o elenco da Companhia de Dança da UFPR. Este projeto foi desativado em 2002.



¹⁴YFÉ BOGBÔ AYÊ. Coral e Grupo de Dança da UFPR. Teatro da Reitoria. Curitiba: dezembro de 1993. 1 programa: color., p. 1.

¹⁵Bertolt Brecht -- nascido em Augsburg, em 10 de Fevereiro de 1898 e falecido em Berlim, em 14 de Agosto de 1956. Foi um destacado dramaturgo, poeta e encenador alemão do século XX. Seus trabalhos artísticos e teóricos influenciaram profundamente o teatro contemporâneo, tornando-o mundialmente conhecido a partir das apresentações de sua companhia, o Berliner Ensemble, realizadas em Paris durante os anos 1954 e 1955. Ao final dos anos 1920, Brecht torna-se marxista, vivendo o intenso período das mobilizações da República de Weimar, desenvolvendo o seu Teatro Épico. Sua práxis é uma síntese dos experimentos teatrais de Erwin Piscator e Vsevolod Emilevitch Meyerhold, do conceito de estranhamento do formalista russo Viktor Chklovski, do teatro chinês e do teatro experimental da Rússia soviética, entre os anos 1917-1926. Seu trabalho como artista concentrou-se na crítica artística – distanciamento – ao desenvolvimento das relações humanas no sistema capitalista. No início de sua carreira Brecht estabelece os elementos de uma nova forma de interpretação para o ator. Afirmava que cada palavra deve encontrar um significado visual e através do gesto o espectador pode compreender as alternativas da cena.

¹⁶José Henrique de Faria – nascido em Curitiba, em 3 de janeiro de 1950. Possui graduação em Ciências Econômicas pela FAE-PR (1974). Mestrado em Administração pela UFRGS (1979), Doutorado em Administração pela USP (1984) e Pós-doutorado pelo Institute of Labor and Industrial Relations – University of Michigan, EUA (2003). Teve carreira acadêmica na UEPG (1976-80), na FAE (1985-89) e no Setor de Ciências Sociais Aplicadas da UFPR (desde 1986). Foi pró-reitor de Planejamento, Orçamento e Finanças da UFPR (1990-94) e reitor da UFPR, na gestão de 26 de abril de 1994 a 26 de abril de 1998.

¹⁷DIVISÃO DOS SENTIDOS. Grupo de Dança da UFPR. Teatro da Reitoria. Curitiba: 24, 25 e 26 de novembro de 1994. 1 programa: p&b.

¹⁸ÓPERA ZUMBI ODARA. Coral da UFPR e Companhia de Dança Moderna da UFPR. Teatro da Reitoria. Curitiba: junho de 1995. 1 programa: p&b, p. 1-2.

¹⁹FITNNAS. Companhia de Dança Moderna da UFPR. Teatro da Reitoria. Curitiba: 23, 24 e 25 de novembro de 1995. 1 programa: p&b, p. 2.

²⁰Tradução: O Brasil vem nos visitar e é tempo de derrubar os clichês. Nós queremos mostrar que este país é criador (propositor) de outras formas coreográficas, daí o título de nosso Encontro: Brasil Outras Danças. Nós descobriremos quais são as relações existentes entre a sua cultura e a criações contemporâneas que são propostas pelos (grupos) universitários brasileiros. Este Encontro com os jovens artistas brasileiros constitui uma descoberta da dança universitária e uma primeira aproximação para uma descoberta (e entendimento) da própria dança contemporânea brasileira. (ref: BRÉSIL AUTRES DANSES. 6^e Rencontre Universitaire de Danse. Lyon-France. Université Lumière-Lyon 2. Du 1^{er} au 6 avril 1996. 1 programe: p&b. p. 3).

²¹BERTI, Rosane. Companhia de Dança da UFPR faz 15 anos. Jornal do Estado. Espaço 2. Curitiba, edição de quinta-feira, 27 de novembro de 1997, p. d1.

²²Helena Kolody – nascida em Cruz Machado-PR, em 12 de outubro de 1912. Falecida em Curitiba, em 15 de fevereiro de 2004. Foi uma poetisa brasileira. Seus pais foram imigrantes ucranianos que se conheceram no Brasil. Helena passou parte da infância na cidade de Rio Negro, onde fez o curso primário. Estudou piano, pintura e, aos doze anos, fez seus primeiros versos. Seu primeiro poema publicado foi A Lágrima, aos 16 anos de idade, e a divulgação de seus trabalhos, na época, era através da revista Marinha, de Paranaguá. Aos 20 anos, Helena iniciou a carreira de professora do Ensino Médio e inspetora de escola pública. Lecionou no Instituto de Educação de Curitiba por 23 anos. Helena Kolody, segundo o que consta em seu livro Viagem no Espelho, foi professora da Escola de Professores da cidade de Jacarezinho, onde lecionou por vários anos. Seu primeiro livro, publicado em 1941, foi Paisagem Interior, dedicado a seu pai, Miguel Kolody, que faleceu dois meses antes da publicação. Helena se tornou uma das poetisas mais importantes do Paraná, e praticava principalmente o haikai, que é uma forma poética de origem japonesa, cuja característica é a concisão, ou seja, a arte de dizer o máximo com o mínimo. Foi a primeira mulher a publicar haicais no Brasil, em 1941. Foi admirada por poetas como Carlos Drummond de Andrade e Paulo Leminski, sendo que, com esse último, teve uma grande relação de amizade pessoal e literária.

²³Carlos Roberto Antunes dos Santos – nascido em Porto Alegre, em 23 de janeiro de 1945. É licenciado em História pela UFPR (1966). Mestrado em História pela UFPR (1969). Doutorado em História da América Latina pela Universidade de Paris X – Nanterre-França (1976) e Pós-doutorado em História da América Latina pela mesma instituição (1986). Atuou junto ao Departamento de História da UFPR, como docente e como chefe. É membro da Academia Paranaense de Letras desde 2002. Foi pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (1990-93) e reitor da UFPR na gestão de 26 de abril de 1998 a 25 de abril de 2002.

²⁴SURPRESAS coreográficas em A Vaca. Gazeta Mercantil. Curitiba, edição de quinta-feira, 26 de novembro de 1998, p. d-7.

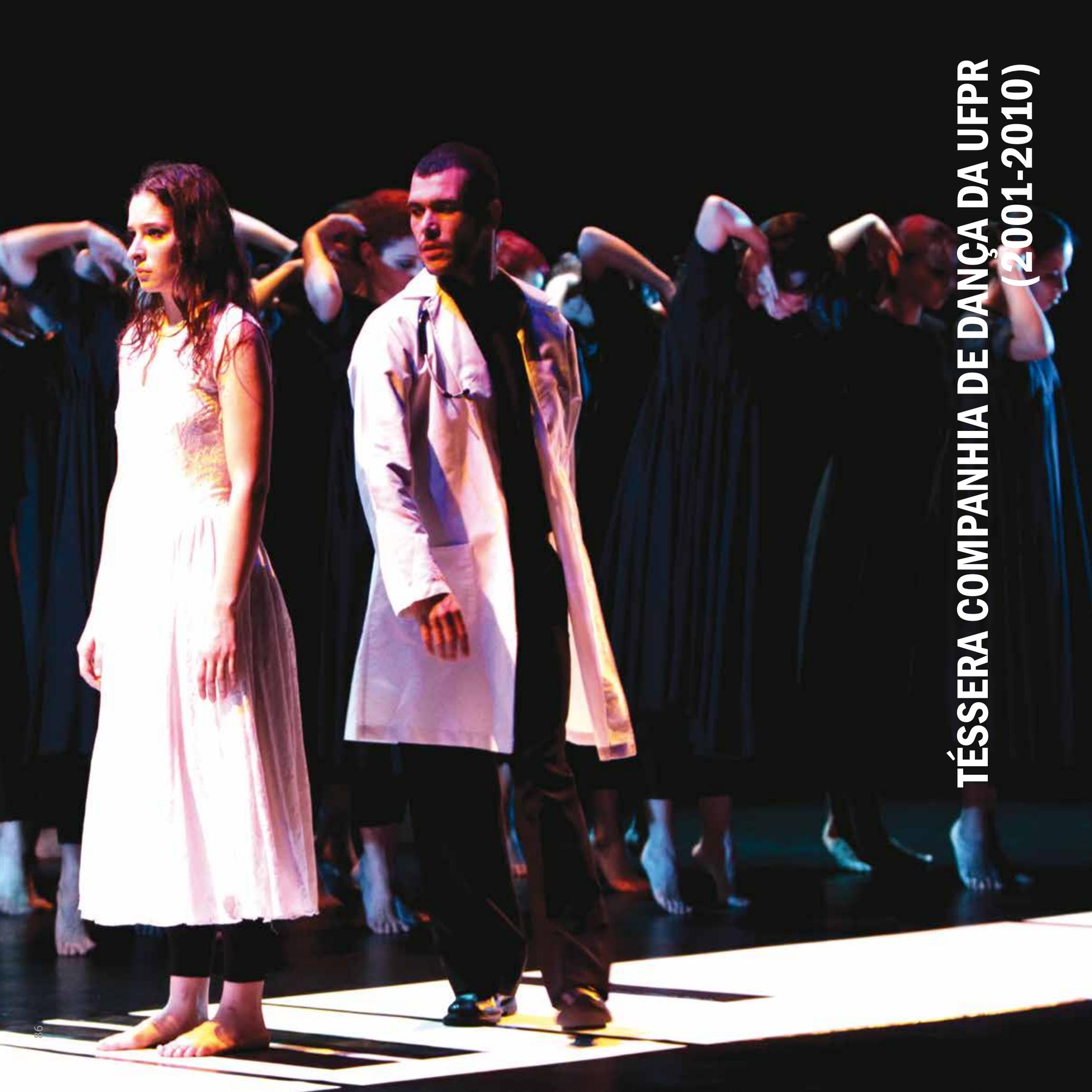
²⁵DANÇA. O Estado do Paraná. Almanaque. Curitiba, edição de quinta-feira, 26 de novembro de 1998, p. 24.

²⁶UNIDADE de dança moderna. Teatro da Reitoria. Curitiba, 23 a 26 de junho de 1999. 1 programa: p&b, p. 3.

²⁷TÉSSERA: 20 anos de sensibilidade, realidade e inovação. Notícias da UFPR: informativo da Universidade Federal do Paraná. Ano 1, nº 3 – agosto de 2002, p. 5-6.

²⁸TOLERÂNCIA zero. Gazeta do Paraná. Biss. Curitiba, edição de sábado, 13 de maio de 2000, p. b-1.

²⁹Idem.



**TÉSSERA COMPANHIA DE DANÇA DA UFPR
(2001-2010)**

SOBRE PRESERVAÇÃO, REMONTAGENS E ATUALIZAÇÕES

Em 2001, às vésperas de comemorar a 'maioridade', a Companhia decide elaborar um revival de suas principais obras coreográficas, com a finalidade de registrar, preservar e atualizar o seu patrimônio imaterial - coreográfico e circular as informações produzidas na Unidade de Dança da UFPR em pequenas turnês pelo interior do Paraná.

O texto de abertura da programação, alusiva aos vinte anos da Companhia, permite antever a filosofia de trabalho pretendida:

O compromisso com uma proposta vanguardista e a pluralidade de linguagens artísticas, fez com que o Grupo de Dança da UFPR, criado em 1981, se transformasse aos poucos, redimensionando sua linha filosófica e seu conceito estético, culminando com o surgimento de uma companhia estável, hoje denominada Têssera Companhia de Dança da UFPR [grifo nosso], que sintetiza o seu trabalho na exploração e pesquisa de cinco princípios, em suas criações coreográficas: movimento, espaço, forma, tempo e ritmo.¹

Assim, cerca de uma dezena de projetos do repertório coreográfico são atualizados e remontados, com a finalidade de tornar visível, com um novo elenco, o material estético produzido ao longo de duas décadas de trabalho intensivo com a dança moderna e contemporânea. As pequenas viagens ao interior do Paraná e estados vizinhos se sucedem, ao longo do ano.

Destaca-se, a participação do grupo, com a coreografia Cruel Inocência, no evento Limites em Movimento, no Auditório Salvador de Ferrante (Guairinha), juntamente com os grupos curitibanos: Limites, Grupo de Dança da FAP e Grupo Origens.

O repertório inédito de 2001 constitui-se, ao lado de coreografias já consagradas, das seguintes obras:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações
Estruturas | Rafael Pacheco | trilha criada por César Sarti | contemporâneo
Blume | Cristiane Wosniak | | trilha criada por César Sarti | dueto

O elenco era composto pelos bailarinos: ANA CAROLINA BAGGIO, ANNA PAULA MARANHÃO, CARINA PLOCHARSKI, CAROLINA DE LUNA, CLAUDIA MATTANA, CECILIA RIBAS, DÉBORA KRAMER, DERMEVAL DA SILVA, GISELE KLIEMANN, HELEN DE AGUIAR, JAQUELINE GOMES, JANNY ANTONELLI, JULIANE BISELLI SILVEIRA, MARIA HELENA MARTINS, LUCIANA ROMANELLO, MARINA DE ALMEIDA PRADO, ROBSON SCHMOELLER, SIMONE SANTOS, VALDECI FREIRE, VÂNIA GARRETT, VELIZE ROCHA e VIVIAN FRANÇA.

LITERATURA E DANÇA: TRADUÇÕES INTERSEMIÓTICAS

A partir de 2002, sob a gestão do reitor Carlos Augusto Moreira Junior², a companhia começa a desenvolver alguns trabalhos de pesquisa voltados à Tradução Intersemiótica³ entre duas linguagens diferenciadas: a verbal e a não-verbal ou entre a palavra escrita e o gesto.

A coreógrafa Cristiane Wosniak, numa releitura de um dos contos de Clarice Lispector⁴ – Feliz Aniversário – cria o roteiro coreográfico de Aniversário e para isso, conta com uma equipe interdisciplinar na concepção da estrutura geral da obra: Rafael Pacheco – direção teatral; César Sarti – pesquisa sonora; o arquiteto Paulo Chiesa – cenografia; Luis Tschannerl – projeto de iluminação.

Aniversário aborda o conjunto de situações existenciais e sociais em que uma família se move, ora com amor, ora com ódio, ora com esperança, ora com desconsolo e, de onde, em permanente confronto consigo mesmas, as personagens arrancam suas palavras [e gestos] e inventam seus movimentos. Nada é ‘contado’ em cena, no sentido tradicional do termo: as situações e as personagens surgem por meio de metáforas que se articulam no chamado fluxo da consciência. O enredo, a estória provável, constrói-a o espectador, que se torna neste momento, co-autor...⁵

Aniversário põe em crise a representação (dança-teatro) do ‘universo familiar’ com seus códigos inequívocos: a matriarca – representada na obra por um imenso catavento (amarelo) cenográfico – e seus parentes – 18 bailarinos caracterizados com figurinos de época (anos cinquenta – Brasil). E por que o predomínio da encenação numa obra de dança? Rompendo com as fronteiras entre as linguagens, a Têssera Companhia de Dança propunha-se a utilizar, nesta obra, recursos como a repetição e a fragmentação⁶, a inversão, o contraste e a manipulação espacial. “Trabalhando com a essência abstrata do movimento, a significação da dança é tratada como uma obra aberta, refletindo expectativas e leituras diferenciadas, a depender do repertório do público.”⁷

Os trabalhos de pesquisa coletiva da companhia na busca pelos movimentos e gestos, com sessões de improvisação e composição coreográfica, foram iniciados, depois da leitura conjunta e discussão do texto e do estilo da escrita de Lispector: “no processo de criação algumas sequências de movimentos e gestos são totalmente marcadas pela coreógrafa, enquanto que, em outros momentos, as ideias geradas pelos próprios bailarinos são incorporadas à cena, sob olhar atento dos diretores.”⁸

O coreógrafo Rafael Pacheco propõe ainda, em 2002, um outro trabalho polêmico para a Companhia: Transgressão do Medo. “Neste trabalho coreográfico os elementos da dança-teatro se fazem presentes de forma simbólica e sígnica. Os personagens transformam jogos rituais baseados na energia orgânica, de forma que a dualidade de cada um seja uma constante.”⁹

A partir de uma estrutura cenográfica totalmente metálica, o ambiente da cena era transformado em labirintos tecnológicos (arquitetura vazada) propondo plataformas móveis e diferentes níveis de acesso às formações coreográficas. A pesquisa sonora incluía variações sobre temas e autores contemporâneos, música eletrônica e também Manson e Galas.

Esta obra foi convidada para fazer o espetáculo de encerramento do 13º Festival de Dança de Cascavel (de 28 de junho a 7 de julho) no Centro Cultural Gilberto Mayer.

Em setembro, a Companhia foi convidada para fazer o encerramento do Festival de Dança de Curitiba – promoção da Secretaria de



Esporte e Lazer – com a obra Circulumm.

No mês de outubro, Curitiba tornou-se a sede do evento Conexão Sul¹⁰ – versão Paraná – Encontro de Artistas Contemporâneos de Dança da Região Sul, e a Têssera foi convidada a apresentar uma de suas peças coreográficas: o solo Babel com a bailarina Anna Paula Maranhão, no dia 03 de outubro, no teatro José Maria Santos.

O repertório de 2002 constitui-se das seguintes obras:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações
Aniversário | Cristiane Wosniak | trilha criada por César Sarti | dança-teatro
Circulumm | Cristiane Wosniak | Uakti | contemporâneo
Transgressão do Medo | Rafael Pacheco | trilha criada por César Sarti | contemporâneo

O elenco era composto pelos bailarinos: ANA CAROLINA BAGGIO, ÂNGELO RAFAEL DA LUZ, ANNA PAULA MARANHÃO, BRUNA SEABRA, CARINA PLOCHARSKI, CLAUDIA MATTANA, DERMEVAL DA SILVA, FERNANDO NASCIMENTO, GREICY BERNARDI, HELEN DE AGUIAR, JAQUELINE GOMES, JULIANE BISELLI SILVEIRA, LUCIANA PAIVA OLIVA, MARIA HELENA MARTINS, NATANAEL AGOSTINHO, ROBSON SCHMOELLER, SIMONE SANTOS, VALDECI FREIRE, VÂNIA GARRETT, VELIZE ROCHA e VIVIAN FRANÇA.



Em 2003, a Companhia prioriza suas apresentações pelo interior do Paraná, divulgando a produção artística – na área da dança – da UFPR. E durante o 1º semestre, o espetáculo Aniversário, no Teatro Experimental da UFPR, alcança um fato inédito: cinco semanas em cartaz, com apresentações em abril e maio (de quarta-feira a domingo). É preciso destacar que “nunca antes na história da universidade, um grupo artístico fez uma temporada tão longa e em todas as sessões a lotação era completa”.¹¹

Outras duas apresentações merecem destaque: a obra Aniversário, devido ao seu diálogo, com as linguagens da literatura e do teatro, é convidada para fazer o encerramento do 19º Festival de Teatro e Lançamento do 14º Festival de Dança de Cascavel, em agosto, no Centro Cultural Gilberto Mayer.

No mesmo mês, a Companhia apresentou-se, num evento compartilhado com alunos do Curso de Dança Moderna da UFPR, no Teatro Municipal da Lapa. Em ambos os eventos, houve um bate-papo com a plateia após o espetáculo, discutindo-se conceitos envolvidos na opção pela dança contemporânea como linguagem de criação em arte. Para a temporada oficial de 2º semestre, a companhia se apresenta novamente no Teatro Experimental, em dezembro, num espetáculo que se denominou Fragmentos da Alma. No 1º ato, quatro coreografias de Cristiane Wosniak, três inéditas: Plusz (um quarteto) e Dialogue (dueto feminino) propunham alguns elementos de dança e teatro na cena.

Entretanto, a obra Das Gericht (trad: O Julgamento) trazia à tona, mais uma vez, a relação entre a palavra e o gesto: neste caso, o texto que dava suporte à tradução coreográfica era Maria Farrah, do dramaturgo alemão, Bertolt Brecht. Extremamente dramático e denso “com movimentos herméticos, tensos e mecânicos – como num ritual de inquisição – o corpo se mostra oprimido. A civilização parece exercer o poder de julgar em todas as esferas”.¹²

O 2º ato era composto pela obra completa de Rafael Pacheco – que dava título ao espetáculo – Fragmentos da Alma.

A última produção coreográfica da Têssera Companhia de Dança da UFPR, que inserida num contexto histórico de 24 anos dedicados à pesquisa e produção vanguardista relevantes no cenário cultural da dança contemporânea brasileira, dá um passo à frente na apropriação de um dos elementos mais controversos no chamado pós-modernismo: o conceito da fragmentação [...]. Neste espaço possível, o bailarino-intérprete dele mesmo, transforma-se em múltiplos códigos e barra, símbolo máximo da obra, verticalizando-se em modelos comerciais, vendáveis, identificáveis, universais. Os mesmos intérpretes em cena, durante 45 minutos, já não contemplam com desvelar ou desmascarar o mistério, a alma central e (in)vendável, simbolizada periféricamente pela projeção de uma luz suspensa, sendo em vez disso, forçados a perguntar: que mundo é esse? Que devo fazer nele? Qual de meus eus-fragmentários deve fazê-lo? Numa época em que a engenharia genética evolui e se encaminha para o âmbito da clonagem, identificamos como imagens especulares refletidas, dez bailarinos vestidos identicamente; seus trajes confundem-se com os adereços cênicos, mercadorias mapeadas com o mesmo código de barra – símbolo do mercado de massa... O corpo e a alma contemporâneas estão fragmentados...¹³

O repertório de 2003 constitui-se das seguintes obras:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações
Circulumm | Cristiane Wosniak | Uakti | contemporâneo
Das Gericht | Cristiane Wosniak | Goethes Erben | dança-teatro
Plusz | Cristiane Wosniak | Drem Büinsma | quarteto
Fragmentos da Alma | Rafael Pacheco | trilha criada por César Sarti | contemporâneo





O elenco era composto pelos bailarinos: ANA CAROLINA BAGGIO, ANNA PAULA MARANHÃO, ÂNGELO RAFAEL DA LUZ, BRUNA SEABRA, CARINA PLOCHARSKI, DERMEVAL DA SILVA, GREICY BERNARDI, HELEN DE AGUIAR, JAQUELINE GOMES, JULIANA VIRTUOSO, JULIANE BISELLI SILVEIRA, MARIA HELENA MARTINS, ROBSON SCHMOELLER, SIMONE SANTOS, VALDECI FREIRE, VÂNIA GARRETT, VELIZE ROCHA e VIVIAN FRANÇA.



Em 2004, durante o 1º semestre, o espetáculo Fragmentos da Alma permanece em temporada de quarenta dias, no Teatro Experimental da UFPR, de quarta a domingo, atingindo um grande público, com ingressos gratuitos.

Em junho, a Têssera Companhia de Dança é selecionada a integrar as atividades artísticas propostas pelo Circuito Cultural Banco do Brasil¹⁴, com as apresentações de dança – Dialogue e Plusz – na abertura da peça teatral Quadrante, com Paulo Autran, no Auditório Bento Munhoz da Rocha Neto – Guairão.

Em julho, Fragmentos da Alma se apresenta no Theatro Municipal de Antonina, durante o 14º Festival de Inverno da UFPR.

Em setembro, a Têssera Companhia de Dança é convidada novamente a fazer a abertura do Festival de Dança de Curitiba, dançando na Ópera de Arame, três coreografias de curta duração, especialmente adaptadas para o evento.

O repertório de 2004 constitui-se do seguinte espetáculo:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações
Fragmentos da Alma | Rafael Pacheco | trilha criada por César Sarti | contemporâneo

O elenco era composto pelos bailarinos: ANA CAROLINA BAGGIO, ANNA PAULA MARANHÃO, ÂNGELO RAFAEL DA LUZ, BRUNA SEABRA, CARINA PLOCHARSKI, CAROLINA DE LUNA, CECILIA RIBAS, CLAUDIA MATTANA, DÉBORAH KRAMER, DERMEVAL DA SILVA, FERNANDO NASCIMENTO, GISELE ONUKI, GREICY BERNARDI, HELEN DE AGUIAR, JAQUELINE GOMES, JOSIE HERMANN, JULIANA VIRTUOSO, JULIANE BISELLI SILVEIRA, LEONARDO TAQUES, LUCIANE LAZZARI, MARCELO NOGUEIRA, MARIA HELENA MARTINS, NAIARA DE ARAÚJO, ROBSON SCHMOELLER, SILVIA NOGUEIRA, SIMONE SANTOS, TATIANA BERGHAUSER, VALDECI FREIRE, VELIZE ROCHA, VIVIAN FRANÇA e VIVIANE MORTEAN.

Em 2005, a temporada oficial de 1º semestre da Têssera Companhia de Dança da UFPR apresenta à plateia curitibana *Pessoas Marcadas 2* – uma releitura e atualização da obra de Rafael Pacheco, originalmente criada em 1993. A trilha sonora foi totalmente (des)construída e estímulos sonoros, cenários, textos e figurinos foram acrescentados à nova versão, que estreou em junho, no teatro da Reitoria, apresentando um elenco jovem, fruto de mais uma renovação cíclica da Companhia.

Em agosto a companhia viaja a Cascavel para fazer o encerramento do 16º Festival de Dança, com a obra *Pessoas Marcadas 2*, no Centro Cultural Gilberto Mayer.

A temporada oficial de 2º semestre apresenta um espetáculo ‘mix’, com coreografias de Cristiane Wosniak no 1º ato: *Sapus Sapiens* – uma opereta anfíbia, de caráter cômico; *Estudo Paraqueda* – dueto técnico e virtuosístico e *Sobre Uma Menina Exemplar* – a partir de questionamentos sobre a posição e o papel da mulher na sociedade da América Latina. O 2º ato coloca em cena a obra título: *Subway* de Rafael Pacheco com o enredo “às vezes, o que passa debaixo é o reflexo da alma”.¹⁵

O repertório de 2005 constitui-se das seguintes obras:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações
Pessoas Marcadas 2 | Rafael Pacheco | trilha criada por César Sarti | contemporâneo
Sapus Sapiens | Cristiane Wosniak | trilha criada por César Sarti | contemporâneo
Estudo Paraqueda | Cristiane Wosniak | trilha criada por César Sarti | dueto
Sobre Uma Menina Exemplar | Cristiane Wosniak | trilha criada por César Sarti | contemporâneo
Subway | Rafael Pacheco | trilha criada por César Sarti | contemporâneo

O elenco era composto pelos bailarinos: ANA PAULA DE MELO, ANNA KRISTHINE KNAPP, ANNA PAULA MARANHÃO, BRUNA SPOLADORE, CAROLINA DE NADAI, CAROLINE MARTINS, CIBELE NOLÉ COSTA, ELAINE SEULLNER, FLÁVIA GAMA ROSA, GREICY BERNARDI, HELEN DE AGUIAR, ISRAEL BECKER, JAQUELINE GOMES, JULIANA VIEL DE MELO, JULIANA VIRTUOSO, LOANA ALVES CAMPOS, MANOELA DE PAULA FERREIRA, MARIA HELENA MARTINS, MAYARA NOGUEIRA, TATIANA BERGHAUSER, THAIS CATHARIN e VELIZE ROCHA.







ECLETISMO E VERSATILIDADE NA COMPOSIÇÃO DE REPERTÓRIO

A partir de 2006, os diretores e coreógrafos da Têssera Companhia de Dança decidem propor, além das pequenas coreografias criadas com o objetivo de ocupar eventos e espaços alternativos, duas obras inéditas anualmente, revezando-se na autoria e propondo panoramas distintos entre processos e produtos de dança contemporânea.

Com métodos e resultados diferenciados alcançados em suas abordagens do corpo em movimento a partir de uma ideia pré-estabelecida, as obras sucedem-se, provocando estados de versatilidade e ecletismo, além da possibilidade do elenco exercer e praticar variados modos de pensar e fazer dança.

Em junho de 2006, a obra *Diabliposa*, de Rafael Pacheco, traz para o palco uma ideia lírica: “conta uma antiga lenda medieval, que as mariposas são mensageiras, portanto quando em contato com alguma delas, não as espante e nem as maltrate... Fique quieto, em silêncio, pois algum segredo será revelado, para aquele que souber ouvir...”¹⁶

Um imenso painel impresso com a marca de uma mariposa completava o fundo do palco, como uma tela de onde saíam para suas marcas coreográficas, os bailarinos, trajando figurinos atemporais, leves e simbólicos, em muitas ocasiões, a depender da iluminação, se fundiam numa mimese corporal: figura e fundo se complementando em agrupamentos e formações versáteis. Uma obra classificada pela mídia, como ‘onírica e bela’ ou ‘uma outra vertente da Têssera Companhia de Dança da UFPR’.

Durante o 2º semestre, a coreógrafa Cristiane Wosniak, dá início à pesquisa da relação entre o corpo e a cultura contemporânea como ‘espetacularmente mediatizada por meio das marcas e produtos’ e para isso toma como ponto de partida as campanhas publicitárias vinculadas em rádios, os chamados jingles. As perguntas que eram lançadas ao elenco em sessões de improvisação e pesquisa de movimento eram as seguintes: “poderia um programa de rádio veicular a ideia de corpo? Poderia a publicidade na rádio, vender uma imagem e ideologia de um corpo mercadológico? Que diálogos se estabelecem entre o corpo (dança) e o som (rádio)?”¹⁷

Numa reflexão bem humorada, a obra *Encartes*, de Cristiane Wosniak, apresenta uma série de jingles – procurando-se cronologicamente abranger os mais populares – vinculando ideias coreográficas que refletissem sobre a mercadoria e a sua tradução corporal. “Assim como os jingles, os próprios corpos dos bailarinos são assimilados pelo público, constituindo-se eles mesmos, em marcas, processos e produtos em interação dinâmica. O que se discute na cena é a transitoriedade sócio-cultural do corpo-mídia em movimento.”¹⁸

Encartes encerra a temporada oficial de 2º semestre, em novembro, no Teatro da Reitoria e voltaria no ano seguinte, para uma temporada de quarenta dias, no Teatro Experimental da UFPR.

O repertório de 2006 constitui-se das seguintes obras:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações
Encartes | Cristiane Wosniak | trilha criada por César Sarti | dança-teatro
Diabliposa | Rafael Pacheco | trilha criada por César Sarti | contemporâneo

O elenco era composto pelos bailarinos: ALEXANDRE FERREIRA, ALINE VALLIM, ANA CAROLINA BAGGIO, ANNA PAULA MARANHÃO, ANGÉLICA GALLARDO, CAROLINA DE NADAI, CAROLINA COSTA, CAROLINE MARTINS, DÉBORAH ATHERINO, FLÁVIA GAMA ROSA, GREICY BERNARDI, HELEN DE AGUIAR, ISRAEL BECKER, JAQUELINE GOMES, JULIANA VIRTUOSO, JULIANA GOMES DIAS, JULIANA VIEL DE MELO, LUA MONTEMÓR, MARIA HELENA MARTINS, NAIANA WÖHLKE CÉ, NINA GONTIJO, PAULO THOMAS CRUZ, PAULO NEGRI, PETER ABUDI, RAFAELA GOEDE, ROGER VASCONCELOS e VELIZE ROCHA.

Em 2007, a Universidade Federal do Paraná prepara-se para comemorar seus 95 anos. No mês de março, em frente às escadarias do prédio central (símbolo de Curitiba) ocorre um 'desfile' para divulgar a griffe UFPR 2007. A Tésseira Companhia de Dança é o grupo artístico selecionado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura para realizar tal projeto: em cena, os bailarinos desfilam os produtos (camisetas, bonés, pastas, mochilas, etc.) e ao término do desfile, apresentam-se com uma coreografia criada especialmente para a ocasião. O registro deste desfile, sobretudo as fotos, circularam pela mídia durante o ano todo, rendendo ao grupo, sua imagem vinculada às páginas de importantes veículos de comunicação, além das capas de agendas universitárias e do livro da história da UFPR, editado naquele ano.

Durante todo o 1º semestre, a companhia esteve pesquisando possibilidades de interação entre o movimento e os instrumentos de percussão. Numa parceria com o Grupo de Percussão da UFPR, sob direção de Paulo Demarchi, a Tésseira estreia um espetáculo no mês de junho, no Teatro da Reitoria, a partir de elementos da música contemporânea para percussão, com destaque para trabalhos compostos por John Cage, além de autores brasileiros, especialmente paranaenses. Este mesmo espetáculo é apresentado em julho, no Theatro Municipal de Antonina, durante o 17º Festival de Inverno da UFPR.

No mesmo evento, ocorre um feito histórico: a Tésseira é convidada a fazer um espetáculo no palco principal (palco aberto) com a coreografia Encartes, devido ao grande apelo popular da obra. Cerca de seis mil pessoas estiveram presentes e assistiram à obra na ocasião.

No 2º semestre, e prestes a comemorar 25 anos de existência, a Tésseira inicia os ensaios de O Anjo Negro, de Rafael Pacheco. A obra é "uma reflexão sobre a humanidade. Sob a linguagem da dança contemporânea, pretende-se discutir cenicamente, conceitos como fé, esperança e perversidade."¹⁹





O repertório de 2007 constitui-se das seguintes obras:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações

O Anjo Negro | Rafael Pacheco | trilha criada por César Sarti | contemporâneo

O elenco era composto pelos bailarinos: ABEL MARCARINI, ALYS LOUARTI, ANA CAROLINA BAGGIO, ANGÉLICA GALLARDO, CAROLINA DE NADAI, CAROLINE MARTINS, EMANUELA CAMARGO MARQUEZ, EVERSON MOTTA, FERNANDO VIDAL, FLÁVIA GAMA ROSA, GREICY BERNARDI, GREYCE LUCCA AITA, HELEN DE AGUIAR, JAQUELINE GOMES, JULIANA VIRTUOSO, JULIANA VIEL DE MELO, LUDMILA VELOSO, MARIA HELENA MARTINS, MARINA SCANDOLARA, NAIANA WÖHLKE CÉ, PAULO THOMAS CRUZ e VELIZE ROCHA.

Em 2008, durante o 1º semestre, a coreógrafa Cristiane Wosniak propõe à companhia, uma nova pesquisa e estudo da obra de Clarice Lispector.

A opção recai sobre o conto A Imitação da Rosa. Reunindo uma equipe interdisciplinar, têm início as atividades de concepção e adaptação de um roteiro para a dança. A partir de anotações e esboços de ações (cenas previstas pela coreógrafa) o diretor de trilha sonora, César Sarti, investiga as possibilidades de criação a partir da palavra 'rosa' e suas conotações no repertório da música popular brasileira, mas sem deixar de lado as intervenções internacionais e as paisagens sonoras inusitadas.

O fotógrafo Douglas Fróis examina o fator de 'decomposição de material orgânico' e em específico, rosas, para chegar a resultados de coloração e textura que deram o mote à obra: o envelhecimento, a degradação, o esquecimento, a descoloração. Tais efeitos foram os responsáveis pela identidade do material gráfico e também da criação de figurinos.

A designer Helena Sardemberg, em parceria com a coreógrafa, trabalhou os diversos tons de rosa, marrom e terra na busca de um figurino (vestidos, camisas, anáguas, camisolas, ternos, coletes) que lembrassem os anos cinquenta no Rio de Janeiro – época e lugar de ambientação da obra original – para criar personagens compatíveis com a trama, porém com a mobilidade cênica essencial para a linguagem da dança.

O cenógrafo Percival dos Reis se apropriou de objetos e adereços de cores neutras (preto e branco) para reforçar as cores provenientes dos figurinos, da iluminação e das dezenas de rosas espalhadas no palco ao longo das cenas dançantes.



Rafael Pacheco selecionou algumas diretrizes de interpretação teatral na direção dos personagens, que transitavam entre o simbólico e o real. Ao término da obra, uma ‘chuva de pétalas’ caía sobre a frágil personagem Laura, perdida entre seus devaneios e lembranças.

Um trecho do release coreográfico pode fornecer pistas para o entendimento da obra Rosas:

As obras de Clarice Lispector conseguem fixar de forma admirável as reações mais íntimas de um ser humano a impacto do mundo sensível. Na transposição de um de seus contos, A Imitação da Rosa, para a dança, como Rosas, procurou-se manter o mesmo clima de impenetrável compreensão: convivendo com o invisível, os personagens femininos – Lauras multiplicadas – não têm rosto; delas se conhece não o perfil, mas as alegrias; não a história, mas a memória. Longe das mulheres que se aquecem entre quatro paredes, as Lauras correm em busca das partes de seu todo, como se nas camadas sobrepostas de uma rosa, estivessem possíveis respostas para a pergunta que não existiu...²⁰

Ainda em julho, Rosas se apresenta no Theatro Municipal de Antonina, durante o 18º Festival de Inverno da UFPR.

Durante o 2º semestre tem início a montagem da obra Silêncio, de Rafael Pacheco. O local selecionado para abrigar a montagem é o Teatro Experimental (TEUNI) da UFPR, devido à proximidade da plateia, favorecendo o caráter intimista proposto nas cenas. A partir de uma trilha sonora complexa, repleta de recortes e efeitos especiais, os bailarinos atuam de forma catártica e extenuante, utilizando-se, em várias situações, de movimentos executados num ritmo intenso, chocando-se com diferentes obstáculos (paredes sólidas do espaço) e em outros momentos, o ‘silêncio’ simbólico se faz presente, em movimentos amplificados por detalhes minúsculo: gestos fragmentados e repetidos até a exaustão.

O repertório de 2008 constitui-se das seguintes obras:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações
Rosas | Cristiane Wosniak | trilha criada por César Sarti | dança-teatro
Silêncio | Rafael Pacheco | trilha criada por César Sarti | contemporâneo

O elenco era composto pelos bailarinos: ABEL MARCARINI, ALANA MUNIZ DE LIMA, ALYS LOUARTI, ANA CAROLINA BAGGIO, ANGÉLICA GALLARDO, CAIO FÁBIO, CAROLINE MARTINS, EMANUELA CAMARGO MARQUEZ, EVERSON MOTTA, FABIANE RODRIGUES, FERNANDA NYCIA, FERNANDO VIDAL, GREYCE LUCCA AITA, HADIJI YUCARI NAGAO, HELEN DE AGUIAR, IGOR VIEIRA, ISRAEL BECKER, JULIANA VIRTUOSO, LUDMILA VELOSO, LUISA PEREIRA, MARIA HELENA MARTINS, MARINA SCANDOLARA, NAIANA WÖHLKE CÉ, PAULO THOMAS CRUZ, RAQUEL MESSIAS e VELIZE ROCHA.







CONTAR UMA HISTÓRIA POR MEIO DA DANÇA

Em 2009, sob a gestão do novo reitor, Zaki Akel Sobrinho²¹, os diretores-coreógrafos da Têssera Companhia de Dança decidem reeditar o projeto de preservação, visibilidade e atualização de algumas peças do repertório, com a finalidade de circular e ‘contar a sua história dançante’ que, em 2011, completa 30 anos de existência.

O projeto, composto de três fases, apresenta os seguintes propósitos:

- 1- remontar as coreografias que obtiveram destaque na primeira fase da companhia – sendo premiadas nos principais festivais nacionais de dança (proposta para 2009);
- 2- remontar as coreografias que romperam o fluxo da primeira fase e apostaram no diálogo com os elementos do teatro, literatura e tecnologia (proposta para 2010);
- 3- editar um livro com a trajetória histórica da companhia, apontando sua produção artística ininterrupta na área da dança moderna-contemporânea;

Para atingir o propósito nº 1, em 2009, os diretores remontam obras de sua autoria e que se reconfiguram no espetáculo denominado Tempo.

Um reforço na divulgação destas peças coreográficas é propiciado pelo projeto da Coordenadoria de Cultura da UFPR, Arte nos Campi, cujo objetivo “é levar a arte dos grupos artísticos a todos os campi da instituição, em horários e espaços alternativos, procurando reforçar a produção de conhecimento artísticos nas diversas

linguagens, aos alunos, professores e funcionários da UFPR²².

Além das apresentações, o projeto também propõe a exposição de painéis colocados nestes departamentos, com diversas fotos do acervo dos grupos, além de textos didáticos explicando sua origem histórica, propósitos e produção de repertório.

Destaca-se a apresentação da Unidade de Dança no hall do Setor de Ciências Sociais Aplicadas, que além das obras da Têssera Companhia de Dança, também apresentou uma coreografia com os alunos do Curso de Dança Moderna da UFPR.

Uma das obras resgatadas – no tempo – A Aparição do Whaiti de Rafael Pacheco, criada nos anos 1980, foi totalmente reconfigurada. Com a colaboração do artista percussionista, José Paulino Borges Almada, a companhia trabalhou com os elementos tempo e ritmo, durante todo o 1º semestre, em aulas programadas com recursos variados de sonorização e produção de instrumentos de percussão.

Rafael Pacheco aposta numa obra híbrida, onde os bailarinos deveriam, além de dançar, executar padrões rítmicos, ao vivo, com baquetas e percussão corporal.

O elemento voz também foi valorizado. O maestro Alvaro Nadolny, do Coro da UFPR, e o artista Brahmarsi Dãs são convidados a trabalhar com o elenco na preparação vocal, pois os bailarinos também eram estimulados, em algumas cenas da obra, a falar e cantar.

O figurino, nesta versão, foi construído a partir do tecido jeans e os pés descalços no chão emprestavam à coreografia um ar de modernidade tardia em meio ao atravessamento de interferências e linguagens híbridas.

O repertório de 2009 constitui-se do seguinte espetáculo:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações

Tempo (espetáculo com obras variadas) | Cristiane Wosniak e Rafael Pacheco | trilhas criadas por César Sarti | contemporâneo

O elenco era composto pelos bailarinos: ABEL MARCARINI, ALINE CIRIACO MULINARI, ALYS LOUARTI, AMÁBILE BORTOLANZA, ANNA PAULA MARANHÃO, BAS VAN DER KRUK, BIANCA MENDES, BRUNA CAMPANHARI, BRUNA ZEHNPFENNIG, CAROLINA WALESKO, CAROLINE PELLEGRINI, FERNANDA NYCIA, FERNANDO VIDAL, GREYCE LUCCA AITA, HELEN DE AGUIAR, JULIANA VIRTUOSO, LINCON MOLINARI, MARIA HELENA MARTINS, NAIANA WÖHLKE CÉ, PAULO THOMAS CRUZ, REBECA TONKOVITCH, TÂNDARA TRENTIN e VELIZE ROCHA.

O início de 2010 vê a proposição nº 2 se tornar realidade. O espetáculo Diacronia, com coreografias de Rafael Pacheco e Cristiane Wosniak, faz referência não apenas às suas criações históricas, de repertório, mas também coloca lado a lado, o diálogo com concepções cênicas atuais, ou seja, a diacronia conversa com a sincronia:

Por que Diacronia? A terminologia faz referência a fenômenos considerados do ponto de vista de sua evolução no tempo – estudo e amostragem daquilo que se sucede no espaço-tempo, de forma cronológica. A partir deste conceito, o espetáculo reúne coreografias consagradas do repertório, ao lado de obras inéditas, criadas especialmente para este espetáculo, ou seja, além do caráter diacrônico, também estará presente a sincronia – a atualização e a releitura dos elementos da dança no mundo contemporâneo [grifo nosso].²³

Após a estreia do Teatro Experimental da UFPR, Diacronia se apresenta no 20º Festival de Inverno da UFPR.

Mas a grande montagem coreográfica do ano, iniciando o processo de composição de obras visando à comemoração dos 30 anos da companhia, é Arthur, de Rafael Pacheco cujo conteúdo narrativo, marcadamente ritualista, coloca em cena personagens simbólicos. Arthur teve sua estreia no Teatro Experimental da UFPR, em novembro.

O repertório de 2010 constitui-se das seguintes obras:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações
Diacronia (espetáculo com obras variadas) | Cristiane Wosniak e Rafael Pacheco | trilhas criadas por César Sarti | contemporâneo
Across | Rafael Pacheco | trilha criada por César Sarti | contemporâneo
Uno | Cristiane Wosniak | Einstürzende Neubautten | solo masculino
Vaptvup | Cristiane Wosniak | trilha criada por César Sarti | dueto
Arthur | Rafael Pacheco | trilha criada por César Sarti | contemporâneo

O elenco é composto pelos bailarinos: ABEL MARCARINI, ALINE CIRIACO MULINARI, ALYS LOUARTI, AMÁBILE BORTOLANZA, ANNA PAULA MARANHÃO, BIANCA MENDES, BRUNA PALLAZIN, BRUNA PÓVOA, BRUNA ZEHNPENNIG, BRUNO NASCIMENTO, CAMILA BOSCHINI, CAROLINA WALESKO, CAROLINE MARTINS, CAROLINE PELLEGRINI, DANIELE SENA DURÃES, DANILO SILVEIRA, DEIVID DOS SANTOS, FERNANDO VIDAL, GREYCE LUCCA AITA, HELEN DE AGUIAR, ISRAEL BECKER, JÚLIA GRASSATTO, JULIANA VIRTUOSO, MARIA HELENA MARTINS, MARINA RAUEN DECKER, NAIANA WÖHLKE CÉ, REBECA TONKOVITCH, SUZANA DE OLIVEIRA, TÂNDARA TRENTIN e VELIZE ROCHA.

E, finalmente, no ano em que se comemora os trinta anos da companhia, duas obras inéditas são criadas. Rafael Pacheco, durante o 1º semestre, coreógrafa **SÓ EM ACAPULCO** propondo o 'exílio do sujeito contemporâneo' a partir de uma leitura aberta do dramaturgo Bertolt Brecht exilado de seu país, nos anos 40.

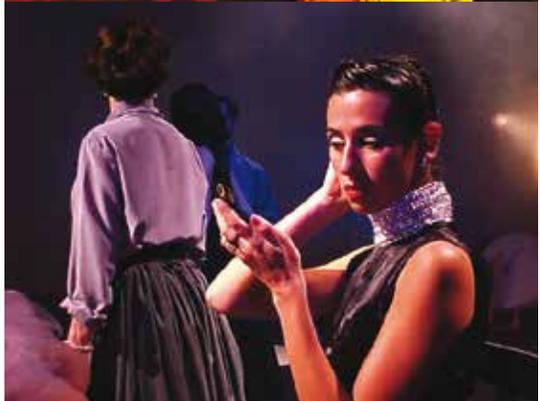
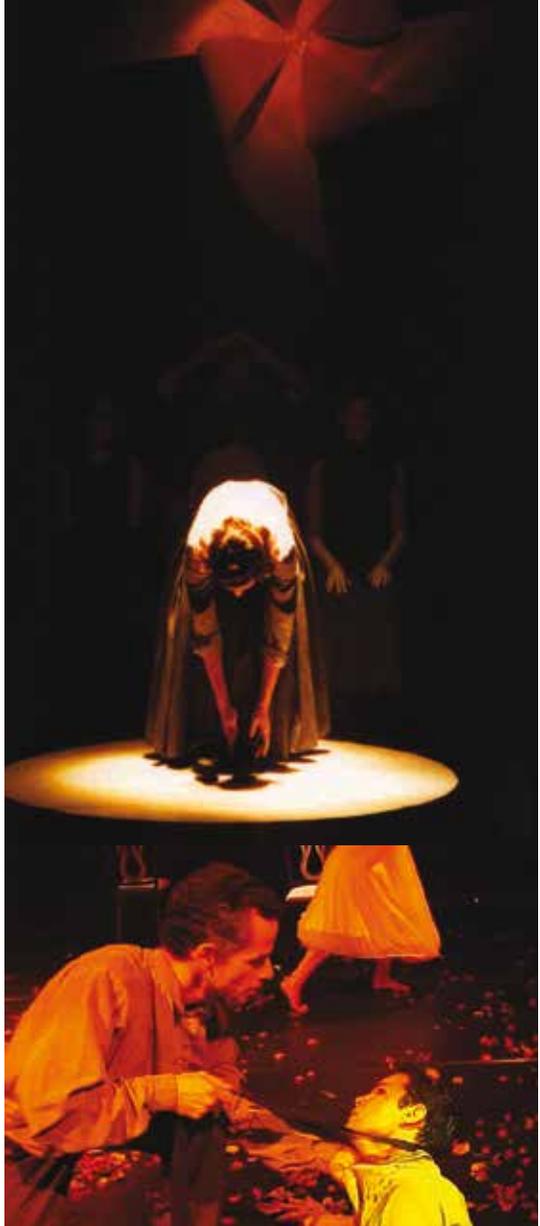
E **VALSA Nº 30**, de Cristiane Wosniak, encerra o ano, com uma releitura do monólogo psicológico – Valsa Nº 6 – de Nelson Rodrigues.

O repertório de 2011 constitui-se das seguintes obras:

Obras | coreógrafo(a)s | música(s) | observações
Só em Acapulco | Rafael Pacheco | trilhas criadas por César Sarti | contemporâneo
Valsa Nº30 | Cristiane Wosniak | trilha criada por César Sarti | contemporâneo

O elenco deste ano comemorativo é composto pelos bailarinos: AMÁBILE BORTOLANZA, ANNA PAULA MARANHÃO, BRUNA PÓVOA, BRUNO OLIVEIRA RIBAS, CAMILA BOSCHINI, CAROLINA WALESKO, CAROLINE PELLEGRINI, DANIELE SENA DURÃES, DANILO SILVEIRA, FERNANDO VIDAL, GABRIELA SPEZZATTO, GIOVANNA DE OLIVEIRA FRANÇA, GREYCE LUCCA AITA, HELEN DE AGUIAR, IVETE RAMBO, JÚLIA GRASSATTO, JULIANA VIRTUOSO, LEANDRO VIEIRA, LÍVEA CASTRO CALVO, MARIA HELENA MARTINS, MARILIA ZAMILIAN, MARINA RAUEN DECKER, NAIANA WÖHLKE CÉ, REBECA TONKOVITCH, SUZANA DE OLIVEIRA e VELIZE ROCHA.





¹ 20. Têssera companhia de dança da ufpr. Teatro da Reitoria – Curitiba: temporada de 20 a 23 de junho de 2001. 1 programa: color, p. 1.

² Carlos Augusto Moreira Junior – nascido em Curitiba, em 30 de dezembro de 1958. É graduado em Medicina pela UFPR (1981) com Mestrado (1986) e Doutorado (1989) em Oftalmologia, pela Universidade Federal do São Paulo-UNIFESP. Especialista em Retina pela University of Califórnia (1987-88). Fez carreira acadêmica na UFPR tornando-se professor titular de oftalmologia, desde 1990. Foi diretor-clínico do Hospital de Clínicas da UFPR (1996-97) e Diretor do Setor de Ciências da Saúde da UFPR (1998-2002). Fundou o Curso de Pós-graduação em Oftalmo-Otorrinolaringologia (1998) e foi seu coordenador (de 1998-2002). Como reitor da UFPR, atuou em duas gestões consecutivas: 1º mandato - de 2002 a 2006; reeleição para 2º mandato - de 2006 a 2009.

³ Tradução Intersemiótica – trata-se de uma transmutação ou aquele tipo de tradução que consiste na interpretação de signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais. Ou seja: traduzir o verbo para outra linguagem, neste caso, a dança. (Ref: PLAZA, Júlio. Tradução intersemiótica. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003. Coleção Estudos, nº 93).

⁴ Clarice Lispector – nascida na Ucrânia, em 1925. A família emigrou da Rússia para o Brasil no ano seguinte, fixando-se em Recife, onde a autora passou a infância. Aos 12 anos e órfã de mãe, muda-se para o Rio de Janeiro. Formou-se em Direito e começou a colaborar com artigos para os jornais cariocas. Casou-se em 1943 e no ano seguinte publica sua primeira obra: Perto do Coração Selvagem. Causou perplexidade no mundo literário por seu modo ‘diferente’ de escrever. Viveu fora do Brasil, acompanhando seu marido diplomata, por 15 anos. Ao se separar e de volta ao Brasil, estabeleceu-se, em definitivo, no Rio de Janeiro. Em novembro de 1977 soube que sofria de câncer generalizado. No mês seguinte, na véspera de seu aniversário morria em plena atividade literária e gozando o prestígio de ser uma das mais importantes vozes da literatura brasileira. Principais romances: O Lustre (1946), A Cidade Sitiada (1949), A Maçã no Escuro (1961), A Paixão segundo G.H. (1964), A Hora da Estrela (1977). Contos e Crônicas: Laços de Família (1960), A Imitação da Rosa (1973), A Via Crucis do Corpo (1974), A Bela e a Fera (1974).

⁵ ANIVERSÁRIO. Têssera Companhia de Dança da UFPR. Teatro da Reitoria. Curitiba: temporada de 27 a 30 de novembro de 2002. 1 programa: color, p. 4.

⁶ Repetição e Fragmentação são dois dos princípios explorados e manipulados por Pina Bausch – uma das precursoras do Tanztheater. “Quando um gesto é feito pela primeira vez no palco, ele pode ser (mal) interpretado como uma expressão espontânea. Mas quando o mesmo gesto é repetido várias vezes, ele é claramente exposto como um elemento estético. Nas primeiras repetições, o gesto gradualmente mostra-se dissociado de uma fonte emocional espontânea. Eventualmente, as exaustivas repetições e fragmentações destes gestos, provocam sentimentos e experiências diferenciadas nos bailarinos e na plateia.” (ref: FERNANDES, Ciane. Pina Bausch e o Wuppertal dança-teatro: repetições e transformações. São Paulo: Hucitec, 2000, p. 23)

⁷ ANIVERSÁRIO. Têssera Companhia de Dança da UFPR. Teatro da Reitoria. Curitiba: temporada de 27 a 30 de novembro de 2002. 1 programa: color, p. 3.

⁸ GONÇALVES, Maria Fernanda. Têssera companhia de dança em dupla comemoração: peça marca os 20 anos do grupo e os 90 da UFPR. Gazeta do Povo – Cultura G. Curitiba, edição de quarta-feira, 27 de novembro de 2002, p. 3-4.

⁹ 13º FESTIVAL de dança de Cascavel. Centro Cultural Gilberto Mayer. Cascavel: de 28 de junho a 7 de julho de 2002. 1 programa: color, p. 1.



- ¹⁰ O Conexão Sul – versão Paraná – dá prosseguimento ao evento realizado em Porto Alegre, em maio de 2002, idealizado pelos artistas Cibele Sastre, Marco Fillipin e Tatiana da Rosa e tem por objetivo ser uma reflexão sobre a dança contemporânea na região sul do país. A realização desse encontro, através de intercâmbio de informações, é estimular e divulgar a pesquisa e a produção em dança contemporânea. Ref: CONEXÃO SUL: versão Paraná. Encontro de artistas contemporâneos de dança da região sul. Teatro José Maria Santos – Curitiba: 01, 02 e 03 de outubro de 2002. 1 programa: color.
- ¹¹ ZATTAR, Fernanda. Tésseira prepara versão de obra de Shakespeare. Comunicação – Jornal laboratório do Curso de Jornalismo da UFPR. Curitiba, maio de 2003, nº 4, p. 8.
- ¹² MESSAGI JUNIOR, Mário. Civilização de mais; civilização de menos. Tésseira apresenta fragmentos de outras coreografias e explora os limites da dança contemporânea. Caranguejo – Jornal do 14º Festival de Inverno da UFPR. Antonina, Ano VII, nº 7, edição de 17 de julho de 2004, p. 9.
- ¹³ WOSNIAK, Cristiane. Os fragmentos da alma contemporânea: Tésseira Companhia de Dança - um estudo de caso. Jornal Quixote. Curitiba, edição nº 16, julho de 2004, p. 11.
- ¹⁴ O Circuito Cultural Banco do Brasil – tem por objetivo estimular a expressão mais autêntica do brasileiro e divulgar e promover intercâmbio entre as manifestações culturais nas diversas regiões do país. Trata-se de um projeto itinerante com espaço para apresentações locais de artistas e entidades que representam a cultura no Brasil: músicos, artesãos, cantores, atores, bailarinos, coreógrafos. Os valores e doações arrecadados nas apresentações são revertidos para os Programas Fome Zero e Quero Ler do Governo Federal.
- ¹⁵ SUBWAY. Tésseira Companhia de Dança da UFPR. Teatro da Reitoria: Curitiba, temporada de 25 a 27 de novembro de 2005. 1 programa: color., p. 2.
- ¹⁶ DIABLIPOSA. Tésseira Companhia de Dança da UFPR. Teatro da Reitoria: Curitiba, temporada de 21 a 25 de junho de 2006. 1 programa: color., p. 1.
- ¹⁷ ENCARTES. Tésseira Companhia de Dança da UFPR. Teatro da Reitoria e Teuni. Curitiba: 22 a 26 de novembro de 2006. 1 cartaz/programa: color., p. 3.
- ¹⁸ ídem.
- ¹⁹ HUMANIDADE em movimento. Curitiba Apresenta: guia cultural oficial da Cidade. Fundação Cultural de Curitiba: edição de novembro de 2007 – sessão Dança, p. 21-22.
- ²⁰ ROSAS. Tésseira Companhia de Dança da UFPR. Teatro da Reitoria. Curitiba: 18 a 22 de junho de 2008. 1 programa: color., p. 2.
- ²¹ Zaki Akel Sobrinho – reitor da UFPR na gestão 2008-2012. É graduado em Administração pela UFPR (1979). Tem Mestrado em Administração pela UFPR (1983) e Doutorado pela USP (2000). Atua como professor na instituição, desde 1984. Já exerceu, dentre outros cargos, o de pró-reitor de Planejamento e diretor do Setor de Ciências Sociais Aplicadas.
- ²² MURAKAMI, Lais. Arte nos campi democratiza criação cultural. Notícias da UFPR: Cultura e Extensão-espetáculos. Curitiba: ano 8, nº 46, edição de dezembro de 2009, p. 19.
- ²³ DIACRONIA. Tésseira Companhia de Dança da UFPR. Teatro Experimental da UFPR. Curitiba: 23 a 27 de junho de 2010. 1 programa: color., p. 2.



SOBRE A PERMANÊNCIA NO ESPAÇO-TEMPO: 30 ANOS

ESTRUTURA ATUAL E PROCESSOS DE CRIAÇÃO INTERDISCIPLINAR

Ao longo de sua trajetória de 30 anos, a Têssera Companhia de Dança da UFPR, e conseqüentemente, seus dirigentes, tiveram que refletir e atualizar seus parâmetros e modos de operação em dança, tendo em vista alguns fatores, tais como a reciclagem e oxigenação constante do elenco e os diversos direcionamentos da equipe gestora da instituição.

Entretanto, o discurso artístico produzido neste período tem encontrado ressonâncias contínuas, sem a interferência ou contradições advindas de fatores externos à organização de uma forma de pensar e produzir dança a partir de uma identidade clara: dança moderna-contemporânea.

Esta percepção de continuidade e aprimoramento dos modos de produzir dança, dentro de uma instituição pública, parece refletir algumas considerações:

O que fica claro é que, em instituições públicas, as mudanças políticas, que afetam vivamente os caminhos a seguir, não podem dispensar o entendimento das características do lugar onde se pretendem mudanças, pois são os elementos humanos envolvidos que, em última instância, viabilizarão, ou não, as decisões tomadas a partir de seus lugares, efêmeros no caso dos novos gestores [reitores, pró-reitores e coordenadores] e mais duradouros nos funcionários de carreira [diretores e coreógrafos]. Um diálogo contínuo entre estas instâncias, ainda é uma possibilidade interessante.¹

As dificuldades encontradas na manutenção do grupo, no início dos anos 1980, hoje são sanadas por meio da bolsa-cultura², remuneração mensal que os integrantes dos grupos artísticos da UFPR têm acesso, desde a implantação deste Programa, na instituição.

Em 2011, a Têssera Companhia de Dança conta com vinte e um bolsistas-cultura, aprovados na audição no início do ano e cinco estagiários, não remunerados, desenvolvendo, diariamente, suas atividades, divididas entre aulas de preparação técnica, ensaios para manutenção de repertório, ensaios para a criação de novas coreografias e laboratórios de improvisação e composição coreográfica, quando a obra requer a participação do elenco na criação e proposição de movimentos, gestos e concepção de personagens a partir de uma ideia específica, sob a orientação dos diretores e coreógrafos.

A produção de um espetáculo engloba parcerias com diversos departamentos da UFPR: o material gráfico é produzido na UNIGRAF – Unidade de Apoio Gráfico da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, sob a ‘encomenda’ dos diretores, que fazem a proposição da ideia ou linguagem do espetáculo. A partir de diálogos entre o(s) fotógrafo(s), a direção e o designer gráfico, Wilson Voitena, nasce a imagem do material. Este, posteriormente, é confeccionado na Imprensa da própria instituição.

A seguir, ocorre a cada início do ano, a aprovação do orçamento previsto para a realização do(s) espetáculo(s). Diretores e coreógrafos envolvidos ajustam suas criações de acordo com a previsão orçamentária da Unidade ou Coordenadoria de Cultura. Esporadicamente, após a aprovação de um determinado projeto, por Edital, por exemplo, ocorre a injeção de verbas adicionais, por patrocínios, conforme foi descrito em capítulos anteriores. Mas, de uma forma geral, os espetáculos dependem da verba reservada para o fundo de produção dos espetáculos dos Grupos Artísticos da instituição ou advindos de parcerias e projetos mantidos entre a universidade e a Fundação da UFPR (FUNPAR).

A pauta de temporada de apresentações nos teatros mantidos pela UFPR é aberta, no início de cada ano, prioritariamente, para





os grupos artísticos, e, assim sendo, é muito gratificante atuar numa sede própria e não ter que disputar vagas em teatros particulares ou vinculados a outras entidades públicas. O espaço de atuação e mostra da produção artística da instituição é sempre preservado.

A etapa da criação de figurinos e sua posterior confecção dependem da elaboração do roteiro coreográfico. Geralmente os diretores e coreógrafos acompanham esta fase de perto, visto que a companhia conta com uma equipe de costureiras vinculadas ao Teatro da Reitoria da UFPR e que são responsáveis pela confecção de 80% da produção de figurinos das obras coreográficas. O percentual restante é terceirizado, quando a demanda dos trajes assim o requer e o patrocínio é adequado e cobre esta despesa extra. Vários e renomados figurinistas já participaram na criação de peças importantes na definição estética das obras da companhia. Destacam-se: Ana Denise Beck, Cristine Conde, Helena Sardemberg, Wilson Voitena e Rosângela de Lara.

Esta última, ex-bailarina do grupo, nos anos 1990, declara o seguinte:

Como figurinista da Companhia sinto-me gratificada a cada trabalho, pelo desafio constante a que sou submetida. Trabalhando com uma ideia inicial, a proposta coreográfica, procuro abstrair um figurino que tenha o efeito plástico necessário, que reflita a concepção estética do coreógrafo e que permita aos bailarinos, em cena, a fluidez necessária aos movimentos. Tenho sempre em mente, que os tecidos e adereços utilizados em meus esboços, não devem interferir demais na qualidade de movimento dos intérpretes: o figurino deve estar ali para clarificar o tema, para iluminá-lo e nunca obstruir ou impedir a sua execução. De posse do conceito fundamental, o trabalho flui então, naturalmente; as fases sucedem-se em esboços, medidas, escolha de tecidos, cores, provas, confecção, provas e mais provas e o resultado final é sempre mágico, quando se consegue a unidade: a integração do figurino ao movimento, como se a existência de um fosse impossível sem o outro e vice-versa. Este é o meu desafio... (Rosângela de Lara).³

A cenografia é elaborada por pessoal ligado à UFPR, sob o comando do cenotécnico Percival dos Reis. Os diretores propõem, algumas vezes, estruturas cênicas que são viabilizadas pelos funcionários do Setor de marcenaria do Teatro da Reitoria e, por vezes, ligados a outros departamentos, como foi o caso da obra Aniversário, cujo projeto foi formulado pelo arquiteto Paulo Chiesa, ou Tolerância Zero, cuja cenografia foi criada pela arquiteta Simone Pontes.

A iluminação, há mais de dez anos, é estruturada e operacionalizada por Luis Carlos Tschannerl, que passou a desenvolver um trabalho diferenciado de luz, cores e aparatos técnicos específicos, para a linguagem da dança.

E na pesquisa, criação, tratamento e operação das paisagens sonoras que acompanham a linguagem da dança produzida pela Têssera Companhia de Dança, a figura-chave é César Sarti. Cabe citar suas palavras, descritas no programa do espetáculo O Senhor da Noite, acerca de seu processo de criação junto ao grupo:

O Pacheco faz um esboço, fala do cenário, do figurino e a primeira ideia do suporte sonoro já está formada. Numa verdadeira oficina, num trabalho de paciência, pesquisa-se, molda-se e, aos poucos, definem-se os detalhes. No decorrer do decompor para compor, acontecem novas descobertas, novas possibilidades e novas relações, sem, entretanto, alterar a substância do projeto inicial. Nesta fase há o divertimento e também o suor. Há tempestade no ar e uma grande tensão por ter que transformar o material alheio e proliferá-lo com procedimentos que resultem em algum sentido ético, além do poético à profusão de alusões que habitam a música e, no caso, também a dança. A esta altura o Pacheco já está pedindo socorro... Mas o impulso incontrolado de criar, da rebeldia do 'manipulador de sons' percorre o caminho do inconsciente e não pode ser apressado. O Pacheco se desespera... Finalmente, chega-se a um produto final e a música emoldura o movimento na geografia do espaço e do espírito, buscando algum sentido que estabeleça, a cada passo, a cada gesto, a força da vida (César Sarti).⁴



O material de divulgação é selecionado e encaminhado à mídia, pela Assessoria de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná, que conta ainda, com o apoio da TV UFPR e sobretudo do programa Caldo de Cultura, que tem sido um incansável promotor e divulgador do trabalho artístico desenvolvido na Coordenadoria de Cultura da instituição.

Nos últimos anos, tem sido vital a parceria com a Fundação da UFPR, na questão da viabilização de projetos artísticos e educativos – via Curso de Dança Moderna (CDM), não só na produção de espetáculos da Unidade de Dança Moderna, mas também na manutenção da equipe técnica e pedagógica ligada ao curso extensionista.

A Têssera Companhia de Dança da UFPR, assim como os demais grupos artísticos, mantidos pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, não possuem qualquer receita advinda da venda de ingressos para seus espetáculos. Todos os eventos produzidos pelos grupos artísticos, em Curitiba ou em turnês para circulação de espetáculos, são ofertados à comunidade (plateia) em geral de forma gratuita.

Trata-se da política cultural de uma instituição pública.



DA CRIAÇÃO E SELEÇÃO DE REPERTÓRIO

A escolha de coreógrafos e de obras que serão montadas ou remontadas sempre partiu da direção do grupo, desde sua criação. A partir do momento que esta tarefa foi partilhada entre os dois coreógrafos residentes, as criações acabaram por centralizar referências personalizadas.

Se num primeiro momento, a companhia estava aberta à interferência de estéticas variadas propostas por coreógrafos convidados (anos 1980), este panorama se modificou no final dos anos 1990, quando os diretores coreógrafos decidem se alternar nas propostas de concepção coreográfica para o grupo. Motivações? A criação e a manutenção de uma identidade que, embora móvel, ainda assim, apresenta uma ressonância personalizada advinda do credo de que é possível, sim, preservar uma maneira própria de pensar e fazer dança: dança moderna-contemporânea, com valores adquiridos com a experiência de 30 anos de produção artística ininterrupta.

O planejamento anual é discutido incansavelmente e o processo de criação acaba sendo condicionado pelo ambiente, ou seja, depende-se, em grande parte, da disponibilidade de verbas, para se programar quais obras serão priorizadas em determinado momento. Quais obras relevantes deverão ser remontadas? Quais as possibilidades (qualitativas e numéricas) do elenco, sempre renovado e cíclico? Quais são os espaços disponíveis para a apresentação desta ou daquela obra de repertório? Estas e outras questões entram na pauta de todo o planejamento anual, antes de qualquer início de processo criativo.

As montagens diferenciadas acabam por gerar um ambiente de proposição e acontecimento único, dentro da companhia. Os bailarinos acabam por responder igualmente aos estímulos, modos, ferramentas e procedimentos distintos dos coreógrafos residentes em suas empreitadas criativas. Partindo-se de uma ideia musical, conceitual, uma frase, um conto, uma abordagem teatral, um movimento célula, ou qualquer outro referencial, a obra tem início com a apresentação e discussão do tema entre coreógrafos e elenco. A partir deste encontro, nasce a ‘colaboração direcionada’, ou seja, mesmo se convidado a participar ou propor algum movimento, sequência ou interpretação de um personagem, o olhar atento do coreógrafo ou diretor de personagem é quem faz a seleção, o recorte e a montagem final da dramaturgia ou da cena.

Esta clara opção pela ‘assinatura’ da coreografia é uma das características da Têssera Companhia de Dança da UFPR que, em diferentes momentos, propõe obras narrativas, densas e dramáticas, como se referem aos pressupostos de uma pesquisa em dança a partir de uma estética modernista. Em outros momentos, entretanto, qualquer narrativa é abandonada, sem ligações lineares entre as partes do todo, obras irreverentes, non sense, bem-humoradas, abstratas, líricas, dançantes ou fragmentárias, investindo, por vezes, na linguagem teatral em proporções até maiores que a dança. Traduções intersemióticas estão regularmente presentes na produção artística da companhia, sempre que uma adaptação literária é a opção do momento: Clarice Lispector, Helena Kolody, Bertolt Brecht, Antonin Artaud, Nelson Rodrigues, Marguerite Duras, entre outros autores, fornecem constantemente, material verbal intenso para a reconstrução e releitura de algumas de suas obras por meio de recortes coreográficos.

Durante a concepção do espetáculo, onde são definidos o elenco e o papel de cada intérprete na ação, o coreógrafo atuante conta com a presença do ‘assistente de coreografia’. Esta função, embora exercida, ao longo dos anos, de forma alternada, pelos próprios diretores-coreógrafos, garante o ‘olhar distanciado’ no momento da correção, da lapidação, da manutenção da essência do trabalho, no





caso de remontagens.

Cabe salientar que este papel, atualmente está sendo exercido pela bailarina-coreógrafa, Juliana Virtuoso, que ingressou no quadro de funcionários da UFPR e em específico, à Têssera Companhia de Dança da UFPR, em 2009. Neste sentido, vale ressaltar a definição de assistente de ensaio:

Assistente de ensaio é um profissional da dança que está presente junto ao(s) coreógrafo(s) quando da sua criação artística, é aquele olhar atento a tudo e a todos. É quem conduz o dia-a-dia de trabalho com cada bailarino de uma companhia. É quem injeta ânimo e estímulo, quem instiga e provoca, quem aponta falhas e defeitos, mas também motiva, elogia quando há acertos e dá confiança. É quem insiste e não desiste de conseguir de cada bailarino um pouco mais a cada dia. É quem deve colocar a obra pronta no palco. É o elo entre o diretor, o coreógrafo e o bailarino.⁵







As expectativas de um trabalho sempre inovador e instigante se sucedem a cada ano, gerando não apenas a 'tensão criativa' entre criadores e intérpretes, mas a colaboração e a entrega ao processo de dar vida ao que antes era apenas uma possibilidade. O risco permanente que envolve todo o ato criativo é que gera a energia da qual se alimenta a Têssera Companhia de Dança da UFPR em seus 30 anos de existência.

Deve-se acrescentar a esta trajetória, a imensa produção artística exclusiva dos diretores coreógrafos, que, juntos, produziram para a Têssera Companhia de Dança da UFPR, 85 obras coreográficas.

A ROTINA DE TRABALHO: MANUTENÇÃO E APRIMORAMENTO

O trabalho corporal sistematizado gera transformações qualitativas no trabalho de criação e interpretação dos bailarinos. O trabalho técnico diário da Têssera Companhia de Dança da UFPR desenvolve, aprimora e aprofunda em cada bailarino, a depender de seu nível de conhecimento e treinamento anterior, os seus recursos de expressão, a sua prontidão e atenção aos estímulos coreográficos (corpo inteligente e responsivo) e intensifica sua presença cênica (marca registrada da Companhia), com a proposição de exercícios de interpretação teatral.

Por meio de uma seleção de exercícios executados no solo, no centro axial e locomotor, o bailarino desenvolve a consciência e a compreensão de sua ação na cena dançante.

Os professores ministrantes das aulas técnicas se revezam semanalmente, de acordo com os processos coreográficos: se algumas habilidades motoras necessitam ser intensificadas em determinado período (quedas, saltos, giros, etc.), por conta da demanda de movimentos necessários ao vocabulário coreográfico em questão, então, o planejamento das aulas é alterado, seguindo esta variação momentaneamente necessária. Os próprios diretores-coreógrafos se revezam nesta função, garantindo a eficiência e a inclusão de material suficiente na construção – e repetição de exercícios – para a manutenção de um corpo ágil e criativo.

A compreensão de conceitos corpóreos amplifica as possibilidades de movimento, mantendo rápida resposta motora, entretanto, em diferentes estágios da aula, alguns códigos são determinados e é preciso dominar algumas habilidades, desenvolvendo um padrão – construção de conceitos, tônus muscular e habilidades motoras básicas – para que se possa, posteriormente, (des)construir tais aparatos corporais, nos processos de (re)criação e (re)combinação de vocabulário de movimento.







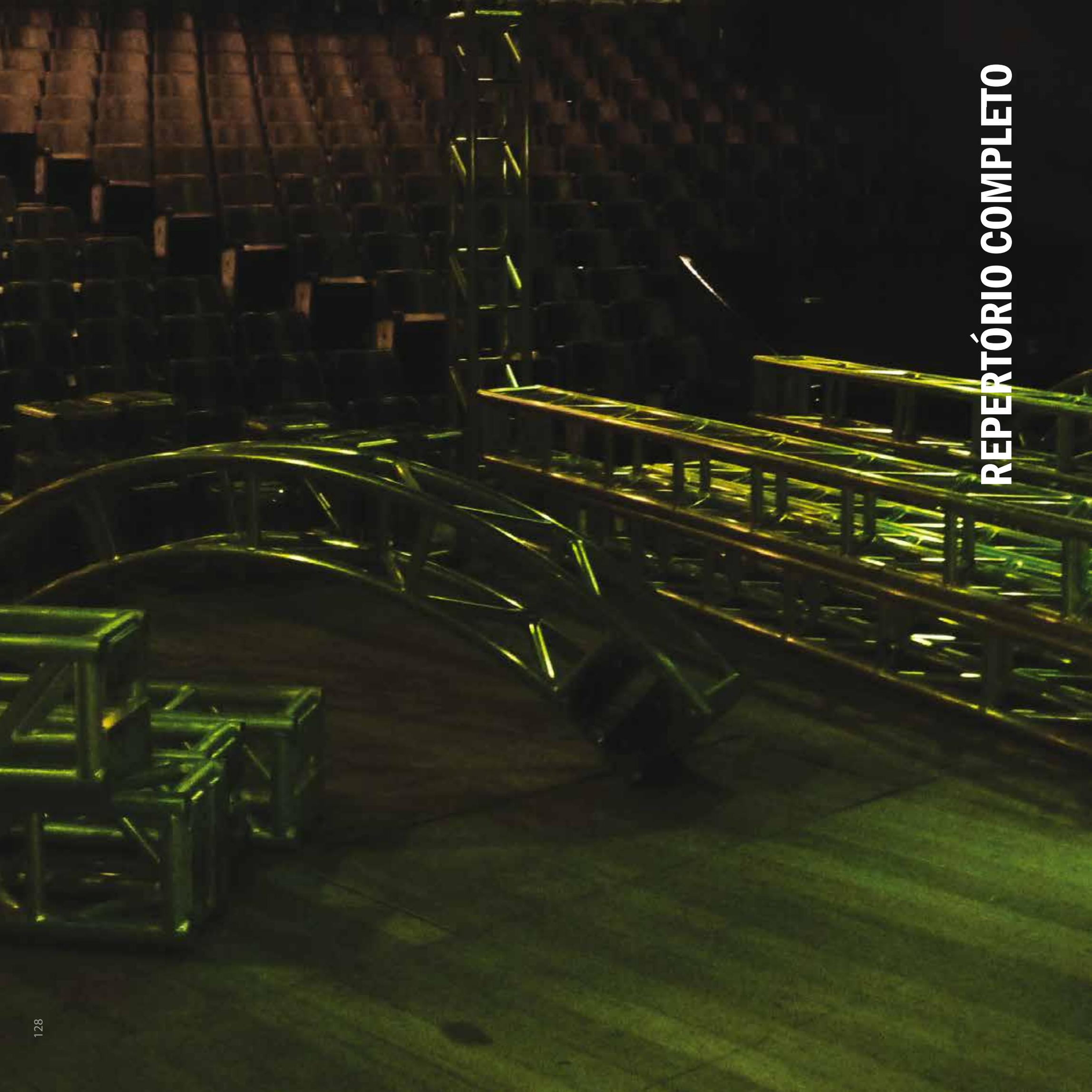
As aulas são sucedidas por ensaios de obras do repertório da companhia, com a finalidade de manutenção, ou experimentos fundamentados nas propostas coreográficas do período.

A pauta do trabalho diário inclui ainda, em determinadas ocasiões, o estudo de registros videográficos, com trabalhos da companhia. Nestes momentos, os integrantes observam a estética proposta na cena e a assistente de ensaio ou 'remontadora' da obra faz suas observações, designa quem deve aprender qual papel e a partir daí, uma grade de trabalho individualizada e coletiva é montada para a apreensão do material coreográfico de repertório. Horários diferenciados são anotados e os espaços são reservados para estes encontros que podem acontecer antes ou após os ensaios do cronograma semanal previsto.

A mobilidade de elenco é vista como saudável na Têssera Companhia de Dança da UFPR e reflete no dinamismo e na oxigenação do grupo. Entretanto, embora o vigor técnico dos 'novatos' inspire uma maior intensidade na execução de exercícios vigorosos, isto nem sempre se reflete na maturidade artística e na compreensão das ideias propostas por obras mais densas e que demandam, ou talvez exijam, uma faixa etária mais específica, mais madura. O conjunto, neste momento, necessita de adaptações na linguagem, e torna-se necessária a 'equalização da cena', para que não haja desnivelamento entre os integrantes. Além dos recursos fornecidos nas aulas, ensaios e assistência ao material audiovisual, é vital o embasamento teórico constante do elenco. As aulas teóricas formais do Curso de Dança Moderna da UFPR são abertas aos integrantes da companhia, no período da tarde, onde os fundamentos das disciplinas: Teorias do Movimento, História da Dança e Estética e História da Arte Moderna podem fornecer meios para uma assimilação mais consciente dos princípios que regem a arte da dança.

O acervo da própria companhia pode fornecer subsídios para o estudo individualizado de cada integrante acerca dos princípios da dança moderna, contemporânea, história da dança, histórico da companhia, elementos de teatro, etc. O acervo contém material teórico (biblioteca especializada), fotográfico (catálogos mapeados) e videográfico (em fase de digitalização).

Os estagiários, supervisionados pelos diretores, são aconselhados a participar das atividades desenvolvidas no CDM e estimulados a estudar os conceitos teóricos (acerca da dança e do teatro) desenvolvidos na companhia.



REPERTÓRIO COMPLETO

2011

Valsa Nº 30 - coreografia: Cristiane Wosniak
Só em Acapulco - coreografia: Rafael Pacheco

2010

Arthur - coreografia: Rafael Pacheco
Across - coreografia: Rafael Pacheco
VaptVupt (dueto) - coreografia: Cristiane Wosniak
Uno (solo) - coreografia: Cristiane Wosniak
Diacronia (espetáculo) - coreografias: Rafael Pacheco e Cristiane Wosniak

2009

Tempo (espetáculo) - coreografias: Rafael Pacheco e Cristiane Wosniak

2008

Rosas - coreografia: Cristiane Wosniak
Silêncio - coreografia: Rafael Pacheco

2007

O Anjo Negro - coreografia: Rafael Pacheco

2006

Encartes - coreografia: Cristiane Wosniak
Diabliposa - coreografia: Rafael Pacheco

2005

Pessoas Marcadas 2 - coreografia: Rafael Pacheco
Sapus Sapiens - coreografia: Cristiane Wosniak
Estudo Paraqueda (dueto) - coreografia: Cristiane Wosniak
Sobre Uma Menina Exemplar - coreografia: Cristiane Wosniak
Subway - coreografia: Rafael Pacheco

2004

Das Gericht (O Julgamento) - coreografia: Cristiane Wosniak
Plusz (quarteto) - coreografia: Cristiane Wosniak
Dialogue (dueto) - coreografia: Cristiane Wosniak
Fragmentos da Alma - coreografia: Rafael Pacheco

2003

Circulumm - coreógrafa: Cristiane Wosniak

2002

Aniversário - coreografia: Cristiane Wosniak
Transgressão do Medo - Coreografia: Rafael Pacheco

2001

Leyllas e Um Poeta - coreografia: Cristiane Wosniak
Blume (dueto) - coreografia: Cristiane Wosniak
Babel (solo) - coreografia: Cristiane Wosniak
Ein Schrei (Um Grito) - coreografia: Cristiane Wosniak
Tanzen - coreografia: Cristiane Wosniak
Salamandrina (trio) - coreografia: Cristiane Wosniak
Estruturas - coreografia: Rafael Pacheco

2000

Fragmento Zero - coreografia: Rafael Pacheco
Tolerância Zero - coreografia: Rafael Pacheco

1999

Doberman - coreografia: Rafael Pacheco

1998

Nós (dueto) - coreografia: Cristiane Wosniak
Blasfemate (solo) - coreografia: Cristiane Wosniak
Corpo de Delito - coreografia: Cristiane Wosniak
A Vaca - coreografia: Rafael Pacheco

1997

Oscilação - coreografia: Cristiane Wosniak
O Senhor da Noite - coreografia: Rafael Pacheco

1996

A Aparição do Whaithi - coreografia: Rafael Pacheco
Viajem - coreografia: Rafael Pacheco
Cruel Inocência - coreografia: Rafael Pacheco
Divisão dos Sentidos - coreografia: Rafael Pacheco
Tem Ar Dentro (dueto) - coreografia: Andréa Sério
Leyllas e Um Poeta - coreografia: Cristiane Wosniak

1995

Fitnnas - coreografia: Rafael Pacheco
The Wall - coreografia: Rafael Pacheco
Zumbi Odara (opereta afro-brasileira) - coreografia: Rafael Pacheco

1994

O Anjo - coreografia: Rafael Pacheco
Divisão dos Sentidos - coreografia: Rafael Pacheco
Elementos - coreografia: Rafael Pacheco

1993

Pessoas Marcadas - coreografia: Rafael Pacheco
Yfé Bogbô Ayê (opereta afro-brasileira) - coreografia: Rafael Pacheco

1992

Omen 666 - coreografia: Rafael Pacheco
O Conductor (obra completa) - coreografia: Rafael Pacheco

1991

Viajem (obra completa) - coreografia: Rafael Pacheco
Beauborg (dueto) - coreografia: Catharina Coimbra
Paris et Helena (pas de deux) - coreografia: Carla Reinecke
Cidade Aberta - coreografia: Rafael Pacheco
Tempo Solo (solo) - coreografia: Fabiana Ferreira
Dez Para as Oito - coreografia: Rafael Pacheco
Final - coreografia: Rafael Pacheco

1990

Nada - coreografia: Andréa Sério

O Condutor (versão sintética) - coreografia: Rafael Pacheco

Eu Paciente... Porém Terminal - coreografia: Rafael Pacheco

1989

Viajem (versão sintética) - coreografia: Rafael Pacheco

A Aparição do Waithi (versão sintética) - coreografia: Rafael Pacheco

A Rainha da Noite - coreografia: Rafael Pacheco

Polifonia - coreografia: Rafael Pacheco

1988

Ex-Posição - coreografia: Josélia Schwanka

Clap Hands - coreografia: Heloisa Mello

Anima (dueto) - coreografia: Eva Shul

Registrato (dueto) - coreografia: Rafael Pacheco

Suicídio - coreografia: Rafael Pacheco

Transparência (solo) - coreografia: Rafael Pacheco

Cruel Inocência - coreografia: Rafael Pacheco

1987

Metrópolis - coreografia: Carlos Cortizzo

Ária (dueto) - coreografia: Eva Schul

Limites Urbanos - coreografia: Carlos Cortizzo

Outono (solo) - coreografia: Rafael Pacheco

Vetores - coreografia: Cristiane Wosniak e Ana Denise Beck

Motion - coreografia: Josélia Schwanka

Variações - coreografia: Rafael Pacheco

Imagens - coreografia: Rafael Pacheco

1986

Noite 31 - coreografia: Márcia Squiba e Mauricio Kenedi Vogue

Vigília Para Um Senhor Morto (trio) - coreografia: Luis Fernando Sayão

Segredos - coreografia: Paulo Buarque

Lamentos - coreografia: Rafael Pacheco

Celacanto (solo) - coreografia: Rafael Pacheco

Cidade - coreografia: Rafael Pacheco

Cosmic Blues (solo) - coreografia: Luis Fernando Sayão

Hall of Mirrors - coreografia: Eva Shull

Allegro - coreografia: Eva Shull

1985

High Society - coreografia: Rafael Pacheco

Nascido Nunca Perguntado - coreografia: Rafael Pacheco

Momento (solo) - coreografia: Eva Schul

Farsa Espanhola (peça teatral) - coreografia: Rafael Pacheco

1984

Ponto Quatro - coreografia: Rafael Pacheco

Aquarela do Brasil - coreografia: Vera Domakoski

For Once In My Life - coreografia: Vera Domakoski

Jazz Hot - coreografia: Vera Domakoski

Moanin - coreografia: Vera Domakoski

1983

Flashdance - coreografia: Vera Domakoski

Fly - coreografia: Rafael Pacheco

Alley Cat - coreografia: Vera Domakoski

Big Bucks - coreografia: Vera Domakoski

1982

Exaltação ao Cangaço - coreografia: Vera Domakoski e Rafael Pacheco

Temas de Mar - coreografia: Vera Domakoski e Rafael Pacheco

A Era dos Cabarés - coreografia: Vera Domakoski









Notas:

¹ MENCARELLI, F.A., ALVARENGA, A.L., et al. (orgs.). Trajetórias e movimentos: corpos artísticos do Palácio das Artes. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Fundação Clóvis Salgado, 2006, p. 89.

² O Programa de Bolsa Extensão e Bolsa Cultura da Universidade Federal do Paraná obedece a diretrizes e critérios estabelecidos pela Resolução nº 30/01 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Os integrantes, para receberem o valor da bolsa-cultura, devem ser submetidos a uma seleção (audição) anual, no início do ano letivo, aberta ao público e com critérios de aprovação estabelecidos pelos diretores dos grupos artísticos. A duração da bolsa é pelo período de oito meses, renovável a cada início de ano.

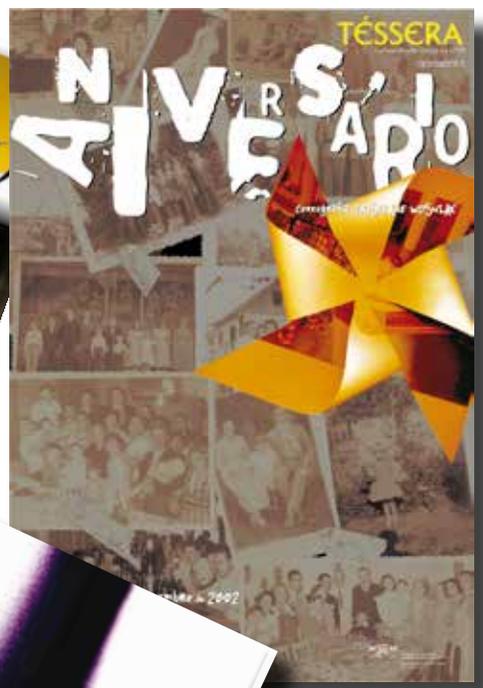
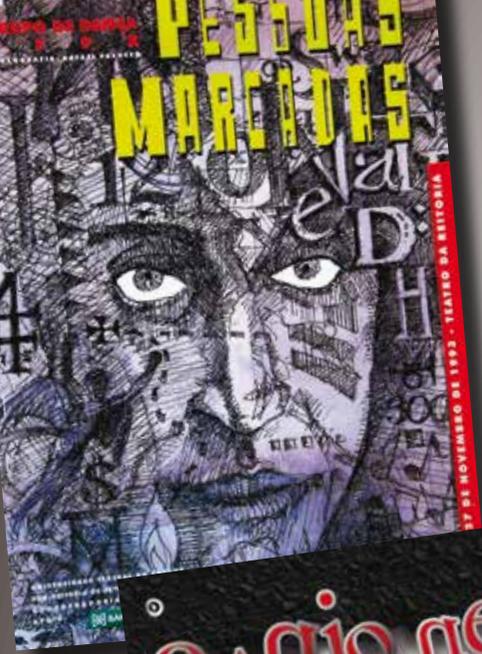
³ O SENHOR da Noite. Companhia de Dança Moderna da UFPR. Teatro da Reitoria. Curitiba: temporada de 07, 08 e 09 de agosto de 1997. 1 programa: p&b., p. 3.

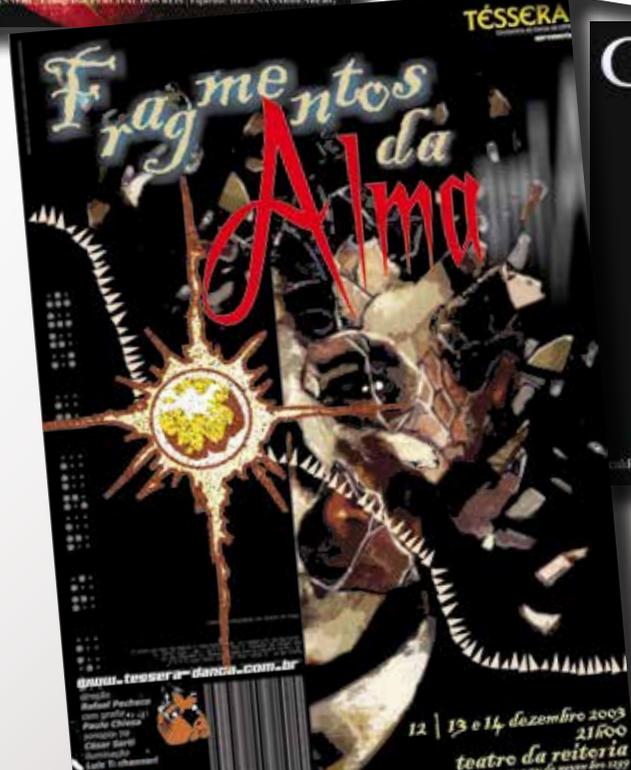
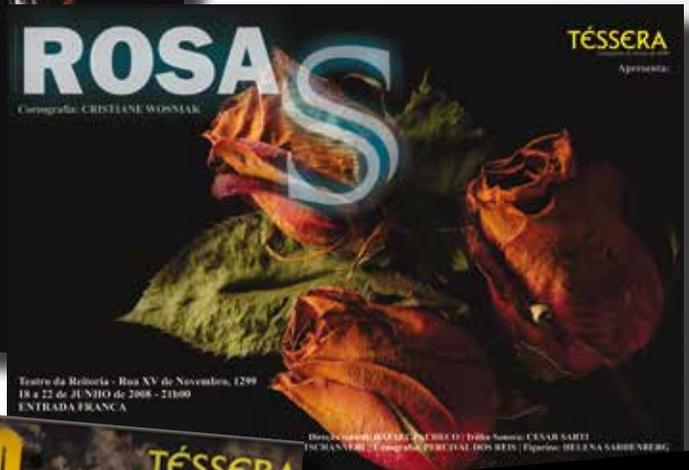
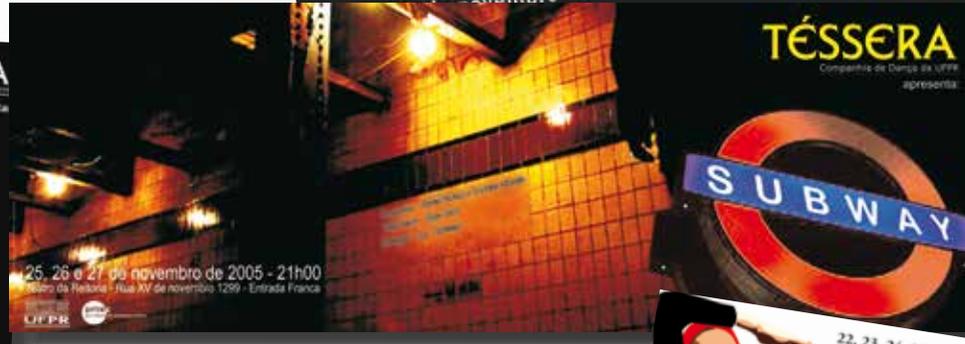
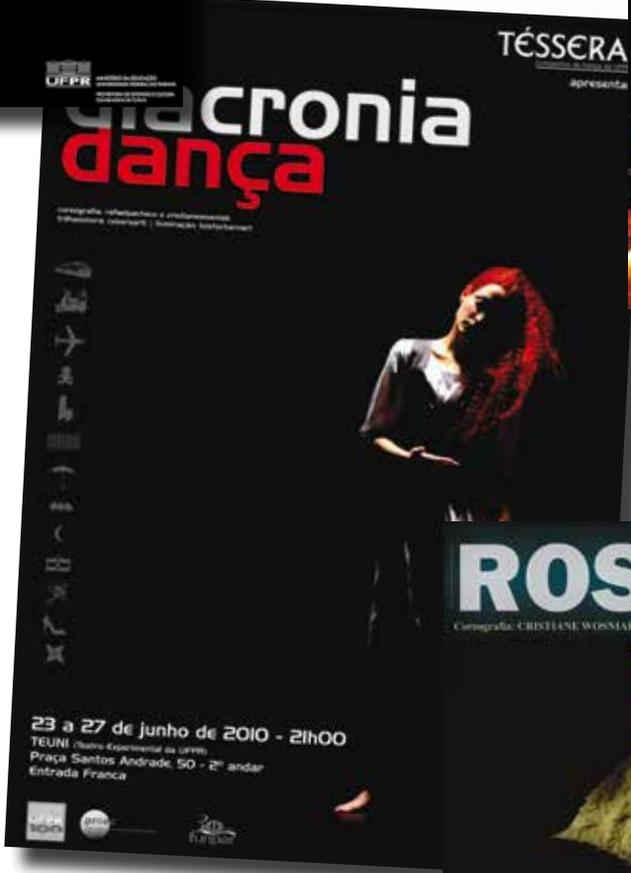
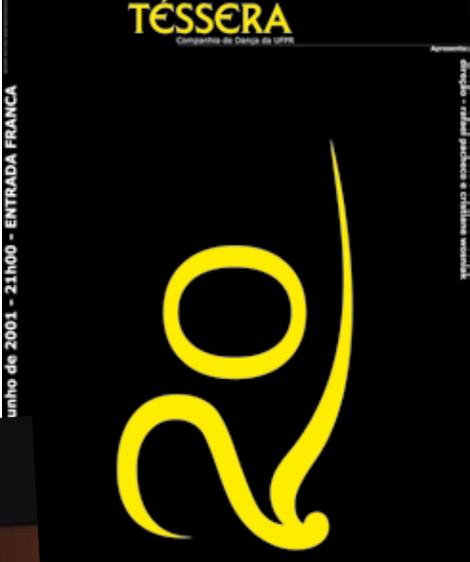
⁴ Ídem, p. 2.

⁵ MAFRA, Suzana. Assistência de coreografia: um espetáculo brilha atrás das cortinas e o público nem imagina. In: NORA, Sigrid (org.). Húmus 1. Caxias do Sul: Lorigraf, 2004, p. 81-88.

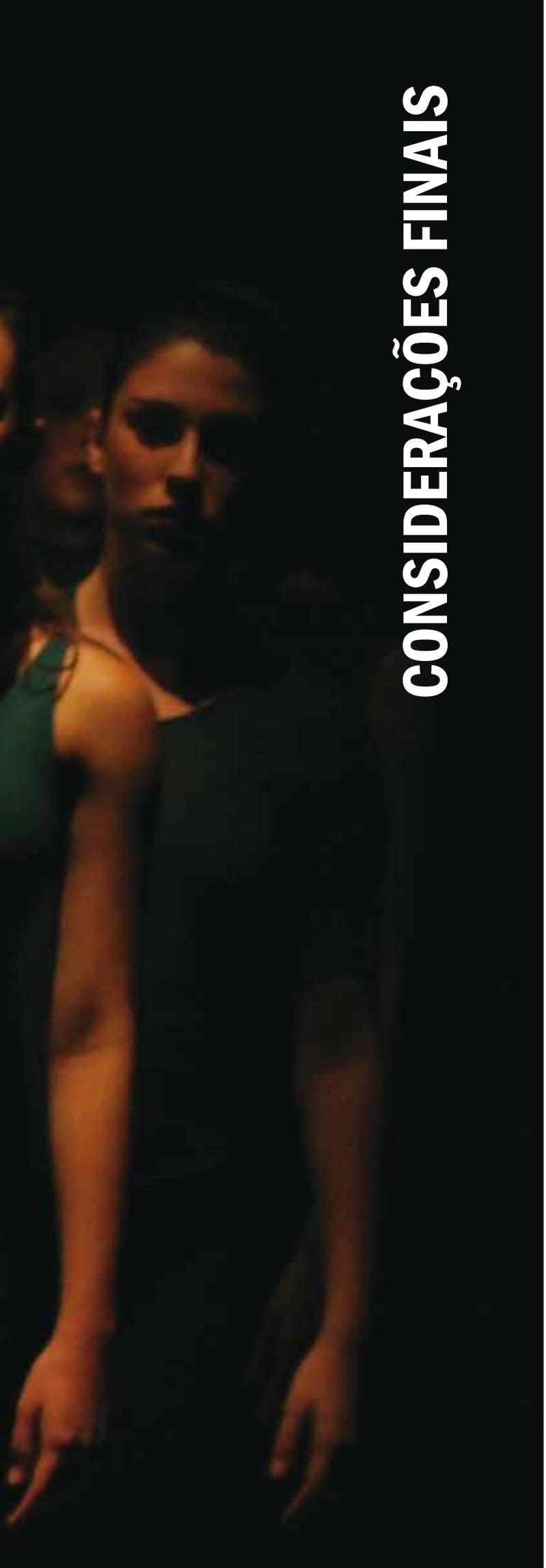












CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente publicação pretendeu discutir a trajetória artística da Têssera Companhia de Dança da Universidade Federal do Paraná em seus trinta anos de efetiva contribuição para o desenvolvimento da dança moderna-contemporânea, no Paraná, conquistando o reconhecimento por suas atividades ininterruptas na produção de conhecimento, arte, extensão e cultura a partir de uma organização institucional – a Universidade Federal do Paraná – a mais antiga universidade brasileira em funcionamento.

A história da Companhia em sua ambientação universitária se articula à história da própria instituição que lhe dá origem e de toda a sociedade curitibana em seu contexto cultural, percorrendo etapas fundamentais, desde sua criação até a concepção atual.

O resgate dos registros documentais do grupo possibilitou analisar como essa história foi sendo construída, qual sua relação com as gestões administrativas, o direcionamento estético e artístico, o material humano (elenco cíclico) disponível, o modelo de treinamento/preparação técnica(s), visibilidade e circulação da produção artística e quais foram as ações – natural e culturalmente – selecionadas, que propiciaram a preservação, com sucesso, deste organismo gerado no meio-ambiente acadêmico-institucional.

A Têssera Companhia de Dança não explica seus 30 anos por si só. Sua história se articula à instituição que lhe alberga, à ideologia de seus fundadores, aos artistas que compuseram seu elenco, aos prêmios e reconhecimento conquistados ao longo dos anos e acima de tudo às atividades de formação e criação ligadas à linguagem da dança moderna-contemporânea. Tornou-se, portanto, um núcleo propagador de ideias e propostas que atravessam e borram constantemente as fronteiras entre as linguagens artísticas, sobretudo o teatro e a dança.

Criando uma identidade poética, polêmica e contrastante, a Têssera Companhia de Dança mantém-se, ao longo de sua trajetória, fiel aos princípios de sua filosofia: os preceitos técnicos da dança moderna, articulados aos conceitos e diálogos com a dança contemporânea, especialmente no que diz respeito à liberdade de criação e à proposição de temas e ideias para a dança, a não negação das correntes estéticas anteriores, a multiplicidade de leituras geradas a partir de seus códigos e repertórios, a ampla pesquisa e experimentação de movimentos, a hibridação da dança com os elementos de teatro, os exercícios de tradução intersemiótica e a corporalidade ou presença cênica – energia orgânica – que se tornou a ‘marca registrada’ da companhia.

Jornais

ARTE e cultura. Jornal da UFPR. Curitiba, edição de setembro de 1987, p. 5.

ARTE paranaense viaja para o exterior. A Folha da Imprensa. Curitiba, edição de 1 de abril de 1996, p. 3.

BARRETO, Alessandra. Grupo de dança da UFPR, o melhor do país. Jornal do Estado. Curitiba, 28 de julho de 1988, p. 11.

BERTI, Rosane. Companhia de Dança da UFPR faz 15 anos. Jornal do Estado. Espaço 2. Curitiba, edição de quinta-feira, 27 de novembro de 1997, p. d1.

DANÇA MODERNA em cena. O Estado do Paraná. Almanaque. Curitiba, edição de 26 de novembro de 1998, p. 23.

GUAÍRA recebe acervo de fotos sobre bailarina. Gazeta do Povo – Cultura G. Curitiba: edição de quarta-feira, 10 de junho de 2009, p. 5.

BOM espetáculo, com o grupo de dança da UFPR, na reitoria. Correio de Notícias. Curitiba, 04 de novembro de 1988, p. 4.

BRAGA, Suzana. Opinião: até o ano que vem. Jornal Na Ponta dos Pés. Joinville, 21 de julho de 1989, p. 4.

BRAGATO, Marcos. A confusão com a dança contemporânea. Na Ponta dos Pés. Suplemento Revista Dançar. Joinville-SC, 24 de julho de 1987, p. 5).

CONEXÃO SUL: versão Paraná. Encontro de artistas contemporâneos de dança da região sul. Teatro José Maria Santos – Curitiba: 01, 02 e 03 de outubro de 2002. 1 programa: color.

CORPO de baile da Federal já tem as apresentações marcadas. Gazeta do Povo. Curitiba, 22 de maio de 1983, p. 11.

CORREA LEITE, Zeca. Dançando em Lyon. Folha de Londrina. Londrina, edição de 02 de abril de 1996, p. 5.

CURSO permanente de dança da ufpr recebe inscrições. Curitiba Hoje. Curitiba, edição de 19 de novembro de 1992, p. 5.

DANÇA da ufpr vai para a França. Gazeta do Povo. Curitiba, edição de 24 de março de 1996, p. 8.

DANÇA, música e exibições na festa da universidade. Gazeta do Povo. Curitiba, 16 de dezembro de 1982, p. 13.

DANÇA na reitoria. O Estado do Paraná. Curitiba, 14 de novembro de 1986, p. 8.

DANÇA contemporânea no festival de Joinville. A Notícia. Joinville-SC, 24 de julho de 1988, p. 12.

DANÇA. O Estado do Paraná. Almanaque. Curitiba, edição de quinta-feira, 26 de novembro de 1998, p. 24.

DANÇANTES laços de família. O Estado do Paraná – Almanaque. Curitiba, 29 de novembro de 2002.

DE PORTAS abertas. Correio de Notícias. Curitiba, edição de 12 de setembro de 1992, p.9.

DORÉ, Andréa e BASSO, Jonny. Nota máxima para a dança. Jornal Comunicação – sessão perfil. Curitiba, ano V, nº 3 – edição 19, p. 8.

ENCONTRO meridional de dança sul 91. Jornal da Fundação Sete de Abril. Pelotas-RS, edição de quinta-feira, 6 de junho de 1991, p. 6.

ENDA-88 reuniu mais de 4 mil bailarinos. Dança Hoje – Informativo do Instituto de Dança da Fundacen-MinC. Rio de Janeiro, edição nº 4 de dezembro de 1988, p. 2-3.

ESPETÁCULO de dança movimenta a reitoria. Gazeta do Povo. Curitiba, 26 de fevereiro de 1987, p. 4.

Estreia de cruel inocência. Jornal do Estado. Curitiba, 04 de novembro de 1988, p. 13.

FEDERAL já tem corpo de baile. O Paraná. Cascavel-PR, 19 de maio de 1983, p. 5.

FESTIVAL termina com show de arte. A Notícia. Joinville-SC, 26 de julho de 1987, p. 3.

FESTIVAL em noite de gala. Jornal Na Ponta dos Pés. Joinville, 24 de julho de 1992, edição nº 8, p.1.



GONÇALVES, Maria Fernanda. Têssera companhia de dança em dupla comemoração: peça marca os 20 anos do grupo e os 90 da UFPR. *Gazeta do Povo – Cultura G. Curitiba*, edição de quarta-feira, 27 de novembro de 2002, p. 3.

GRUPO de danças da UFPR estreará dias 24 e 25. *Diário Popular. Curitiba*, 01 de abril de 1986, p. 9.

GRUPO de danças da UFPR: estreia. *O Estado do Paraná. Curitiba*, 02 de abril de 1986, p. 7.

GRUPO de dança da ufpr comemora os dez anos. *Jornal Curitiba Hoje. Curitiba*, 27 de novembro de 1992, p. 11.

GRUPO da Federal vai dançar em Joinville. *Gazeta do Povo. Curitiba*, 11 de julho de 1987, p. 6.

GRUPO do Paraná é o grande vencedor. *Diário Catarinense. Florianópolis-SC*, 24 de julho de 1988, p. 16.

GRUPO obtém outras duas premiações. *Jornal da UFPR. Curitiba*, edição de agosto de 1988, p. 3.

GRUPO de dança da UFPR em destaque. *Gazeta do Povo. Curitiba*, 28 de julho de 1988, p. 12.

GRUPO de dança da UFPR apresenta-se em Goioerê. *Correio de Notícias. Curitiba*, 29 de junho de 1988, p. 5.

GRUPO de dança vence festival de Joinville. *Jornal do Estado – sessão Dança. Curitiba*, 29 de julho de 1989, p. 2.

GRUPO de dança da UFPR estreia nova coreografia. *Jornal do Estado. Curitiba*, 17 de setembro de 1989, p. 14.

GRUPO da UFPR estreia coreografia. *Gazeta do Povo. Curitiba*, 13 de setembro de 1989, p. 4.

GRUPO de dança da UFPR vai estreiar seu novo espetáculo. *Gazeta do Povo. Curitiba*, 16 de setembro de 1989, p. 7.

GRUPO de dança da UFPR em cartaz na reitoria. *Curitiba Hoje. Curitiba*, 17 de maio de 1991, p. 2.

GRUPO de dança – espetáculos didáticos. *Gazeta do Povo. Curitiba*, 21 de maio de 1991, p. 12.

GUAÍRA recebe acervo de fotos sobre bailarina. *Gazeta do Povo – Cultura G. Curitiba: edição de quarta-feira*, 10 de junho de 2009, p. 5.

HOJE a estreia, na reitoria, do grupo de dança da Federal. *Gazeta do Povo. Curitiba*, 14 de novembro de 1986, p. 10.

HUMANIDADE em movimento. *Curitiba Apresenta: guia cultural oficial da Cidade. Fundação Cultural de Curitiba: edição de novembro de 2007 – sessão Dança*, p. 21-22.

KLENK, Lorena Aubrift. Grupo de Dança da Federal quer profissionalização. *O Estado do Paraná. Curitiba*, 28 de julho de 1988, p. 12.

MESSAGI JUNIOR, Mário. Civilização de mais; civilização de menos. Têssera apresenta fragmentos de outras coreografias e explora os limites da dança contemporânea. *Caranguejo – Jornal do 14º Festival de Inverno da UFPR. Antonina, Ano VII, nº 7, edição de 17 de julho de 2004*, p. 9.

NOMES expressivos vão apontar os melhores. *A Notícia. Joinville-SC*, 15 de julho de 1988, p. 11.

PARANÁ brilha em festival de dança. *Gazeta do Povo. Curitiba*, 24 de julho de 1987, p. 10.

PARANÁ dança bonito. *Gazeta do Povo. Curitiba*, 09 de dezembro de 1989, p. 11.

PRECISAMOS de um teatro já. *Enfoque. Dourados-MS*, 26 de setembro de 1987, p. 2.

PORQUE eu gosto é de rosas... *Jornal Caranguejo. 18º Festival de Inverno da UFPR. Antonina: edição 07, ano X, sábado, 12 de julho de 2008*, p. 6.

SIGNOS. *Jornal do Estado. Roteiro. Curitiba*, edição de 27 de novembro de 1998, p. 04.

SURPRESAS coreográficas em A Vaca. *Gazeta Mercantil. Curitiba*, edição de 26 de novembro de 1998, p. d-7.

TEMPO, espaço e dança. *Curitiba Apresenta: guia cultural oficial da cidade: Fundação Cultural de Curitiba. Edição de junho de 2010*, p. 24-25.

TÊSSERA: 20 anos de sensibilidade, realidade e inovação. *Notícias da UFPR: informativo da universidade federal do Paraná. Ano 1, nº 3 – agosto de 2002*, p. 5-6.

TÊSSERA faz leitura de Clarice Lispector. *Jornal do Estado – Espaço 2. Curitiba*, 29 de novembro de 2002, p. 6.

TODA a cidade pode dançar com o grupo da UFPR. E deve. Jornal da UFPR. Curitiba, 01 de junho de 1984, p. 4.

TOLERÂNCIA zero. Gazeta do Paraná. Biss. Curitiba, edição de sábado, 13 de maio de 2000, p. b-1.

TRÊS coreografias novas na reitoria. Gazeta do Povo. Curitiba, 23 de março de 1983, p. 11.

UFPR vence festival de danças. O Estado do Paraná. Curitiba, 12 de setembro de 1987, p. 14.

UNIVERSIDADE Federal já tem 318 alunos no grupo de dança. Gazeta do Povo. Curitiba, 29 de setembro de 1982, p. 8.

ZATTAR, Fernanda. Têssera prepara versão de obra de Shakespeare. Comunicação – Jornal laboratório do Curso de Jornalismo da UFPR. Curitiba, maio de 2003, nº 4, p. 8.

V FESTIVAL de danças. Diário Popular. Curitiba, 12 de setembro de 1987, p. 3.

WOSNIAK, Cristiane. Os fragmentos da alma contemporânea: Têssera Companhia de Dança - um estudo de caso. Jornal Quixote. Curitiba, edição nº 16, julho de 2004, p. 11.

Programas

ANIVERSÁRIO. Têssera Companhia de Dança da UFPR. Teatro da Reitoria. Curitiba: temporada de 27 a 30 de novembro de 2002. 1 programa: color.

BRÉSIL AUTRES DANSES. 6e Rencontre Universitaire de Danse. Lyon-France. Université Lumière-Lyon 2. Du 1er au 6 avril 1996. 1 programme: p&b. p. 3.

COMPANHIA de dança moderna da ufpr. Teatro da Praça. Araucária: 27 de abril de 1996. 1 programa: color.

DIABLIPOSA. Têssera Companhia de Dança da UFPR. Teatro da Reitoria: Curitiba, temporada de 21 a 25 de junho de 2006. 1 programa: color.

DIACRONIA. Têssera Companhia de Dança da UFPR. Teatro Experimental da UFPR. Curitiba: 23 a 27 de junho de 2010. 1 programa: color.

DIVISÃO DOS SENTIDOS. Grupo de Dança da UFPR. Teatro da Reitoria. Curitiba: 24, 25 e 26 de novembro de 1994. 1 programa: p&b.

ENCARTES. Têssera Companhia de Dança da UFPR. Teatro da Reitoria e Teuni. Curitiba: 22 a 26 de novembro de 2006. 1 cartaz/programa: color.

FITNNAS. Companhia de Dança Moderna da UFPR. Teatro da Reitoria. Curitiba: 23, 2 e 25 de novembro de 1995. 1 programa: p&b.

FRAGMENTOS da alma. Têssera Companhia de Dança da UFPR. Teatro da Reitoria e Teuni. Curitiba/Temporada de 2003-04. 1 programa: color.

O ANJO. Grupo de Dança da UFPR. Teatro da Reitoria. Curitiba: 16, 17 e 18 de junho de 1994. 1 programa: p&b.

O ANJO NEGRO. Têssera Companhia de Dança da UFPR. Teatro da Reitoria. Curitiba: temporada de 21 a 25 de novembro de 2007. 1 programa: color.

O SENHOR da noite. Cia de Dança Moderna da UFPR – 15 Anos. Teatro da Reitoria. Curitiba: novembro de 1997. 1 programa: color.

_____. Companhia de Dança Moderna da UFPR. Teatro da Reitoria. Curitiba: temporada de 07, 08 e 09 de agosto de 1997. 1 programa: p&b.

ROSAS. Têssera Companhia de Dança da UFPR. Teatro da Reitoria. Curitiba: 18 a 22 de junho de 2008. 1 programa: color.

SUBWAY. Têssera Companhia de Dança da UFPR. Teatro da Reitoria: Curitiba, temporada de 25 a 27 de novembro de 2005. 1 programa: color.

TEMPO. Têssera Companhia de Dança da UFPR. Teatro da Reitoria. Curitiba: 25 a 29 de novembro de 2009. 1 programa: color.

UNIDADE de dança moderna. Teatro da Reitoria. Curitiba, 23 a 26 de junho de 1999. 1 programa: p&b, p. 3.

20. Têssera companhia de dança da ufpr. Teatro da Reitoria. Curitiba: temporada de 20 a 23 de junho de 2001. 1 programa: color.

YFÉ BOGBÔ AYÊ. Coral e Grupo de Dança da UFPR. Teatro da Reitoria. Curitiba: dezembro de 1993. 1 programa: color.

13º FESTIVAL de dança de Cascavel. Centro Cultural Gilberto Mayer. Cascavel: de 28 de junho a 7 de julho de 2002. 1 programa: color.

Revistas

EVENTOS. Revista Dançar. São Paulo-SP, ano VI, nº 23, 1988, p. 48.

FESTIVAIS nacionais. Revista Dançar. São Paulo-SP, ano VII, nº 29, 1989, p. 27.

I ENDA nacional surpreende público. Revista Dançar. Dançar Press. São Paulo-SP, edição de outubro de 1988, nº 25.

MURAKAMI, Lais. Arte nos campi democratiza criação cultural. Notícias da UFPR: Cultura e Extensão-espetáculos. Curitiba: ano 8, nº 46, edição de dezembro de 2009, p. 19.

SOREL, Luiz. Os festivais conquistam o país: um saldo positivo. Revista Dançar. São Paulo-SP, edição de outubro de 1988, nº 26, p. 23-24.

Livros, Periódicos, Teses e Dissertações

ALMEIDA, César. O teatro da rainha de 2 cabeças. Curitiba: Edição do Autor, 2003.

BARANOW, G. e SIQUEIRA D. M. (orgs.). Universidade Federal do Paraná: história e estórias – 1912-2007. Curitiba: Editora da UFPR, 2007.

FARO, Antonio José & SAMPAIO, Luiz Paulo. Dicionário de balé e dança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

FERNANDES, Ciane. Pina Bausch e o Wuppertal dança-teatro: repetições e transformações. São Paulo: Hucitec, 2000.

GEMAEL, Rosirene. Escola de dança Teatro Guaíra: um registro. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura-CCTG, 2007.

MAFRA, Suzana. Assistência de coreografia: um espetáculo brilha atrás das cortinas e o público nem imagina. In: NORA, Sigrid (org.). Húmus 1. Caxias do Sul: Lorigraf, 2004, p. 81-88.

MENCARELLI, F.A., ALVARENGA, A.L., et al. (orgs.). Trajetórias e movimentos: corpos artísticos do Palácio das Artes. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Fundação Clóvis Salgado, 2006, p. 89.

PEREIRA, Roberto. A formação do balé brasileiro: nacionalismo e estilização. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

PLAZA, Júlio. Tradução intersemiótica. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003. Coleção Estudos, nº 93.

SUCENA, Eduardo. A dança teatral no Brasil. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura-Fundação Nacional de Artes Cênicas, 1989.

VELLOZO, Marila Annibelli. A imagem do Teatro Guaíra e da dança em Curitiba: influência e contaminação através da mídia. São Paulo: Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica – PUC-SP, 2005.

WOSNIAK, Cristiane. Um olhar institucional sobre a história da dança em Curitiba. In: PEREIRA, Roberto; MEYER, Sandra e NORA, Sigrid. (orgs.). História em movimento: biografias e registros em dança – Seminários de Dança 1. Caxias do Sul: Lorigraf, 2008.

Créditos das fotos:

- Capa - Das Gericht – bailarina Helen de Aguiar - Alceu Bortolanza
- Guarda - Das Gericht (2010) - Alceu Bortolanza
- Pg. 3 (abertura) - Anjo Negro (2007) - Douglas Fróis
- Pg. 4 - Vetores (1987) - Acervo da companhia
- Pg. 5 – (Sumário) - Bailarina Naiana Wöhlke Ce - Douglas Fróis
- Pg. 6 - Bastidores espetáculo Tempo (2009) - Bailarinos Helen de Aguiar e Paulo Thomas Cruz - Douglas Fróis
- Pgs. 8-9 - Sobre uma menina exemplar (2005) - Acervo da companhia
- Pg. 12 - Arthur (2010) - Bailarino Paulo Thomas Cruz - Douglas Fróis
- Pg. 15 - Outono (1997) - Bailarina Cristiane Wosniak - Ennio Vianna
- Pg. 17 - Das Gericht (2010) - Douglas Fróis
- Pgs. 18-19 - Ensaio espetáculo Tempo (2009) - Douglas Fróis
- Pg. 20 - Suicídio (1988) - Ennio Vianna
- Pg. 24 - Ensaio em sala de aula (2010) - Douglas Fróis
- Pg. 26 - Só em Acapulco (2011) - Zeca Ricetti
- Pg. 28 - Encartes (2006) - Bailarina Anna Paula Maranhão - Alex Barbosa
- Pg. 29 - Só em Acapulco (2011) - Zeca Ricetti
- Pg. 32 - Cruel Inocência (1987) - Ennio Vianna
- Pg. 35 - Cima – Cruel Inocência (1987) bailarina Vanisa Bento - Ennio Vianna - Baixo/ lado esquerdo – Cruel Inocência (1987) - Ennio Vianna - Baixo/ lado direito – Cruel Inocência (2001) - Roberto Reitenbach
- Pg. 37 - Só em Acapulco (2011) - Zeca Ricetti
- Pg. 38 - Cima – Fragmentos da Alma (2003) - Chico Rasia - Baixo – Celacanto (2010) - Douglas Fróis
- Pg. 40-41 - Viagem (1996) - Acervo da companhia
- Pg. 42 - Cima – Viagem (1988) - Acervo da companhia - Baixo – Viagem (1988) - Revista Dançar – (Foto Áurea – Joinville-SC) - Lateral direita (de cima para baixo) - Viagem (1998) - Roberto Reitenbach
- Pg. 45 - A Aparição do Vaithi (1989) - Ennio Vianna
- Pg. 47 - Passionata (2001) - Roberto Reitenbach
- Pg. 48 - Suicídio (1988) - Ennio Vianna
- Pg. 50 - Hall of Mirrors (1986) - Acervo da companhia
- Pg. 51 - Cima – Metrópolis (1987) - Acervo da companhia - Baixo – Imagens (1987) - Acervo da companhia
- Pg. 52 - Celacanto (1986) - Bailarina Marina Prado - João Castelo Branco
- Pg. 53 - Blume (2001) - Bailarinos Cláudio Fontan e Cecília Ribas - Roberto Reitenbach
- Pg. 56 - Cidade Aberta (1991) - Acervo da companhia
- Pg. 59 - Beauborg (1991) - Bailarina Cristiane Wosniak - Ennio Vianna
- Pg. 60 - High Society (2010) - Douglas Fróis
- Pg. 62-63 - O Conductor (1992) - Acervo da companhia
- Pg. 64 - Pessoas Marcadas (1993) - Acervo da companhia
- Pg. 65 - Mosaico de fotos de Pessoas Marcadas 2 (2004) - Chico Rasia
- Pg. 66 - O Anjo (1994) - Acervo da companhia
- Pg. 68 - Coreógrafo Rafael Pacheco (2011) - Christian Alves
- Pg. 71 - Mosaico de fotos de O Senhor da Noite (1997) - Acervo da companhia



Pg. 72-73 - A Vaca (1998) - Acervo da companhia
Pg. 74 - Dobermann (1999) - Roberto Reitenbach
Pg. 75 - Um Grito (2001) - Bailarina Fabíola Berwanger - Roberto Reitenbach
Pg. 75-77 - Leyllas e um poeta (2000) - Wilson M. Voitena
Pg. 78 - Bailarina Velize Rocha (2004) - Chico Rasia
Pg. 80 - Anjo Negro (2007) - Douglas Fróis
Pg. 80-81 - Só em Acapulco (2011) - Christian Alves
Pg. 82-83 - Anjo Negro (2007) - Douglas Fróis
Pg. 83 - Aniversário (2002) - Chico Rasia
Pg. 86 - Valsa Nº 30 (2011) - Alceu Bortolanza
Pg. 89-90 - Tolerância Zero (2000) - Acervo da companhia
Pg. 92-93 - Ensaio de Silêncio (2009) - Douglas Fróis
Pg. 94 - Tolerância Zero (2000) - Acervo da companhia
Pg. 96-97 - Ensaio de Diacronia (2010) - Douglas Fróis
Pg. 98 - Silêncio (2009) - Douglas Fróis
Pg. 100-101 - Ensaio de Silêncio (2009) - Douglas Fróis
Pg. 102 - Anjo Negro (2007) - Douglas Fróis
Pg. 103 - Subway (2005) - Acervo da companhia
Pg. 104-105 - Suicídio (1988) - Ennio Vianna
Pg. 108 - Leyllas e um poeta (2001) - Chico Rasia
Pg. 109 - Mosaico ao centro – Aniversário (2002) - Chico Rasia - Lateral direita – bailarina Simone Santos Carmo - Acervo da companhia
Pg. 112 - Arthur (2011) - Bailarino Fernando Vidal - Christian Alves
Pg. 114 - High Society (2010) - Douglas Fróis
Pg. 115 - Vaptvupt (2010) - Alceu Bortolanza
Pg. 117 - Arthur (2011) - Christian Alves
Pg. 118 - Rosas (2009) - Bailarina Juliana Virtuoso - Douglas Fróis
Pg. 120 - Cima – sala de aula - Douglas Fróis - Baixo – Rosas (2009) - Douglas Fróis
Pg. 121 - Transgressão do medo (2002) - Chico Rasia
Pg. 122-123-124 - Rosas (2009) - Douglas Fróis
Pg. 125 - A Aparição do Vaithi (2010) - Douglas Fróis
Pg. 126 - Mosaico de fotos de ensaios Arthur (2010) - Douglas Fróis
Pg. 127 - Sala de aula - Douglas Fróis
Pg. 128 - Cenários no teatro da Reitoria (2011) - Acervo da companhia
Pg. 130 - Corpo de Delito (1998) - Roberto Reitenbach
Pg. 131 - Ensaio em sala de aula - Douglas Fróis
Pg. 132 - A Aparição do Vaithi (2010) - Douglas Fróis
Pg. 133 - Blasfemate (2010) - Douglas Fróis
Pg. 135 - Valsa Nº 30 (2011) - Christian Alves
Pg. 138-139 - Across (2010) - Alceu Bortolanza
Guarda Final - Das Gericht (2010) - Alceu Bortolanza

